

KRISTIN HANNAH

ENTRE
IRMÃS





CAPÍTULO UM

A DRA. BLOOM esperava pacientemente por uma resposta.

Meghann Dontess recostou-se no diva e observou as unhas. Era hora de ir à manicure.

— Eu tento não sentir tanto, Harriet. Você sabe disso. Acho que sentir me impediria de aproveitar a vida.

— É por isso que me vê todas as semanas, há quatro anos? Por aproveitar tanto a vida?

— Eu não diria isso se fosse você. Depõe contra sua capacidade psiquiátrica. Sabe, é possível que eu tivesse sido perfeitamente normal quando a conheci e na verdade você esteja me deixando louca.

— Você está usando o humor como escudo de novo.

—Você me dá crédito demais. Não foi engraçado.

Harriet não sorriu.

— Vamos falar do dia em que você e Claire foram separadas.

Meghann mexeu-se no diva. Sabia aonde Harriet queria chegar.

— Esse assunto está encerrado.

— É interessante que você mantenha uma relação com sua mãe enquanto se distancia da sua irmã.

Meghann deu de ombros.

— Minha mãe é atriz. Eu sou advogada. Nós nos sentimos à vontade com o faz-de-conta.

— Como assim?

— Você já leu alguma entrevista da minha mãe? Ela diz a todo mundo que levou uma vida pobre, patética, mas repleta de amor. Nós fingimos que é verdade.

— Vocês moravam em Bakersfield quando a farsa patética mas repleta de amor chegou ao fim, certo?

Meghann não respondeu.

— Claire tinha nove anos, se não me engano. — prosseguiu Harriet.

— Não comece — pediu Meghann.

Harriet a encarou.

— Não fuja. Nós estamos progredindo.

— Mais progresso, e eu precisarei de uma ambulância. Deveríamos conversar sobre o meu trabalho. É por isso que consulto você. A vara de família anda uma loucura. Ontem um pai caloteiro apareceu de Ferrari e jurou que estava completamente quebrado. Não queria pagar os estudos da filha.

— Por que continua me pagando se não discute a raiz dos seus problemas?

— Eu tinha 16 anos quando tudo isso aconteceu. Agora estou com 42. É hora de seguir em frente. Já não importa mais.

— Então por que ainda tem o pesadelo?

Meghann deveria ter previsto isso. Consultou o relógio de platina e ouro.

— Que pena, Harriet. Acabou o tempo. Vamos ter de resolver minhas tristes neuroses na semana que vem.

Ela levantou-se.

— Gosta da sua vida, Meghann? — perguntou Harriet.

Essa era nova.

— Por que não gostaria? Sou a melhor advogada de divórcios no Estado. Moro...

— Sozinha.

— Num apartamento magnífico sobre o Pike Place Market e dirijo um Porsche novinho em folha.

— Família?

— Minha mãe passou uma semana comigo no ano passado. Se eu tiver sorte, ela voltará a me visitar a tempo de assistirmos juntas pela MTV à colonização de Marte.

— E Claire?

— Minha irmã e eu temos problemas, reconheço. Mas nada grave. Só somos ocupadas demais para nos vermos. — Como Harriet não disse nada, Meghann apressou-se em preencher o silêncio. — Tudo bem, ela me enlouquece, o jeito como desperdiça a vida. Ela é inteligente o bastante para fazer o que quiser, mas fica presa àquele acampamento tosco que eles chamam de *resort*.

— Com o pai dela.

— Eu não quero falar sobre minha irmã. E *definitivamente* não quero falar sobre o pai dela.

Harriet deu leves batidas com a caneta na mesa.

— Muito bem. Que tal isto: qual foi a última ocasião em que dormiu com o mesmo homem duas vezes?

— Gosto de variedade.

— Do mesmo jeito que gosta de homens mais novos, não é? Homens que não sentem a menor vontade de se estabelecer.

— Não quero uma casa com cerca nos confins da cidade. Não me interessa a vida familiar.

— E da solidão, você gosta?

— Não sou solitária — respondeu, inflexível. — Sou independente. Homem não gosta de mulher forte.

— Homem forte gosta. E mulher forte enfrenta os próprios temores. Fala sobre as escolhas dolorosas que fez na vida.

Meghann chegou a encolher-se.

— Desculpe, Harriet, preciso ir. Até a semana que vem.

Ela saiu do consultório.

Lá fora, fazia um dia gloriosamente ensolarado de junho. Adiantado no suposto verão. Em qualquer outro lugar do país, as pessoas estavam nadando, preparando churrasco e organizando piqueniques à beira da piscina. Ali, na boa e velha Seattle, todos consultavam o calendário e murmuravam que era junho, droga.

Havia poucos turistas passeando nessa manhã, forasteiros identificáveis pelos guarda-chuvas debaixo do braço. Meghann atravessou a rua movimentada, até o jardim do parque à margem da baía. À sua frente, o azul-marinho da Puget Sound estendia-se ao longo do horizonte pálido. Ela adoraria poder se reconfortar com essa vista. Mas hoje sua mente estava enredada na teia de outro tempo e outro lugar.

Se fechasse os olhos — o que não ousava fazer —, se lembraria de tudo: a discagem do número de telefone, a conversa formal, desesperada, com um homem que não conhecia, a longa viagem até aquela cidadezinha ao norte. E, o pior de tudo, as lágrimas que ela havia enxugado no rosto corado da irmã caçula depois de dizer: *Estou indo embora.*

Ela agarrou o parapeito. A Dra. Bloom estava enganada. Falar sobre sua escolha dolorosa e os anos solitários que se seguiram não ajudaria.

O passado dela não era um conjunto de lembranças a ser explorado; era uma mala Samsonite imensa com rodinhas. Tudo o que Meghann podia fazer era arrastá-la.

CLAIRE CAVENAUGH encontrava-se à margem do rio Skykomish, as botas afundadas quase à altura dos tornozelos na lama marrom. A seu lado havia um cortador de grama sem gasolina. Ela sorriu, passou a mão protegida com luva na testa suada. A quantidade de trabalho braçal necessária para deixar o *resort* pronto para o verão era inacreditável.

Resort.

Era assim que seu pai chamava aqueles seis hectares. Sam Cavanaugh deparara-se com o terreno quase quarenta anos antes, quando Hayden ainda era só uma parada para abastecimento a caminho de Stevens Pass. Ele comprara o sítio por uma ninharia e estabelecera-se na casa decrépita que lá havia. Batizara o lugar de Resort River's Edge e começara a sonhar com uma vida que não incluía capacetes, tampões de ouvido e plantões noturnos na fábrica de papel de Everett.

No começo, trabalhara incansavelmente, mesmo nos fins de semana. Com uma serra elétrica, uma caminhonete e um mapa desenhado num guardanapo, deu início à empreitada. Abriu áreas para acampamento, limpou o acúmulo de vegetação rasteira e construiu à mão cada chalé de madeira à margem do rio. Agora o River's Edge era um próspero negócio de família. Havia oito chalés ao todo,

cada qual com dois quartos, um banheiro e uma varanda com vista para o rio.

Nos últimos anos, haviam feito também uma piscina e um salão de jogos. Era o tipo de lugar aonde as mesmas famílias iam ano após ano para passar suas preciosas férias.

Claire ainda se lembrava da primeira vez em que o vira. As árvores gigantescas e o rio prateado pareceram-lhe uma espécie de éden. Suas lembranças infantis anteriores ao River's Edge eram cinzentas: cidades feias que iam e vinham, apartamentos ainda mais feios em prédios arruinados. A mãe casara-se repetidas vezes, mas Claire não se lembrava de nenhum homem que tivesse permanecido muito tempo. Era de Meghann que Claire se lembrava. A irmã mais velha que tomava conta de tudo... e um dia se foi, deixando-a para trás.

Agora, todos esses anos depois, suas vidas eram ligadas pelo mais tênue laço. De meses em meses, ela e Meg conversavam pelo telefone. Então Meg invariavelmente “recebia outra chamada” e desligava. A irmã adorava enfatizar que era um sucesso e que Claire se subestimara. *Morando nesse acampamento ridículo, limpando a sujeira dos outros* era a sua ladainha. Todos os natais ela se oferecia para pagar uma universidade para Claire. Como se ler *Beowulf* fosse melhorar a vida da irmã.

Durante anos Claire desejara ser sua amiga, além de irmã, mas Meghann não queria isso, e elas eram o que Meghann queria que fossem: desconhecidas educadas que dividiam um grupo sanguíneo e uma infância difícil.

Claire pegou o cortador de grama. Ao caminhar pelo lamaçal, notou uma dezena de coisas que precisavam ser feitas antes do dia de abertura. Era preciso aparar as ro-

seiras, raspar o musgo do telhado, tirar o mofo do para-peito das varandas. Mentalmente, tomou nota para pedir a George, o empregado que fazia de tudo, para esfregar as canoas naquela tarde.

Jogou o cortador de grama na traseira da caminhonete. Ele caiu com um tinido que chacoalhou a carroceria enferrujada.

— Oi, querida. Vai à cidade?

Ela virou-se e viu o pai na varanda da casa de recepção. Ele usava um macacão esfarrapado e uma camisa de flanela.

— Vou consertar aquele freezer. Nem pense em ver o preço de modelos novos.

Não havia aparelho que ele não soubesse consertar.

— Precisa de alguma coisa da cidade? — perguntou ela.

— Smitty tem uma peça para mim. Você pode pegar?

— Claro. E peça ao George que comece a limpar as canoas quando chegar, está bem?

— Vou pôr isso na lista. Volta para o jantar?

— Hoje, não. A princesa tem um jogo de *t-bal* no parque Riverfront, lembra? Às 17 horas.

— Ah, é. Estarei lá.

Claire assentiu, certa de que ele estaria. Ele não perdia nenhum acontecimento na vida da neta.

— Tchau, pai.

Ela torceu a maçaneta da caminhonete e deu um puxão. A porta abriu. Ela subiu no banco.

O pai fechou a porta do veículo.

— Dirija com atenção. Cuidado com a curva dos quatro quilômetros.

Ela sorriu. Havia quase duas décadas que ele dava o mesmo conselho.

— Amo você, pai.

— Amo você também, filha. Agora vá pegar minha neta.

CAPÍTULO DOIS

A LATERAL DO PRÉDIO dava para a Sound. Uma parede de janelas que se estendiam do chão ao teto emoldurava a bela vista.

Meghann estava sentada sozinha à longa mesa de reuniões. A superfície lustrada de cerejeira e ébano sugeria requinte e luxo. Quando a pessoa se sentava àquela mesa e contemplava a vista, a intenção era óbvia: mostrar que o dono do escritório era muito bem-sucedido.

Era verdade. Meghann alcançara todos os objetivos que traçara para si mesma. Ao ingressar na universidade, a adolescente assustada e solitária ousara sonhar com uma vida melhor. E a havia atingido. Sua firma estava entre as mais prósperas e respeitadas da cidade.

Ela consultou o relógio: 16h20. A cliente estava atrasada.

Era de imaginar que cobrar mais de trezentos dólares a hora incentivaria as pessoas a chegarem pontualmente.

— Sra. Dontess? — irrompeu a voz pelo interfone.

— Sim, Rhona?

— Sua irmã, Claire, está na linha um.

— Pode passar. E me avise quando May Monroe chegar.

Meghann apertou o botão do telefone e forçou um sorriso na voz.

— Claire, que bom que você ligou!

— Você também pode telefonar. Como vai a vida na Terra do Dinheiro?

— Tudo bem. E em Hayden? Ainda está todo mundo esperando o rio transbordar?

— Este ano o perigo já passou.

— Ah. — Meghann olhou pela janela. — E como vai minha sobrinha linda? Ela gostou do *skate*?

— Adorou. — Claire riu. — Mas, Meg, na próxima vez é melhor você pedir ajuda às vendedoras. Meninas de cinco anos geralmente não têm coordenação para andar de *skate*.

— Você tinha. Nós morávamos em Needles na época.

Meg imediatamente desejou não ter dito isso. Sempre doía lembrar o passado delas juntas. Durante muitos anos, Claire fora mais filha que irmã de Meghann. Sem dúvida, Meg fora mais mãe de Claire que a mãe de ambas jamais havia sido.

— Compre um filme da Disney na próxima vez. Não precisa gastar tanto dinheiro. Ela vai ficar feliz com uma Polly.

Um silêncio incômodo instaurou-se entre elas. Meghann consultou o relógio mais uma vez. Então ambas falaram ao mesmo tempo.

— O que você está...

— Como vai a firma?

— Bem. E o acampamento?

— *Resort*. Abriremos em duas semanas. Os Jefferson vão fazer uma reunião de família para cerca de vinte pessoas.

— Uma semana sem telefone nem televisão? Por que será que a música-tema de *Amargo pesadelo* me vem à mente?

— Algumas famílias gostam de se reunir — respondeu Claire, naquele tom de voz firme que diz: você me magoou.

— Desculpe. Tem razão. Sei que você adora esse lugar.

— É... — Claire hesitou. — Eu vou ao lago Chelan amanhã.

— A viagem anual das amigas — deduziu Meghann. — Como vocês se chamam? As Bluesers?

— É.

— Ainda vão ao mesmo lugar?

— Todo verão, desde o secundário.

Meghann não conseguia imaginar-se amiga de pessoas com as quais freqüentara o secundário.

— Bem, divirtam-se.

— Ah, vamos nos divertir. Este ano, Charlotte...

A campainha do interfone tocou.

— Meghann? A Sra. Monroe está aqui.

— Droga. Desculpe, Claire, preciso desligar.

— Ah, tudo bem. Sei o quanto você adora ouvir sobre minhas amigas que não completaram os estudos.

— Não é isso. Acabou de chegar uma cliente.

— Claro, tchau.

— Tchau.

Meghann desligou o telefone quando a secretária indicava à Sra. Monroe a sala de reuniões.

— Oi, May — saudou Meghann, adiantando-se para a cliente. — Obrigada, Rhona. Por favor, não passe nenhuma ligação.

A secretária assentiu e deixou a sala, fechando a porta.

May Monroe ficou parada diante de um grande quadro a óleo, um Nechita original chamado *Verdadeiro amor*. Meghann sempre adorara a ironia disso: ali, naquela sala, o verdadeiro amor morria a cada dia.

May usava um vestido de jérsei preto e sapatos também pretos que estavam fora de moda havia pelo menos cinco anos. O anel de casamento era um aro liso de ouro. Olhando para ela, jamais imaginaríamos que o marido dirigia um Mercedes preto e batia ponto todas as terças-feiras no campo de golfe Broadmoor. May provavelmente não gastava dinheiro consigo mesma havia anos. Desde que se matara de trabalhar num restaurante para pagar a faculdade de odontologia do marido.

— Por favor, May, sente-se.

May avançou como uma marionete que tivesse sido movida por outra pessoa. Sentou-se numa das cadeiras de camurça preta.

Meghann acomodou-se no lugar de sempre, à cabeceira da mesa. Espalhadas diante dela, diversas pastas com adesivos cor-de-rosa ao longo das margens dos documentos. Meghann fitou a cliente.

— Como lhe falei no nosso último encontro, contratei um detetive particular para investigar as finanças do seu marido.

— Foi perda de tempo, não foi?

— Não exatamente.

May encarou-a durante alguns instantes, levantou-se e dirigiu-se ao aparelho de café de prata, disposto sobre o aparador de cerejeira.

— Sei — disse afinal. — O que vocês descobriram?

— Ele tem mais de seiscentos mil dólares numa conta nas ilhas Cayman, que está em nome dele. Sete meses atrás, tirou quase todo o dinheiro do crédito imobiliário. Você deve ter achado que estava assinando documentos de refinanciamento.

May virou-se. Segurava uma xícara de café com o pires. A porcelana tilintava nas mãos trêmulas à medida que ela retornava à mesa.

— As taxas tinham caído.

— O que caiu foi o dinheiro. Bem nas mãos dele.

— Ah, meu Deus — murmurou ela.

— Isso não é o pior — prosseguiu Meghann, tentando ser suave com as palavras, mas sabendo o corte fundo que deixaria. — Ele vendeu a clínica para o sócio, Theodore Blevin, por um dólar.

— Por que faria isso? Ela vale...

— Para você não poder receber a metade que lhe cabe.

Com isso, as pernas de May pareceram faltar. Ela desabou na cadeira. A xícara e o pires bateram na mesa com um tinido. O café espirrou sobre a borda de porcelana e formou uma poça na superfície de madeira. May imediatamente começou a limpá-la com o guardanapo.

— Desculpe.

Meghann tocou o braço da cliente.

— Não tem problema.

Levantou-se, pegou mais guardanapos e enxugou o líquido derramado.

— Algum desses papéis explica por que ele faria isso comigo?

Meghann abriu uma pasta e retirou uma fotografia. Com calma, mostrou-a a May.

— O nome dela é Ashleigh.

— Ashleigh Stoker. Agora eu sei por que ele sempre se oferecia para pegar Sarah nas aulas de piano.

Meghann assentiu. Era sempre pior quando a mulher conhecia a amante, mesmo que por alto.

— No Estado de Washington não precisamos de motivos para o divórcio, então o caso extraconjugal dele não importa.

May ergueu os olhos. Tinha a expressão ao mesmo tempo vaga e vidrada de uma vítima de acidente.

— Não importa? — Ela fechou os olhos. — Eu sou uma idiota.

As palavras eram mais um suspiro.

— Não. Você é uma mulher fiel e honesta que pagou os estudos de um homem egoísta para que ele tivesse uma vida melhor.

— Deveria ser uma vida melhor para nós.

— Claro.

Meg estendeu o braço, tocou a mão de May.

— Você confiou num homem que disse amá-la. Agora ele está esperando que você seja aquela velha May solícita que põe a família em primeiro lugar e facilita a vida do Dr. Dale Monroe.

May parecia confusa, talvez até um pouco assustada.

— Como devemos proceder? Não quero fazer mal às crianças.

— Foi ele que fez mal às crianças, May. Roubou dinheiro delas. E de você.

— Mas ele é um bom pai.

— Então vai querer se certificar de que os filhos vivam com conforto e vai entregar metade dos bens sem briga.

— E se não fizer isso?

— Aí vamos forçá-lo.

— Ele vai ficar enfurecido. Meghann inclinou-se para a frente.

— É você que deveria estar enfurecida, May. Esse homem mentiu, traiu você e roubou seu dinheiro.

— Ele também criou meus filhos — retrucou May. — Não quero que a situação fique intolerável. Quero que ele... saiba que pode voltar.

Ah, May. Meghann escolheu as palavras com cuidado.

— Nós vamos apenas ser justas. Não quero fazer mal a ninguém, mas você com certeza não será deixada na miséria por esse homem. Ele é um ortodontista muitíssimo rico. Não vou deixá-lo fazer você sofrer mais.

— E acha que alguns documentos e dinheiro no banco vão me proteger disso? — Ela suspirou. — Vá em frente, Meghann, faça o que for preciso para proteger o futuro dos meus filhos. Mas não vamos fingir que você poderá dar fim ao meu sofrimento. Já dói tanto que mal consigo respirar, e estamos só no começo.

NA VASTIDÃO IRREGULAR dos campos gramados, uma fileira de moinhos de vento cortava o horizonte sem nuvens. Às vezes, quando o tempo ajudava, era possível ouvir o rangido de cada rotação. Hoje fazia calor demais

para se ouvir qualquer coisa além do próprio batimento cardíaco.

Joe Wyatt estava na laje de concreto que servia de varanda do armazém, segurando uma lata agora quente de Coca-Cola: tudo o que sobrara do almoço.

Ele contemplava os campos distantes. O calor o incomodava, e era apenas a segunda semana de junho. De jeito nenhum ele passaria o verão em Yakima Valley. Era hora de se mudar novamente.

A constatação deixou-o desalentado.

Ele imaginou por quanto tempo ainda conseguiria fazer isto, vagar de cidade em cidade. A solidão o fatigava, reduzia-o a uma sombra estreita. Um dia — parecia muito tempo atrás —, ele tivera a esperança de que um daqueles lugares lhe cairia como uma luva, que ele chegaria à cidade, pensaria *É aqui* e alugaria um apartamento em vez de um quarto de hotel decrepito. Já não nutria esse sonho. Depois de uma semana no mesmo quarto, ele começava a sentir coisas, lembrar coisas. Quando criava raízes e se deixava ficar, invariavelmente sonhava com Diana.

Isso não era um problema. Doía, evidentemente, porque ver o rosto dela, mesmo em sonho, enchia-o de uma angústia que lhe atravessava os ossos, mas também havia prazer, a doce recordação de como era a vida, do amor que ele outrora fora capaz de sentir. Se ao menos os sonhos parassem aí, com a lembrança de Diana sentada na relva verde da quadra, à época de faculdade, ou de ambos enrascados na cama grande, em casa, na ilha Bainbridge...

Ele nunca tinha essa sorte. Os belos sonhos invariavelmente desandavam, transformando-se em pesadelos. Quase sempre ele acordava sussurrando “Desculpe”. A única maneira de sobreviver era continuar se mudando.

Nesses anos de nomadismo ele havia aprendido a ser invisível. Se mantínhamos o cabelo cortado e nos vestíamos bem, as pessoas nos viam. Mas, se nos largávamos, esquecíamos de cortar o cabelo, usávamos uma camiseta desbotada Harley-Davidson e carregávamos uma mochila em frangalhos, ninguém nos notava.

Três anos antes, ao fugir, ele havia levado uma mala sofisticada. Ainda se lembrava de estar em seu quarto, preparando-se para uma viagem sem destino ou tempo de duração e se perguntando do que um homem exilado necessitaria. Decidira-se por uma calça caqui, pulôver de merino e até um terno preto Joseph Abboud.

Mas no fim do primeiro inverno sozinho ele já havia entendido que aquelas roupas eram os restos arqueológicos de uma vida esquecida. Tudo de que ele necessitava em sua nova vida era de duas calças *jeans*, algumas camisetas, um suéter e uma capa de chuva. O resto ele dera para pessoas necessitadas.

Fechou os olhos e Diana lhe surgiu.

— Estou cansado — disse ele.

Não adianta o que você está fazendo.

— Não sei o que fazer.

Volte para casa.

— Não posso.

Você está partindo meu coração, Joey.

E ela se foi.

CLAIRE ESTAVA à pia da cozinha, pensando na conversa por telefone que tivera com Meg no dia anterior.

Botou o *waffle* na torradeira. Enquanto ele esquentava, procurou mais louça suja na cozinha, vendo o lugar através dos olhos da irmã.

Não era uma casa ruim. Pequena, sim: três quartos minúsculos amontoados no segundo andar, um único banheiro em cada pavimento, uma sala e uma cozinha com uma bancada, onde também se comia. Nos seis anos em que Claire morava ali, ela havia pintado as paredes outrora verde-musgo de um tom de creme bonito e trocado o grosso carpete laranja por tábuas corridas. Os móveis, embora em sua maioria usados, eram todos remontados com madeira que ela própria havia retocado.

Meg não veria nada desse jeito, evidentemente. Meg, que se formara cedo no secundário e depois atravessara lepidamente sete anos de faculdade, que nunca deixava de mencionar que possuía rios de dinheiro e tinha a desfaçatez de mandar para a sobrinha presentes de Natal que faziam os demais parecerem insignificantes debaixo da árvore.

— Mamãe, meu *waffle* está pronto.

— Está mesmo. — Claire tirou o *waffle* da torradeira, passou manteiga e cortou-o, pondo o prato na frente da filha. — Aí está.

Alison enfiou logo um pedaço na boca, mastigando daquele seu jeito de personagem de desenho animado.

Claire não pôde deixar de sorrir. Ficou admirando a versão em miniatura de si mesma. O mesmo cabelo louro e liso, os mesmos olhos, o rosto em forma de coração. O pai de Alison não deixara nenhuma marca genética na filha. O que vinha a calhar. No instante em que ouvira dizer que Claire estava grávida, ele havia calçado os tênis de corrida.

— Você está de pijama, mamãe. Vamos chegar atrasadas se não se apressar.

— Tem razão. — Claire pensou em tudo o que precisava fazer naquele dia: calafetar os chuveiros e as janelas dos banheiros, desentupir o vaso sanitário do quinto chalé e consertar o galpão das canoas. Ainda estava cedo, nem oito horas, e era o último dia de aula. No dia seguinte, elas partiriam para uma semana de descanso e diversão no lago Chelan. Claire correu os olhos à volta. — Viu minha lista de trabalho, Alison?

— Na mesinha da sala.

Claire pegou a lista, sacudindo a cabeça. Não se lembrava de tê-la deixado ali.

— Quero fazer aulas de bale, mamãe. Posso?

Claire sorriu.

— Eu já quis ser bailarina.

— E por que agora é uma abelha operária?

— Abelha operária é como seu avô me chama. Na verdade, sou gerente-assistente.

Acontecera muito tempo antes, a escolha dessa vida. Como a maioria de suas decisões, Claire havia se deparado com ela sem se dar conta. Primeiro abandonara a Universidade Estadual de Washington, um dos muitos prejuízos que a vida de badalações causara ao ensino superior. Sem diploma nem sonho, vira-se de volta a Hayden. Mas adorava o lugar, o trabalho. Era, nisso e em muitas outras coisas, filha de seu pai. Havia algo naqueles maravilhosos seis hectares ao longo do rio que enchia sua alma.

Claire nunca se sentia um fracasso. Só quando falava com a irmã.

VINTE E QUATRO horas depois, Claire estava pronta para sair de férias. Percorreu pela última vez a casa, procurando qualquer coisa esquecida ou deixada por fazer. Estava endireitando a cortina do boxe quando ouviu passos na sala.

— Pelas barbas de Netuno, o que você ainda está fazendo aqui?

Ela sorriu e afastou-se do banheiro minúsculo.

O pai encontrava-se na sala. Com boa altura e ombros largos, ele fazia todos os cômodos da casa parecerem menores. Mas era a personalidade dele que realmente tinha vulto.

Ela o conhecera aos nove anos. *Bem*, dissera ele, ao dar com os olhos nela, *you must be my daughter. É a menina mais bonita que já vi. Vamos para casa.*

Casa.

Era essa a palavra pela qual ela havia ansiado, com a qual sempre sonhara. Levara anos — e mais que algumas poucas lágrimas — para perceber que ele não oferecera as mesmas boas-vindas a Meghann.

— Oi, pai. Eu estava me certificando de que está tudo pronto para você se mudar para cá.

O sorriso dele revelou a dentadura branquíssima.

— Você sabe muito bem que não vou me mudar para cá. Eu gosto do meu *trailer*. Tenho geladeira e antena parabólica. Não preciso de mais nada.

Eles tinham essa discussão desde que Claire se mudara de volta para a propriedade e o pai lhe cedera a casa. Ele jurava que o *trailer* escondido em meio às árvores oferecia espaço suficiente para um homem solteiro de 56 anos.

— Agora venha dançando até aqui e dê um abraço no seu velho.

Claire obedeceu. Os braços fortes dele a envolveram, fizeram-na se sentir segura e amada.

— Vou sair em uma hora — avisou ela. — O vaso sanitário do quinto...

Ele a girou e empurrou-a com delicadeza em direção à porta.

— Suma. Este lugar não vai cair aos pedaços sem você.

Claire não pôde deixar de sorrir.

— Tudo bem.

— Leve o tempo que quiser. De verdade. Você só tem 35 anos. Você e Alison deveriam se divertir. Você é responsável demais.

— Eu tenho 35 anos, sou mãe solteira e nunca me casei. Isso não é ser responsável demais, e vou, *sim*, me divertir em Chelan. Mas estarei de volta em uma semana.

Ele deu um tapinha no ombro dela.

— Você sempre faz exatamente o que quer, mas não pode me culpar por tentar. Divirta-se.

Claire saiu da casa para o dia cinzento. Caía uma garoa fina.

— Vamos, mamãe!

Alison botou o rostinho para fora da janela aberta do carro.

O pai correu à frente dela e beijou a neta.

Claire entrou no carro e ligou o motor.

— Estamos prontas, Ali? Não esqueceu nada?

Alison pulou no banco, segurando a baleia de pelúcia e a merendeira de Mary-Kate e Ashley.

— Estou pronta!

— Então vamos zarpar — disse Claire, engatando a marcha enquanto gritava um último adeus ao pai.

Claire adorava o acampamento Blue Skies do lago Chelan. Ela e as amigas haviam passado as férias lá pela primeira vez alguns anos depois do secundário. Eram cinco meninas ao todo, mas o tempo e uma tragédia tinham reduzido o número para quatro. No começo, elas eram jovens, rebeldes e obcecadas pelos rapazes da cidade. Aos poucos, quando começaram a levar também berços e carrinhos, as férias haviam sossegado um pouco. Agora, com as crianças em idade de nadar e brincar sozinhas no parquinho, elas tinham reencontrado um pouco da antiga liberdade.

— Mamãe, você não está prestando atenção.

— Ah. Desculpe, querida.

— Eu *disse* que o chalé nupcial é nosso este ano, lembra? — Ela pulou com mais entusiasmo no banco. — Oba! Nós vamos ficar com a banheira grande. Você trouxe meu *skate*?

— Não. Você é muito pequena para andar nele.

— Por que tia Meg nunca vem nos visitar?

— Tia Meg é tão ocupada que mal tem tempo de respirar.

— Eliot Zane ficou azul quando deixou de respirar.

— Eu só quis dizer que Meg é super ocupada ajudando os outros.

Claire pôs uma fita cassete da Disney no aparelho de som. Em pouco tempo elas atravessavam a planície árida do lado leste do Estado.

— Olhe o escorrega! — disse Alison, afinal. Ela inclinou-se para a frente, contando em voz alta. Quando chegou a 47, gritou: — Olhe o lago!

O lago Chelan surgiu à esquerda, uma enorme extensão de água azul e cristalina, aninhada contra a encosta dourada. Elas atravessaram a ponte que dava na cidade.

Duas décadas antes a cidade não tinha nem três quadras de comprimento e não havia nenhuma franquia nacional. Mas, com o tempo, a notícia do clima espalhara-se por aquelas regiões litorâneas cheias de umidade que tanto prezavam seus rododendros minúsculos e suas samambaias gigantescas. Aos poucos os habitantes de Seattle começaram a prestar mais atenção ao leste. Tornou-se uma tradição de veraneio atravessar as montanhas em direção à planície árida. Ao chegar, os turistas trouxeram consigo o progresso. Prédios brotaram ao longo da margem. O lugar transformara-se numa próspera atração de férias, com todas as comodidades exigidas pelas crianças: piscinas, parques aquáticos e aluguel de *jet ski*.

A estrada contornava a orla. Elas passaram por dezenas de prédios. Então a orla tornou-se novamente mais desabitada. Viram a placa: ACAMPAMENTO BLUE SKIES, PRÓXIMA À ESQUERDA.

— Olhe, mamãe, olhe!

A placa mostrava duas árvores estilizadas escurando uma barraca, com uma canoa à frente.

— É isso aí, Ali.

Claire dobrou à esquerda na estrada pedregosa.

DEPOIS DE SE REGISTRAR na recepção, Claire entregou a Alison a chave do chalé nupcial.

— Aqui está, Ali. Você é a responsável. Mostre o caminho.

Com um grito, Ali saiu em disparada, e Claire correu atrás dela. As duas atravessaram o jardim, passaram pelo galpão onde se alugavam barcos e meteram-se entre as árvores. O chão ali era terra dura, coberta pelo equivalente a cem anos de folhas de pinheiro.

Finalmente elas chegaram ao lago. Um cais de madeira oscilava ao sabor da água azul.

— Clara Bela!

Claire protegeu os olhos com a mão e procurou em volta.

Gina estava sentada à margem, acenando. Mesmo dali, Claire podia ver o tamanho do drinque na mão da amiga. Em geral, Gina era a conservadora, a bóia que segurava todo mundo, mas ela se divorciara alguns meses antes e estava à deriva. Na semana anterior, o ex-marido fora morar com uma mulher mais jovem.

— Venha, Ali!

Era Bonnie, a filha de seis anos de Gina.

Alison largou a mochila e despiu-se, revelando o biquíni amarelo.

— Estou pronta.

— Não vá para o fundo — advertiu Claire.

Claire sentou-se ao lado de Gina.

— A que horas vocês chegaram?

Gina riu.

— Na hora, evidentemente. É uma coisa que aprendi este ano. Nossa vida pode desmoronar, mas continuamos sendo o que somos. E eu sou uma mulher que chega aos lugares na hora.

— Não há nada de errado nisso.

— Rex discordaria. Sempre reclamou que eu não era espontânea o bastante. Achei que ele estivesse se referindo

a fazer sexo à tarde. Acabou que queria fazer pára-quedismo. — Ela sacudiu a cabeça, abrindo um sorriso torto. — Agora eu adoraria empurrá-lo do avião.

— Eu ajeitaria o pára-quedas para ele.

Elas riram, embora não fosse engraçado.

— Como Bonnie está reagindo?

— Essa é a parte mais triste. Ela mal parece notar. Rex nunca estava em casa mesmo.

Ficaram em silêncio por alguns instantes. O único som entre elas era o rumor da água no cais e o riso das meninas. Gina virou-se para ela.

— Como conseguiu ficar sozinha durante todos esses anos?

Claire não pensava muito na solidão desde o nascimento de Alison. Sim, ela era sozinha — no sentido de que nunca fora casada nem vivera com um homem —, mas raramente se sentia solitária.

Claire olhou para Alison, que pulava na parte rasa da água. A cena fez seu peito apertar. Ela sabia que amava a filha em excesso, mas nunca soubera amar de outro jeito. Por isso jamais se casara. Eram raros os homens que amavam suas mulheres incondicionalmente. Na realidade, Claire duvidava da existência desse tipo de amor verdadeiro.

— A gente esquece a solidão. E vive pelos filhos — respondeu.

— Alison não deveria ser todo o seu mundo, Claire.

— Não é que eu não tenha *tentado* me apaixonar. Sai com todos os caras de Hayden.

— Nenhum deles duas vezes. — Gina sorriu. — E Bert Shubert ainda é gamado por você. A Sra. Hauser acha você doida por deixá-lo escapar.

— É triste quando um encanador de 53 anos com óculos fundo-de-garrafa e cavanhaque ruivo é considerado bom partido só porque possui uma loja de ferramentas.

Gina riu.

— É. Se um dia eu disser a você que estou saindo com Bert, dê-me um tiro.

— Você vai ficar bem, Gina. Juro que vai.

— Não sei — murmurou Gina, e começou a chorar.

Por mais absurdo que fosse, Claire pensou no dia em que sua vida mudara: quando aprendeu que o amor tinha data de validade, um dia-limite que podia chegar de repente e fazer tudo azedar. *Estou indo embora*, a irmã dissera. Até aquele momento, Meg fora o mundo de Claire, e mais mãe do que sua mãe jamais havia sido.

Então Claire chorou também.

Gina fungou.

— Dez minutos na minha companhia, e pessoas perfeitamente felizes começam a chorar.

Claire enxugou os olhos. Não havia motivo para derramar lágrimas pelo passado.

— Lembra o ano em que Char despencou do cais porque estava chorando tanto que mal conseguia enxergar?

— A crise dos quarenta de Bob. Ela achou que estivesse tendo um caso.

— E acabou que ele estava fazendo implante capilar às escondidas.

Gina abraçou Claire.

— Graças a Deus pelas Bluesers. Não preciso tanto assim de vocês desde que estava grávida.

CAPÍTULO TRÊS

A NOITE TRAZIA o melhor de Seattle. A auto-estrada — um pesadelo congestionado na hora do *rush* matinal — tornava-se, à noite, um reluzente dragão chinês vermelho e dourado que serpenteava ao longo da margem enegrecida do lago Union. Meghann estava à janela do escritório. Eram 20h30. Hora de voltar para casa. Ela levaria consigo a pasta Wanamaker. Para se adiantar no dia seguinte.

Estava quase no elevador quando o celular tocou. Tirou-o da bolsa.

— Meghann Dontess — disse.

— Meghann? — A voz trazia nervosismo. — É May Monroe.

Meghann ficou imediatamente alerta.

— O que houve?

— Dale apareceu aqui em casa agora à noite e falou alguma coisa sobre uns documentos que recebeu hoje. Estava alucinado. O que você mandou para ele?

— Nós conversamos sobre isso, May. Eu notifiquei o advogado de Dale de que contestaríamos a transferência fraudulenta da clínica e exigiríamos o extrato da conta nas ilhas Cayman. Também avisei ao advogado que sabíamos do caso extraconjugal com a professora de piano da filha e

que essa conduta poderia ameaçar a idoneidade dele como pai.

— Você ameaçou afastá-lo dos filhos?

— Filho é um trunfo com homens como seu marido. Finja querer a custódia e receberá mais dinheiro.

— Você acha que conhece meu marido melhor do que eu.

— Não preciso conhecê-lo — respondeu Meghann, usando o discurso automático que criara havia muito tempo.— Meu trabalho é proteger você. Se incomodo seu marido no percurso, trata-se de uma triste necessidade. Ele vai se acalmar. Sempre se acalmam.

— Você não conhece Dale — insistiu ela.

Meghann sentiu um tom diferente. Havia algo errado.

— Está com medo dele, May?

— Medo?

May tentou parecer surpresa com a pergunta.

— Ele bate em você, May?

— Às vezes, quando bebe. Eu digo a coisa errada.

Ah, claro. É culpa dela.

— Você está bem?

— Ele não me bateu. E não bate nas crianças.

Meghann não disse o que lhe ocorreu. Com frequência, se o homem bate na mulher, vai acabar batendo nos filhos.

— Nós precisamos deixar claro que não pretendo tirar os filhos dele. Senão ele vai enlouquecer — disse May, a voz um pouco rouca.

— May, vamos avançar três meses no tempo. Imagine que Dale está morando com a Barbie Bailarina, e eles chegam em casa bêbados uma noite. Suponho que você sempre tenha sido uma muralha entre seu marido e as cri-

anças. Provavelmente aprendeu a acalmá-lo e a desviar sua atenção dos filhos. Será que a Barbie vai saber protegê-los?

— Sou tão previsível assim?

— Infelizmente, a situação é. A boa notícia é que você está dando a si mesma e a seus filhos um novo começo. Não vacile agora.

— Então o que devo fazer?

— Tranque as portas e desligue o telefone. Se não se sentir segura, vá para a casa de um parente ou amigo. Amanhã nos encontraremos e traçaremos outro plano. Vou pedir alguns mandados de restrição.

— Você pode garantir nossa segurança?

— Vocês vão ficar bem. Confie em mim. Quando vir sua força, ele vai recuar.

— Tudo bem. Quando podemos nos encontrar?

— Que tal um almoço tardio, às 14 horas, no café próximo ao tribunal?

— Tudo bem.

— Ótimo. Até lá.

Meghann colocou o telefone na bolsa e apertou o botão do elevador. Quando a porta abriu, entrou, como sempre, estudando seu reflexo no espelho. Tinha 42 anos, e, como parecia que havia completado trinta apenas dias antes, era forçoso presumir que estaria com cinquenta num piscar de olhos.

Isso a deprimia. Ela se imaginava aos sessenta. Sozinha, trabalhando do raiar do dia ao anoitecer, conversando com os gatos da vizinha e embarcando em cruzeiros para solteiros.

Lá fora, a noite estava linda: o céu ametista conferia a tudo um brilho rosa-pérola. Ela caminhava rápido pela

rua, avançando sem olhar nos olhos de ninguém. Em frente a seu prédio, deteve-se e olhou para cima.

Ali estava sua varanda. A única no edifício sem plantas ou móveis. Atrás dela, as janelas se encontravam escuras, enquanto o resto do prédio irradiava luz. Amigos e parentes se achavam naqueles lugares iluminados, jantando, assistindo à televisão, fazendo amor. Interagindo.

Meghann não queria subir, vestir o antigo conjunto de moletom da Universidade de Washington, jantar grânola e assistir a um episódio repetido de *Third Watch*. Portanto, seguiu adiante, para o Public Market. Àquela hora, praticamente tudo estava fechado.

Dirigiu-se ao Athenian, o bar antiquado que *Sintonia de amor* tornara famoso. Meghann havia aperfeiçoado a arte de sondar um bar sem ser óbvia. Foi o que fez. Havia cinco ou seis homens no local. Pescadores preparando-se para a temporada no Alasca, imaginou.

— Oi, Meghann — gritou Freddie, o *barman*. — O de sempre?

Ela atravessou o bar e sentou-se a uma das antigas mesas de madeira envernizada.

— Aqui está — disse Freddie, pondo um copo de martíni diante dela. Sacudiu a coqueteleira de aço e serviu o *cosmopolitan*. — Quer uma porção de ostras e batatas fritas?

— Você leu minha mente.

Freddie sorriu.

— Não é tão difícil, doutora. — Ele inclinou-se para ela. — Os Eagles vão aparecer hoje à noite.

— Os Eagles?

— O time de Everett.

Ele piscou para ela.

Meghann prendeu um gemido. Não era nada bom quando o *barman* começava a recomendar times inteiros.

Ela fechou os olhos, lembrando a si mesma que essa era a vida que ela queria. Já havia experimentado o casamento, que terminara exatamente como ela temia: com a traição do marido e seu coração em pedaços.

Quando o primeiro drinque chegou ao fim, pediu mais um.

— Posso me sentar com você?

Ela ergueu a cabeça e se viu fitando dois olhos castanhos. Dava para ver, pela aparência do rapaz — jovem, louro, muitíssimo sensual —, que ele estava acostumado a conseguir o que queria. E o que ele queria essa noite era ela. A idéia era estimulante.

— Claro. — Ela não abriu sequer meio sorriso, nem pestanejou. — Meu nome é Meghann Dontess. Os amigos me chamam de Meg.

— Eu sou Donny MacMillan. Você gosta de beisebol?

— Gosto de muitas coisas. — Ela acenou para Freddie, que, instantes depois, trouxe outro *cosmopolitan*. — Você deve ser jogador de beisebol.

Ele abriu um sorriso, e ela sentiu a primeira pontada de desejo. Sexo com ele seria ótimo, ela sabia. E a faria esquecer.

O PRIMEIRO ENCONTRO no lago Chelan dera-se em 1989, ano em que todas completaram 21 anos. Elas eram cinco na época. Melhores amigas desde o ginásio.

Essa primeira reunião acontecera por acaso. As meninas haviam juntado dinheiro para dar de aniversário a

Claire um fim de semana no chalé nupcial. Na época — março —, ela estava apaixonada. Mas em meados de julho, no fim de semana previsto, Claire encontrava-se desiludida, sozinha e bastante deprimida. Sem querer desperdiçar dinheiro, viajou sozinha, com a intenção de ficar lendo na varanda.

Antes do jantar do primeiro dia, porém, um Ford Pinto amarelo caindo aos pedaços chegou ao local. As amigas saltaram do carro e correram pelo jardim, rindo, levando duas jarras grandes de *margarita*. Chamaram a visita de “intervenção do amor”, e funcionou.

Desde então, todos os anos elas passavam uma semana juntas no acampamento. Agora, evidentemente, era diferente. Gina e Claire tinham uma filha. Karen tinha quatro filhos, com idades entre 11 e 14 anos, e Charlotte tentava desesperadamente engravidar.

Nos últimos anos, a festa havia sossegado. Em vez de se vestirem com apuro para ir ao Cowboy Bob’s Western Roundup beber tequila e dançar, elas botavam os filhos na cama cedo, tomavam vinho branco e jogavam cartas na mesa redonda de madeira que ficava na varanda da casa da recepção. A contagem dos pontos corria durante toda a semana. A vencedora ganhava a chave do chalé nupcial para o ano seguinte.

Elas passavam o dia no lago, deitadas em toalhas de praia listradas de vermelho e branco. Nos dias quentes, como esse, ficavam a maior parte do tempo no lago, com água à altura do pescoço. Conversando. Sempre conversando.

Hoje o clima estava perfeito. O céu era de um azul-claro infinito, e o lago se achava transparente. As crianças maiores estavam dentro de um dos chalés, jogando

cartas e ouvindo a música ensurdecadora de Willie, filho de Karen. Alison e Bonnie andavam de pedalinho.

Karen estava sentada numa cadeira, abanando-se com o prospecto de um parque aquático. Charlotte, completamente protegida do sol por um chapéu branco e um blusão com mangas três-quartos, lia a última seleção do clube literário de Kelly Ripa e tomava limonada.

Gina virou-se de lado e abriu a caixa de isopor, à procura de uma Coca *light*.

— Meu casamento termina, e tomamos Coca *light* e limonada. Quando o primeiro marido de Karen foi embora, nós dançamos *macarena* no Cowboy Bob's.

— Esse foi meu segundo marido, Stan — corrigiu Karen. — Quando Aaron foi embora, nós nadamos nuas no lago.

— Meu argumento ainda procede — disse Gina. — Minha crise está recebendo um tratamento *Vila Sésamo*. A sua recebeu o Clube dos Cafajestes.

— Cowboy Bob's — suspirou Charlotte. — Há anos não vamos lá.

— Desde que começamos a trazer conosco esses seres humanos em miniatura — brincou Karen. — É difícil dançar com uma criança nas costas.

Claire apoiou-se nos cotovelos. O algodão áspero da toalha de praia parecia pinicar os antebraços queimados de sol.

— Willie está com 14 anos, não está?

Karen assentiu.

— Vai começar o secundário em setembro.

— Por que ele não pode cuidar das outras crianças durante uma hora ou duas?

Gina sentou-se.

— Por que não pensamos nisso antes? Ele tem 14 anos.

— E a maturidade de uma minhoca.

— Todas nós cuidávamos de crianças nessa idade — argumentou Charlotte. — Eu praticamente fui babá no verão que antecedeu o secundário.

— Ele é um menino responsável, Karen. Não vai ter o menor problema — defendeu Claire.

— Não sei. No mês passado o peixe dele morreu. Por falta de comida.

— Eles não vão morrer de fome em duas horas.

Karen olhou para o chalé.

— É — assentiu, afinal. — Podemos deixar um celular com ele.

— E uma lista de números.

Gina sorriu pela primeira vez no dia.

— Meninas, as Bluesers vão sair da toca.

Levaram duas horas para tomar banho, mudar de roupa e preparar o jantar dos filhos. Levaram mais uma hora para convencer os filhos de que o plano era possível.

Por fim, Claire tomou a mão de Karen e conduziu-a para fora. Ao avançarem pelo jardim, Karen volta e meia se detinha para olhar para trás.

— Vocês têm certeza? — não parava de perguntar.

— Vamos em frente. — Gina aproximou-se de Claire e disse: — Ela é como um carro no gelo. Se parar, nunca mais vamos conseguir botá-la para andar.

Elas já avistavam o Cowboy Bob's do outro lado da rua, quando a ficha caiu. Claire foi a primeira a falar:

— Ainda nem escureceu.

— Para ratas de festa, nós perdemos o jeito — disse Charlotte.

Claire recusava-se a desistir. E daí que elas parecessem estudantes universitárias entre os bebedores profissionais que povoavam um lugar como aquele a essa hora da tarde? Elas estavam ali para se divertir.

— Vamos, pessoal — chamou, avançando.

As amigas a seguiram. De cabeça erguida, entraram no Cowboy Bob's como se fossem donas do bar.

Claire dirigiu-se a uma mesa próximo à pista de dança vazia. Dali, elas teriam uma bela vista da banda, que estava obviamente ausente. O *jukebox* tocava música *country*. Gina pediu *margaritas* e cebolas fritas.

— Meu Deus, como é bom sair! — exclamou Karen. — Não me lembro da última vez em que saí sem ter de fazer preparativos suficientes para empreender um ataque aéreo.

Claire ergueu o copo.

— À nossa — brindou, firme. — Às Bluesers. Atravessamos juntas o ginásio e o secundário, partos e cirurgias, casamentos e divórcios. Duas de nós se separaram, uma não conseguiu engravidar, uma jamais se apaixonou e, há poucos anos, uma de nós morreu. Mas ainda estamos aqui. *Sempre* estaremos aqui, umas pelas outras. Por isso somos mulheres de sorte.

Voltaram a falar sobre o passado, e tudo as fazia rir. A certa altura, pediram uma porção de *nachos*. Quando o segundo prato chegou, a banda havia começado. A primeira música era uma versão barulhenta de “Friends in low places”.

Quando o grupo entoou “Here in the real world”, de Alan Jackson, o bar já estava abarrotado.

— Vocês estão ouvindo isso? — Claire inclinou-se para a frente e pôs as mãos na mesa. — É “Guitars and Cadillacs”. Nós temos de dançar.

— Dançar? — Gina riu. — Na última vez em que dancei com vocês, bati o traseiro num velho que voou longe.

Karen sacudiu a cabeça.

— Desculpe.

Claire levantou-se.

— Vamos, Charlotte. Quer dançar?

— É para já.

Ela deixou a bolsa e seguiu Claire até a pista de dança.

No instante em que Claire começou a se deixar levar pela música, balançando os quadris, batendo os pés e as mãos, lembrou-se do quanto gostava daquilo. Não conseguia acreditar que deixara tantos anos de sossego se acumularem.

Quando a banda fez um intervalo, Claire estava ofegante. Uma leve dor de cabeça insinuava-se atrás do olho esquerdo; ela meteu a mão no bolso e achou um analgésico.

Charlotte afastou o cabelo dos olhos.

— Foi ótimo. Vamos. Estou desidratada.

Claire começou a se dirigir à mesa, mas lembrou-se da aspirina. Foi ao bar e pediu um copo com água.

A água chegou e, enquanto tomava o comprimido, ela viu um homem subir ao palco. Ele levava um violão — comum, antigo, que não se ligava a nenhum amplificador de som.

Sentou-se num banco bambo. Plantou uma das botas pretas de caubói no chão e apoiou a outra na parte inferi-

or do banco. Usava uma calça *jeans* desbotada e uma camisa preta. O cabelo quase chegava aos ombros e reluzia dourado sob a luz da ribalta. Ele olhava para o violão, e, embora um chapéu preto escondesse a maior parte do rosto, Claire divisava os malares fortes que o definiam.

— Uau!

Ela não se lembrava da última vez em que vira um homem tão bonito. Com certeza não fora em Hayden.

O homem aproximou-se do microfone.

— Vou tocar um pouco enquanto a banda faz um pequeno intervalo. Espero que não se importem.

Claire avançou entre a multidão, até o começo da pista de dança.

Ele dedilhou algumas notas no violão e começou a cantar. No começo, a voz era suave demais para se fazer ouvir acima do alarido.

— Silêncio.

Claire ficou surpresa ao ouvir a palavra dita em voz alta; ela pretendia apenas “pensá-la”. Sentia-se ridícula-mente exposta, parada ali na frente da multidão, mas não conseguia se mexer nem desviar os olhos.

Ele ergueu a cabeça. Na escuridão esfumada, com uma dezena de pessoas amontoadas a seu lado, Claire achou que ele estivesse olhando para ela. Aos poucos, o homem sorriu.

Uma vez, anos antes, Claire vinha correndo pelo cais do lago Crescent atrás da irmã. Num instante, estava rindo, aprumada; no instante seguinte, congelava na água fria, sem fôlego, tentando chegar à superfície. Era assim que se sentia agora.

— Meu nome é Bobby Austin — apresentou-se ele, a voz macia, ainda olhando para Claire. — Esta música é para Ela. Ela, que venho procurando a vida inteira.

Os dedos longos tocaram as cordas do violão, e ele começou a cantar. A voz era baixa e rouca, sedutora. Claire se flagrou movendo-se no ritmo da música, dançando sozinha.

Quando a música terminou, ele deixou de lado o violão e levantou-se. A platéia aplaudiu e voltou-se para os jarros de cerveja.

Ele avançou na direção de Claire. Ela não conseguia se mexer.

Bem na frente dela, ele se deteve. Como não disse nada, ela se adiantou:

— Meu nome é Claire Cavanaugh.

Um sorriso torceu um lado da boca dele.

— Não sei como dizer o que estou pensando sem parecer um idiota.

O coração de Claire batia tão rápido que ela se sentia tonta.

— O que é?

Ele aproximou-se ainda mais. Agora achava-se tão perto que dava para ela ver os pontos dourados dos olhos verdes e a minúscula cicatriz em meia-lua na ponta do lábio superior.

— Eu sou Ele — murmurou.

— Ele quem? — Ela tentou sorrir. — O Messias? O iluminado? O único jeito de chegar ao paraíso?

— Sem brincadeira. Sou quem você está procurando.

Ela deveria ter soltado uma gargalhada, respondido que não ouvia uma cantada tão batida fazia anos. Havia muito tempo não acreditava em amor à primeira vista.

Tudo isso era o que ela pretendia dizer, mas, quando abriu a boca, ouviu seu coração falar.

— Como é que você sabe?

— Porque eu também estava procurando você.

Claire deu um passo atrás, o suficiente apenas para respirar. Queria rir dele. Queria mesmo.

— Vamos, Claire Cavanaugh - convidou ele. — Dance comigo.

CAPÍTULO QUATRO

ALGUNS CASAMENTOS terminavam com palavras amargas e epítetos feios; outros, com lágrimas copiosas e desculpas sussurradas; cada caso era um caso. A única invariável era a tristeza, e tratava-se de fato bem conhecido nas varas de família que a mulher que atravessava o divórcio jamais via o mundo — ou o amor — da mesma maneira.

— Você está bem? — perguntou Meghann a May Monroe.

A cliente estava rigidamente sentada, as mãos juntas no colo.

— Estou — respondeu.

— Vamos comer no restaurante ao lado, está bem?

Na frente da sala de audiências, a juíza levantou-se. Sorriu para Meghann e George Gutterson, o advogado da outra parte, e retirou-se.

Meghann ajudou May a levantar-se. Segurava o braço dela para mantê-la firme ao caminharem em direção à porta.

— Sua *puta*!

Dale Monroe avançou. O rosto estava vermelho. Uma veia azul saltava-lhe no meio da testa.

— Dale — gritou George, agarrando o cliente —, não seja burro.

Dale desvencilhou-se do braço do advogado e continuou avançando. Meghann se interpôs entre Dale e May.

— Afaste-se, Sr. Monroe.

— *Dr. Monroe*, sua puta avarenta.

— Excelente uso da língua. O senhor também deve ter freqüentado uma boa faculdade de Letras. Agora, por favor, afaste-se.

— Você tirou meus filhos de mim — disse Dale para Meghann.

— O senhor está sugerindo que fui eu que fraudulentamente transferei bens da minha mulher... ou que eu roubei dinheiro da família? Talvez esteja sugerindo que era eu que transava com a professora de piano da minha filha todas as terças-feiras à tarde.

Ele ficou lívido e tentou olhar nos olhos da ex-mulher.

— May, por favor. Eu teria dado tudo o que você me pedisse. Mas as crianças... Eu não posso vê-las só nos fins de semana e duas semanas durante as férias.

Ele parecia sincero. Se Meghann já não tivesse visto a terrível verdade nua e crua, talvez acreditasse.

Ela interveio rápido, de modo que May não precisasse responder.

— A divisão dos bens foi bastante justa, *Dr. Monroe*. A questão da custódia também foi resolvida com muita sensatez, e, quando o senhor se acalmar, tenho certeza de que concordará. Todos lemos os depoimentos que retratavam seu estilo de vida. O senhor saía de casa às 6 horas, antes que as crianças estivessem acordadas, e raramente voltava antes das 22 horas, depois que já se encontravam

na cama. Provavelmente vai ver seus filhos mais agora do que quando morava em casa.

— Quem você pensa que é? — sussurrou Dale rapidamente, dando um passo na direção dela. Ele cerrou os punhos.

— Vai me bater, Dale? Faça isso. Perca a pequena custódia que tem.

Meghann abraçou May pela cintura. Juntas, elas saíram da sala de audiências.

— Você vai pagar por isso — gritou Dale.

Meghann não olhou para trás. Manteve a mão na cintura de May e conduziu-a para o elevador. No instante em que a porta se fechou, May desatou a chorar.

Meghann segurou a mão dela, apertando-a com delicadeza.

— Sei que agora parece impossível, mas a vida vai melhorar. Eu juro.

Conduziu May para fora do tribunal. O céu estava pesado, cinza. Elas desceram a rua Third, até o Judicial Annex, restaurante preferido do pessoal da vara de família.

— Oi, Meg — cumprimentaram alguns colegas quando ela atravessava o salão até uma mesa no fundo. Em poucos instantes uma garçonete aparecia.

— É dia de champanhe ou martíni? - perguntou.

— Sem dúvida, champanhe. Obrigada.

May a encarou.

— Nós não vamos mesmo tomar champanhe, vamos?

— May, você agora é milionária. Seus filhos podem fazer doutorado em Harvard, se quiserem. E você tem custódia total. Claro que sim, vamos comemorar.

— O que há com você? — Como assim?

— Minha vida foi atingida por um míssil. E você vai tomar champanhe. Qual é o seu problema?

— Meu trabalho pode ser difícil — respondeu Meghann, com sinceridade. — Às vezes, o único jeito de lidar...

Houve confusão no restaurante. Vidro saltando em estilhaços. Uma mesa virou no chão. Uma mulher gritava.

— Ah, não — balbuciou May.

O rosto dela ficou lívido.

Meghann franziu a testa.

— O que está...

Ela olhou para trás.

Dale encontrava-se no vão da porta, segurando uma arma na mão esquerda. Parecia ter chorado.

— Abaixе a arma, Dale.

Meghann ficou surpresa ao notar a calma de sua voz.

— Você arruinou minha vida.

— Abaixе a arma. Não vá fazer nenhuma besteira.

— Eu já fiz a besteira. — A voz falhou. — Tive um caso, fiquei ganancioso e esqueci o quanto amava minha mulher.

May começou a levantar-se. Meghann segurou-a, obrigando-a a sentar-se e levantou-se.

— Vamos lá, Dale. Abaixе a arma. Vou ajudar você.

— Por que não me ajudou quando tentei contar à minha mulher o quanto estava arrependido?

Lágrimas rolavam no rosto dele.

— Dale — disse Meghann, mantendo a tranquilidade. — Eu sei que...

— Cale a *boca*. É sua culpa, vagabunda. Foi você que fez isso tudo. Ele ergueu a arma, mirou e puxou o gatilho.

JOE ACORDOU com febre e dor de garganta. Uma tosse seca fez com que se levantasse antes mesmo de ter aberto completamente os olhos. Quando o acesso passou, ele ficou ali sentado, os olhos vermelhos.

Uma reluzente camada de gelo cobria o saco de dormir, sua presença era um sinal da altitude. Embora os dias nessa parte do Estado fossem quentes como o inferno, as noites eram frias.

Ele tossiu de novo e saiu do saco de dormir. Os dedos tremiam ao retirar da mochila o sabonete, a escova e a pasta de dentes. Agachando-se à margem do rio Icicle, ele se preparou para o dia.

Hoje era o aniversário dele. O 42°. Em outra época — outra vida —, seria um dia para comemoração, para a família. Diana sempre adorara uma festa. No ano em que ele completara 38, ela havia alugado a Space Needle e contratado um *cover* de Bruce Springsteen para cantar a trilha sonora de sua juventude. O lugar estivera cheio de amigos. Todos queriam comemorar o aniversário de Joe com ele. Na época.

Com um suspiro ele se pôs de pé. Conferiu a carteira e os bolsos e viu que estava novamente quebrado. Colocando a mochila nas costas, caminhou para fora do parque nacional. Quando chegou à auto-estrada, a testa ardia. Ele sabia que estava com febre, pelo menos 38 graus.

Fitou o rio de asfalto que se estendia até a cidadezinha de Leavenworth. Ela ficava a apenas uns dois quilômetros de distância.

Quando Joe chegou lá, a dor de cabeça estava quase insuportável. Num posto de gasolina Chevron, gastou os últimos dois dólares em aspirina.

Estava parado no lado de fora da loja de conveniência, tentando induzir pela força de vontade a aspirina a fazer efeito, quando sentiu a primeira gota de chuva.

— Droga.

Antes que ele terminasse a palavra, a tempestade caiu. Uma chuva violenta que parecia prendê-lo ali. E de repente ele já não podia mais viver assim. Estava doente e cansado disso tudo.

Casa.

Fechou os olhos e pensou na cidadezinha onde fora criado, onde fora jogador do time local de beisebol e também onde trabalhara numa oficina depois da escola e durante todos os verões, até mudar-se de lá para ingressar na universidade. Se alguma cidade o aceitaria depois do que ele havia feito, seria aquela.

Avançando devagar, as emoções como um misto de medo e ansiedade, dirigiu-se à silenciosa cabine telefônica. Agora a chuva era apenas um ruído, como seu batimento cardíaco: rápido, ofegante. Ele soltou um longo suspiro, pegou o fone e fez a chamada a cobrar.

— Oi, maninha — disse, quando ela atendeu. — Como você está?

— Ah, meu Deus. Eu andei super preocupada com você, Joey. Você não liga há, quanto tempo, oito meses?

— Eu sei. Desculpe. Como está minha sobrinha linda?

— Está ótima.

Ele sentiu alguma coisa errada na voz dela.

— Qual é o problema?

— Nada — respondeu ela. Então mais suavemente: — Ando precisando do meu irmão mais velho, só isso. Chegou a hora de voltar?

Lá estava a pergunta da qual tudo dependia.

— Não sei. Estou cansado, disse eu sei. As pessoas esqueceram?

— Já não me perguntam tanto.

Ele não sabia se era forte o bastante para enfrentar o passado. Não fora quando ainda se tratava do presente.

— Volte para casa, Joey. Você não pode se esconder para sempre. E... estou precisando de você.

Ele ouviu o choro baixo e entrecortado, o que lhe rasgou a alma.

— Por favor, não chore.

— Não estou chorando. Estou cortando cebola. — Ela fungou. — Sua sobrinha está na fase do espaguete. Não quer comer mais nada.

Ela tentou rir.

Joe apreciava aquela tentativa de aparentar normalidade, por mais forçada que fosse.

— Faça o espaguete da avó dela. Isso deve pôr fim ao problema.

Ela riu.

— Minha nossa, eu tinha esquecido. O dela era horrível.

— Melhor do que o bolo de carne.

Depois disso, o silêncio tomou conta. Com ternura, ela disse:

— Você precisa se perdoar, Joey.

— Algumas coisas são imperdoáveis.

— Então pelo menos volte para casa. As pessoas aqui gostam de você.

— Eu quero. Não consigo mais viver assim.

— Espero que este telefonema signifique isso.

— Também espero.

ERA AQUELE DIA raro em Seattle. Quente e úmido. A névoa pairava sobre a cidade. Se nas ruas fazia calor, no tribunal estava sufocante. Meghann fitou o bloco à frente. Não escrevera nada. A mão direita começou a tremer.

— Sra. Dontess. Ei. *Sra. Dontess.*

A juíza a chamava.

Ela piscou os olhos devagar.

— Desculpe.

Levantou-se.

A juíza — uma mulher magra como uma garça — franziu a testa.

— Aproxime-se — pediu.

Meghann tentou mostrar segurança. Aproximou-se da juíza, ergueu os olhos.

— Sim, meritíssima.

A juíza inclinou-se para dizer, com delicadeza:

— Todos sabemos o que aconteceu na semana passada, Meghann. A bala não a acertou por poucos centímetros. Tem certeza de que está pronta para voltar ao tribunal?

— Tenho.

A mão direita de Meghann tremia. A juíza pigarreou e assentiu.

— Pode se sentar.

Meghann retornou à mesa, desabou no banco.

A cliente, uma dona de casa de Mercer Island, olhou para ela.

— O que está acontecendo?

Meghann sacudiu a cabeça.

— Não se preocupe.

— Vou repetir, meritíssima — disse John Heinreid. Ele e Meghann já haviam se enfrentado em dezenas de litígios. — Meu cliente gostaria de pedir a suspensão do processo por algum tempo, para que ele e a Sra. Miller possam fazer terapia. Afinal, há crianças pequenas envolvidas.

Meghann ouviu a cliente sussurrar:

— De jeito nenhum.

Pôs as mãos na mesa e levantou-se devagar. A mente anuviou-se. Ela não conseguia pensar em nenhum argumento. Ao fechar os olhos, procurando se concentrar, viu a arma apontada em sua direção, ouviu o tiro alto. Quando abriu os olhos, todos a observavam.

Meghann virou-se para a cliente.

— É um pedido razoável, Celene. Não vai ficar nada bem se travarmos essa batalha na frente da juíza.

— Ah. Sei...

Celene franziu as sobrancelhas.

Meghann voltou sua atenção para a juíza.

— Gostaríamos de pedir um limite de tempo e uma data de prosseguimento a serem estipulados agora.

— Aceitamos, meritíssima.

Meghann manteve-se parada enquanto os detalhes eram acertados. A mão direita ainda tremia. Automaticamente, guardou os objetos na pasta.

— Espere. O que acabou de acontecer? — sussurrou Celene.

— Concordamos com a terapia. Alguns meses. Não mais que isso.

— Terapia? Nós tentamos terapia, ou você se esqueceu? Não funcionou. O Sr. Informática gosta de homem, lembra?

Meghann havia se esquecido disso tudo.

— Desculpe, Celene.

— Desculpe? *Desculpe?* Meus filhos e eu precisamos recomeçar nossas vidas.

— Tem razão. Vou consertar isso. Juro que vou.

E de fato poderia. Um telefonema para John Heinrich que ameaçasse revelar a preferência sexual do Sr. Miller, e tudo seria resolvido na hora. Com discrição.

Celene suspirou.

— Olhe, eu sei o que aconteceu na semana passada. Sinto muito por aquela mulher e por você. Mas tenho de me preocupar comigo mesma.

— Você *deve* cuidar de si mesma. Eu fiz uma bobagem. Mas vou consertá-la, e você não vai pagar nem um centavo por esse divórcio.

Celene tentou bravamente sorrir.

— Está bem.

Meghann pôs a mão na mesa para equilibrar-se, enquanto observava a cliente sair da sala de audiências. Sentiu tocarem-lhe o ombro.

— Meg?

Era Julie Gorset, sua sócia.

— Oi, Jules. Não vá me dizer que você estava na sala de audiências hoje.

Julie encarou-a com tristeza.

— Estava. E precisamos conversar.

O PIKE PLACE PUBLIC Market ficava abarrotado nos dias ensolarados de verão. Agora, à noite, estava tranquilo.

Meghann deteve-se à porta aberta do Athenian. Poderia entrar e achar alguém com quem passar o tempo.

Mas de repente só conseguia pensar no que realmente aconteceria. Ela conheceria um homem cujo nome não importaria... e depois seria deixada ainda mais solitária do que estivera no começo. Sentiu um tique no olho esquerdo.

Pegou o celular na bolsa. Digitou o número, mordendo o lábio enquanto ouvia os toques. Estava prestes a desligar quando atenderam.

— Alô? Meghann, estou reconhecendo o número do seu celular.

— Vou processar quem inventou o identificador de chamadas.

— São 20h30. Por que está ligando para mim? — perguntou Harriet.

— Minha pálpebra esquerda está se fechando como as asas de uma borboleta alucinada. Preciso de uma receita de relaxante muscular.

— Nós conversamos sobre a possibilidade de uma reação retardada, lembra?

— Lembro. Estresse pós-traumático.

— Estarei no consultório em trinta minutos.

— Se você puder telefonar para uma farmácia...

— No consultório. Em trinta minutos.

— Estarei lá.

Meghann desligou o telefone e colocou-o de novo na bolsa. Levou menos de 15 minutos para chegar ao consultório de Harriet.

Exatamente às 21 horas, a psiquiatra apareceu. O cabelo estava preso por uma faixa estreita e o rosto brilhava sem maquiagem.

— Se fizer graça por causa da faixa de cabelo, cobrarei o dobro.

— Eu? Ser venenosa? Você deve estar brincando.

Harriet abriu a porta.

Meghann passou pela sala da recepção e entrou no grande consultório. A psiquiatra acomodou-se na cadeira de sempre.

— Sente-se, Meghann.

— É necessário?

— Sente-se.

Meghann obedeceu.

Harriet juntou as mãos à frente e olhou para Meghann por cima das unhas curtas e pintadas com esmalte claro.

— Hoje faz uma semana, não é? Que o marido da sua cliente tentou atirar em você.

Meghann começou a bater o pé esquerdo no chão.

— É.

— Eu avisei que você precisava lidar com isso.

— É, avisou.

— Tem conseguido dormir?

— Não. Sempre que fecho os olhos, vejo tudo de novo. A bala zunindo no meu ouvido... a maneira como ele depois largou a arma e caiu de joelhos... May correndo para ele, abraçando-o, dizendo que tudo ficaria bem, que ela o apoiaria... a polícia levando-o algemado. Hoje revivi tudo na sala de audiências. — Ela ergueu a cabeça. — Foi maravilhoso, aliás.

— Não é sua culpa. O criminoso é ele.

— Eu sei. Mas também sei que conduzi mal a ação de divórcio deles. Perdi a capacidade de me compadecer das pessoas. — Ela suspirou. — Hoje arruinei uma cliente. Minha sócia pediu... na verdade, exigiu que eu tirasse férias.

— Talvez não seja má idéia.

— Será que vou me sentir melhor em Londres ou Roma... sozinha?

— Por que não liga para Claire? Poderia ficar no *resort*.

— Claire e eu não conseguimos conversar nem cinco minutos sem brigar.

— Você poderia visitar sua mãe.

— Prefiro contrair o vírus do Oeste do Nilo.

— Então está dizendo que não tem aonde ir nem quem visitar.

— Só estava imaginando para onde viajaria. — Fora um erro ir ali. Harriet estava fazendo com que se sentisse pior. — Olhe, Harriet... — A voz era mais baixa que de costume. — Eu estou desmoronando. É como se eu viesse perdendo controle de mim mesma. Só quero que você me dê um remédio para atenuar a crise. Você me conhece. Estarei bem daqui a um ou dois dias.

— A rainha da negação.

— Quando uma coisa funciona para mim, agarro-me a ela.

— Só que a negação já não está funcionando, está? É por isso que seu olho começou a piscar, as mãos começaram a tremer, e você não consegue mais dormir. Não dá para ficar fugindo do passado. Um dia você vai ter de acertar os ponteiros com Claire.

— Isso não tem nada a ver com Claire, droga!

— Cedo ou tarde, Meg, sempre tem a ver com a família. O passado possui uma tendência irritante de sempre se tornar presente.

— Uma vez abri um biscoito da sorte que dizia a mesma coisa.

— Você está se desviando do assunto novamente.

— Não. Estou rejeitando o assunto. — Meghann levantou-se. — Isso quer dizer que você não vai me dar a receita de um relaxante muscular?

— Não resolveria seu tique.

— Tudo bem. Vou arrumar um tapa-olho.

Harriet se pôs de pé.

— Por que não me deixa ajudá-la?

Meghann se fizera a mesma pergunta um milhão de vezes.

— O que você quer? — perguntou Harriet, afinal.

— Não sei.

— Sabe, sim. Quer parar de se sentir só.

Um arrepio atravessou o corpo de Meghann.

— Eu sempre fui só. Estou acostumada.

— Não. Nem sempre.

Meghann voltou o pensamento para aqueles anos, muito tempo antes, quando ela e Claire eram inseparáveis, melhores amigas. Naquela época, Meg sabia amar.

Chega. Isso não a levaria a lugar nenhum.

Ela pegou a bolsa no chão e avançou para a porta.

— Mande a conta de hoje para minha secretária. Cobre o que quiser. Adeus, Harriet.

Disse “adeus” em vez de “até mais” porque não pretendia voltar. Estava à porta quando a voz de Harriet a deteve.

— Tenha cuidado. Ainda mais agora. Não deixe a solidão consumi-la.

Meghann continuou andando.

Atravessou a porta, tomou o elevador e saiu do prédio.

Lá fora, consultou o relógio: 21h40.

Ainda dava tempo de sobra para ir ao Athenian.

NO BANCO DO CARONA, Joe estava sentado de ombros curvos contra a janela. O motorista do caminhão, Erv, pisou no freio e mudou a marcha. O veículo ressoou, tremeu e começou a desacelerar.

— Essa é a saída para Hayden.

Joe viu a placa conhecida e não sabia o que sentir. Havia muito tempo que não vinha ali.

Casa. Não. Era apenas a cidade onde havia crescido. Casa era outra coisa — ou, para ser mais exato, outra pessoa —, e ela não estaria aguardando a volta dele.

A rampa de saída passava por cima da auto-estrada e desembocava numa rua arborizada. No lado esquerdo havia um pequeno posto de gasolina coberto com telhas de madeira. Erv parou o caminhão ao lado da bomba de abastecimento.

Joe baixou a maçaneta e empurrou com força a porta. Ela abriu com um rangido, e ele saltou pisando pela primeira vez em três anos o oeste de Washington. Olhou para Erv.

— Obrigado pela carona.

— De nada — respondeu Erv. — Tem certeza de que não quer ir para Seattle? Fica só a uma hora e meia daqui. Em Hayden não tem nada.

Joe mirou a rua comprida.

— Você ficaria surpreso — murmurou. A irmã encontrava-se no fim daquela rua, à sua espera.

Ele pendurou a mochila nos ombros e começou a andar. Em pouco tempo, alcançava a pequena placa verde que dava boas-vindas a HAYDEN, 872 HABITANTES.

TERRA NATAL DE LORI ADAMS, VENCEDORA ESTADUAL DO CAMPEONATO DE SOLETRAR DE 1974. A cidade onde ele havia nascido era exatamente como a guardava na memória: um belo conjunto de construções rústicas dormitando tranqüilamente sob aquele sol quente de junho.

As casas ostentavam mais do que possuíam, e volta e meia surgiam postes destinados a amarrar cavalos ao longo do calçadão de madeira. Os estabelecimentos comerciais eram em sua maioria os mesmos: o restaurante White-water, a floricultura Basket Case, o bar Mo's Fireside e o supermercado Stock 'Em Up. Todos os letreiros traziam alguma lembrança, todas as casas um dia haviam aberto as portas para ele. Agora... quem sabia?

Joe soltou um longo suspiro e continuou andando, passando pela encruzilhada que demarcava o começo da cidade, pela loja de ferramentas Loose Screw e pela padaria que pertencia à família.

Sentiu que as pessoas olhavam para ele. Eram golpes aqueles olhares que se transformavam em carrancas de reconhecimento. Os sussurros o seguiam.

— Não é o Joe Wyatt?

— Você viu, Myrtle? Era o Joe Wyatt.

Ele baixou a cabeça e seguiu adiante. Na rua Azalea, dobrou à esquerda, depois virou à direita na Cascade. Ali, a apenas poucas quadras da rua principal, o mundo aquieta-se novamente. Casas de madeira antiquadas surgiam em jardins impecavelmente bem cuidados.

Quando ele alcançou a travessa Rhododendron, a rua estava quase totalmente deserta. Passou pela Craven Farms, vazia nessa época do ano, antes da colheita de ou-

tono, e entrou na propriedade. Agora a caixa de correspondência dizia TRAINOR. Durante anos fora WYATT.

A casa era uma ampla estrutura em estilo suíço construída com tábuas de madeira, que ficava no meio de um jardim planejado à perfeição. O pai construía a casa à mão, tábua por tábua. Uma das últimas coisas que dissera a eles foi: *Cuidem da casa. Sua mãe a adorava.*

Joe sentiu uma súbita melancolia, quase doce demais para suportar. A irmã mantivera a casa exatamente como sempre havia sido. A mãe e o pai teriam gostado. Ele subiu a escada, ouvindo os estalos familiares das tábuas no chão. Depois de uma longa espera, bateu à porta.

Por um instante, não se ouviu nenhum ruído no interior, então o estrépito de sapatos pesados e o grito de “Já vai!”.

A porta se abriu. Gina estava ali parada, vestida com um conjunto largo de ginástica preto e tamancos verdes de borracha, mal conseguindo respirar. O cabelo castanho era um ninho desgrenhado. Ela olhou surpresa para ele e desatou a chorar.

— Joey...

Abraçou-o. Por um instante, ele ficou aturdido. Não era tocado havia tanto tempo que alguma coisa parecia errada.

— Joey — repetiu ela, deitando o rosto na curva do pescoço do irmão. Sentiu suas lágrimas quentes na pele e algo dentro dele cedeu. Ele retribuiu o abraço. Toda a infância lhe voltava, trazida pelo cheiro de pão assado e o doce perfume cítrico do xampu de Gina.

Ela afastou-se, enxugando os olhos vermelhos.

— Não achei que realmente viesse. — Passou a mão no cabelo e fez uma careta. — Estou parecendo uma as-sombração. Estava plantando flores no quintal.

— Você está linda- disse ele, com sinceridade.

— Você está péssimo.

Ela puxou-o para a sala iluminada pelo sol.

— Estou. Minha cabeça está doendo.

Gina saiu correndo da sala.

— Água — gritou —, e aspirina.

Ele viu o porta-retratos sobre o consolo da lareira e avançou naquela direção. Era a fotografia de cinco mulheres juntas, quatro delas usando vestidos cor-de-rosa. Todas sorriam. Gina — à frente, no meio — vestia branco. Diana estava ao lado dela, sorrindo.

— É uma das minhas fotos preferidas — comentou Gina.

— No fim — confidenciou Joe —, ela falava de vocês. Das Bluesers. Deve ter me contado uns cem casos do lago Chelan.

Gina apertou o ombro do irmão.

— Todas sentimos saudade dela.

— Eu sei.

— Você encontrou... o que quer que estivesse procurando?

Ele pensou na pergunta.

— Não — respondeu, afinal. — Mas agora que estou aqui quero sumir de novo. Para onde eu olhar, vou vê-la.

— Isso não acontecia lá também?

Ele suspirou. A irmã tinha razão. Não importava onde ele estivesse. Diana tomava conta de seus pensamentos, de seus sonhos.

— Estou perdido, Gigi. Não sei como recomeçar.

Ela tocou-lhe o rosto.

— Já recomeçou. Está aqui.

Ele pôs a mão sobre a dela e tentou pensar em algo a dizer. Não lhe ocorreu nada, e ele sorriu.

— Onde está minha sobrinha linda? E meu cunhado?

— Bonnie está no River's Edge, brincando com Ali.

— E Alex? Ele não trabalha aos domingos.

— Ele me deixou, Joey. Nós nos divorciamos.

Ela não disse “Enquanto você estava fora”, mas poderia. A irmã caçula precisara dele, e ele não estivera presente para ajudá-la. Puxou-a em seus braços.

Gina começou a chorar. Joe afagou-lhe o cabelo e sussurrou que estava ali, que não iria a lugar nenhum.

Pela primeira vez em três anos isso era verdade.

MEGHANN NÃO CONSEGUIA acreditar na visão de sua mesa. Estava vazia pela primeira vez em mais de uma década. Todos os processos pendentes haviam sido distribuídos entre os outros advogados. Ela prometera a Julie que ficaria pelo menos três semanas de férias, mas já começava a se arrepender. Não tirava férias havia dez anos. O que faria com todas as horas que compunham um dia comum?

Pegou a pasta na gaveta da mesa e avançou para a porta. Permitiu-se uma última olhada na sala que era mais sua casa que o próprio apartamento e fechou a porta com cuidado.

Lá fora, a noite se avizinhava, afastando o calor de um dia surpreendentemente quente. À medida que se a-

proximava do Public Market, a quantidade de gente aumentava. Ela tomou a travessa Post para chegar ao prédio. Não era um trajeto que sempre escolhesse, mas não queria passar pelo Athenian. Não agora, quando se sentia vulnerável.

Na portaria do edifício, cumprimentou o porteiro e subiu para o apartamento. Esquecera-se de deixar o rádio ligado. O lugar estava assustadoramente silencioso.

O apartamento era bonito e arrumado, sem um clipe fora do lugar. Havia dois sofás de brocado de frente um para o outro, com uma elegante mesinha de centro entre eles. Uma das paredes era apenas vidro grosso. A vista era a imensidão azul do céu e da Sound.

Meghann abriu o armário laqueado preto e dourado da sala de televisão e pegou o controle remoto. Quando o som tomou conta do cômodo, ela sentou-se na poltrona preferida e descansou os pés no escabelo. Levou menos de cinco segundos para reconhecer a música-tema.

Era uma reapresentação do antigo programa televisivo de sua mãe: *Starbase IV*. A mãe corria na tela usando um ridículo terninho de algodão de *stretch* verde-limão com botas pretas à altura das coxas.

— Capitão Wad — dizia a mãe —, recebemos um recado urgente dos meninos na cápsula de desidratação.

Meg detestava aquele sotaque falso. Como se a microbotânica de uma base espacial em Marte tivesse de ser do Alabama! E a mãe adotara o sotaque desde então. Dizia que os fãs esperavam isso dela.

Meg fechou os olhos e lembrou-se daquele dia distante. Elas moravam em Bakersfield na época...

Oi, meninas, mamãe chegou.

Meghann aproximou-se de Claire, abraçando a irmã caçula. A mãe entrou na sala do *trailer*, usando um vestido justo de lantejoulas vermelhas com franjas prateadas.

Trouxe o Sr. Mason comigo. Agora sejam boazinhas com ele, advertiu, naquele tom de voz elevado que significava que acordaria de mau humor.

Meghann sabia que precisava agir rápido. Com um homem no *trailer*, a mãe não conseguiria pensar em mais nada, e o aluguel estava atrasado há um tempão. Ela pegou a *Variety* amassada que roubara na biblioteca local.

Mamãe?

A mãe acendeu um cigarro mentolado.

O quê?

Meghann jogou a revista para ela. Havia marcado o anúncio com caneta vermelha. Ele dizia: “Procura-se atriz madura para pequeno papel em série televisiva de ficção científica.” Então vinha o endereço em Los Angeles.

A mãe leu o anúncio em voz alta. O sorriso congelou às palavras “atriz madura”. Depois de longos instantes de tensão, ela soltou uma gargalhada e indicou o quarto ao Sr. Mason. Quando ele entrou no quarto e fechou a porta, a mãe ajoelhou-se no chão.

Dêem um abraço na mamãe.

Meghann e Claire jogaram-se em seus braços. Elas esperavam dias por um momento desses, às vezes semanas, mas, quando a mãe acendia o fogo de seu amor, ele as aquecia até os ossos.

Obrigada, dona Meggy. Não sei o que eu faria sem você. Com certeza vou me candidatar ao papel. Agora vocês duas dêem o fora e tenham juízo. Preciso fazer meu número.

A mãe fez o teste. Para sua surpresa, e de todos os demais, saiu vencedora. Mas não ganhou o pequeno papel

ao qual concorrera, conquistou o papel importante de Tara Zyn, a microbotânica da base espacial.

Meghann suspirou. Não queria lembrar-se da semana em que a mãe viajara para Los Angeles, deixando as filhas sozinhas naquele *trailer* imundo, ou das mudanças que se haviam seguido. Desde então, Meghann e Claire nunca mais tinham sido irmãs de verdade.

A seu lado o telefone tocou. Meghann agarrou-o, ávida por falar com qualquer pessoa.

— Alô?

— Oi, Meggy, sou eu. Sua mãe. Como está, querida?

Meg torceu o rosto para o sotaque.

— Estou bem, mamãe. E você?

— Não poderia estar melhor. O encontro com os fãs foi nesse fim de semana. Minha nossa, dei tantos autógrafos que meus dedos doíam!

— Seus fãs adoram você.

— Graças a Deus pelos pequenos milagres. É muito bom falar com você, Meggy. Deveria vir me visitar.

A mãe sempre dizia isso, mas Meghann não podia passar três semanas sozinha naquele apartamento.

— Estou de férias — apressou-se em informar. — Talvez eu pudesse passar um tempo com você.

— Ah. Seria... ótimo. Quem sabe no Natal...

— Amanhã.

— Amanhã? — A mãe riu. — Querida, um fotógrafo da revista *People* vai vir me fotografar às 15 horas, e, na minha idade, acordo parecendo um daqueles cachorros sem pêlo. Dez mulheres precisam trabalhar o dia inteiro para me deixar bonita.

Meghann quis desligar o telefone, dizer “Esqueça”, mas quando correu os olhos pelo apartamento vazio, sem fotografias, quase sentiu náuseas.

— Então que tal segunda-feira? Poderíamos ir juntas a um *spa*.

— Você nunca assiste ao canal E!? Vou viajar para Cleveland na segunda-feira. Fazer Shakespeare num parque com Pamela Anderson e Charlie Sheen. *Hamlet*.

— Você? Fazendo Shakespeare?

— Vou esquecer que ouvi esse tom de voz.

— Pare com o sotaque, mamãe. Sou eu. Sei que você nasceu em Detroit. Joan Jojovitch é o nome na sua certidão de nascimento.

— Agora você está sendo grosseira. Sempre foi irritadiça. Essa é uma grande oportunidade para mim.

Para mim. As palavras preferidas da mãe.

— Então boa sorte. É melhor você desfrutar uma boa noite de sono antes da sessão de fotos para a revista.

— Essa é a mais pura verdade. — A mãe suspirou fundo. — Talvez vocês pudessem vir quando eu estiver menos ocupada. Claire também.

— Claro. Tchau, mamãe.

Meghann desligou o telefone. Durante a hora que se seguiu, ficou andando pelo apartamento, tentando traçar um plano que fosse razoável. O telefone tocou. Ela saltou em direção a ele.

— Alô?

— Oi, Meg.

— Claire? Que boa surpresa! — E dessa vez era mesmo. — Falei com mamãe hoje. Você não vai acreditar nisso. Ela vai fazer...

— Eu vou me casar.

— Shakespeare num... *Casar*?

— Nunca estive tão feliz, Meg. Sei que parece loucura, mas é o amor, eu acho.

— Com quem vai se casar?

— Bobby Jack Austin. Eu o conheci dez dias atrás em Chelan. Sei o que você vai dizer, mas...

— *Dez dias atrás*. Claire! Às vezes a mulher foge para passar um fim de semana ardente com um homem que acabou de conhecer. O que ela não faz é se casar com ele.

— Eu estou apaixonada, Meg. Por favor, não estrague tudo.

Meg queria tanto despejar seus conselhos, que precisou cerrar os punhos.

— O que ele faz da vida?

— É cantor e compositor. Estava se apresentando no Cowboy Bob's Western Roundup quando o conheci. Meu coração parou por um instante. Já se sentiu assim?

Antes que Meghann pudesse responder, Claire prosseguiu.

— Ele é instrutor de esqui no inverno e passa o verão viajando, apresentando sua música. É dois anos mais velho que eu e tão lindo que você não vai acreditar. Mais bonito que o Brad Pitt. Ele vai ser um grande astro.

Meghann absorveu todas as informações. A irmã se casaria com um vagabundo de 37 anos que sonhava ser cantor de música *country*. E o melhor palco que havia conseguido era o do Cowboy Bob's.

— Ele sabe quanto vale o acampamento? Vai assinar um contrato pré-nupcial?

— Droga, Meg! Você não pode ficar feliz por mim?

— Quero ficar — respondeu ela, e era verdade. — Quando é o casamento?

— No sábado, dia 23.

— *Deste* mês? — Isso era loucura. — Eu preciso conhecê-lo.

— Claro. O ensaio da cerimônia...

— Nem pensar. Preciso conhecê-lo agora. Estarei na sua casa amanhã à noite. Levarei vocês para jantar.

— Sinceramente, Meg, não tem necessidade.

— Preciso conhecer o homem que roubou o coração da minha irmã!

— Tudo bem, vejo você amanhã. — Claire se deteve, então disse: — Vai ser bom ver você.

— É. Tchau. — Meg desligou o telefone e imediatamente digitou o número do escritório, deixando uma mensagem para a secretária. — Quero que você envie tudo que temos sobre contratos pré-nupciais para minha casa até as 10 horas da manhã. — Numa espécie de reflexão tardia, acrescentou: — Obrigada.

Depois sentou-se de frente para o computador a fim de realizar uma breve investigação sobre Bobby Jack Austin. Era isso que ela faria naquelas férias idiotas. Impediria que Claire cometesse o maior erro de sua vida.

CLAIRE DESLIGOU o telefone. No silêncio que se seguiu, a dúvida insinuou-se pelo quarto. Ela e Bobby estavam de fato avançando muito rápido.

— Droga, Meg!

Mas Claire sabia que a dúvida sempre estivera presente, uma sementinha dentro dela, esperando para germinar e crescer. Ela era velha demais para se deixar levar pela paixão.

Tinha uma filha em quem pensar, afinal de contas. Alison nunca conhecera o pai biológico. Fora fácil até agora proteger o mundo de Ali das agruras da vida. Mas o casamento mudaria tudo.

A última coisa que Claire queria era se casar com um homem inconstante. Ela conhecera quatro padrastos antes de completar nove anos. Esse número não incluía os homens que tivera de chamar de “tio”, homens que haviam passado pela vida da mãe como doses de tequila, sem deixar para trás nada além de um persistente gosto amargo.

Claire dirigiu-se à janela. Lá fora, o sol começava a se pôr. O *resort* estava banhado por uma luz dourada.

O pai e Bobby surgiram à vista. Bobby trazia numa das mãos um cortador de grama, na outra, uma lata de gasolina. Desde que se mudara para ali, entregara-se de corpo e alma ao trabalho. Era bom no serviço, embora ela soubesse que ele não se sentiria feliz no River's Edge para sempre. Já mencionara viajar por algumas semanas naquele verão. Os três juntos. “A viagem dos Austin” era como ele a chamava. Claire ainda não tinha tocado no assunto com o pai, mas sabia que ele toparia.

O pai e Bobby pararam em frente ao quinto chalé. O pai apontou para o beiral e Bobby olhou o local indicado. Instantes depois, ambos riam. O pai pôs a mão no ombro do futuro genro. E eles se foram, em direção à lavanderia.

— Oi, mamãe. — Claire virou-se. Alison estava parada no pé da escada. — O vovô vai me levar à oficina do Smitty. Nós vamos consertar a caminhonete.

Ao observar a filha correndo para fora de casa, Claire sentia o peso da responsabilidade. E se o casamento não desse certo? Ela precisava conversar com alguém sobre isso.

Não a irmã, evidentemente. Uma amiga. Telefonou para Gina.

Ela atendeu ao primeiro toque.

Claire afundou na poltrona.

— Sou eu. A rainha do casamento instantâneo. Meghann acha que estou sendo idiota.

— Desde quando nos importamos com o que sua irmã acha? Pelo amor de Deus, ela é advogada. Isso fica abaixo dos invertebrados na cadeia evolucionária.

Claire sorriu.

— Eu sabia que você botaria tudo em perspectiva. Só me diga que não estou sendo uma megera egoísta que vai arruinar a vida da filha se casando com um desconhecido.

— Ah, então estamos falando da sua mãe.

— Eu não quero ser como ela.

A voz de Claire de repente perdia força.

— Eu conheço você desde que nós cinco aparecemos no primeiro dia de escola vestindo a mesma camisa azul. Você nunca foi egoísta. E nunca vi você feliz assim. Deus finalmente lhe deu esse presente de amor e paixão. Não o devolva fechado.

— Estou com medo. Deveria ter feito isso quando era nova.

— Claro que você está com medo. A pessoa inteligente sente medo do casamento. Se você não estiver pronta para se casar, espere. Mas não espere porque sua irmã mais velha fez você se questionar. Siga seu coração.

— O que eu faria sem você?

Gina riu.

— O mesmo que eu faria sem você: beberia demais e me lamentaria com estranhos.

— Como estão as coisas?

Ela suspirou.

— Não muito bem. Rex esteve aqui ontem à noite. O filho-da-puta perdeu uns cinco quilos e pintou o cabelo. Daqui a pouco vai me pedir para chamá-lo de Rex o Terrível novamente. — Ela se deteve. — Ele quer se casar com aquela mulher.

— Ai!

— Ai, mesmo. Dói muito. Mas você não ouviu a boa notícia: Joey voltou!

— Não brinca. Onde ele estava?

Gina baixou a voz.

— Por aí, foi o que ele disse. Está péssimo. Envelhecido. Chegou ontem. Está dormindo há quase 13 horas. Espero nunca amar ninguém como ele amava Diana.

— O que ele vai fazer?

— Não sei. Disse que poderia ficar aqui, mas não quer. A casa traz muitas lembranças. Ele passou uma hora olhando a fotografia do meu casamento. Sinceramente, senti vontade de chorar.

— Dê um beijo nele.

— Pode deixar.

Elas conversaram mais alguns minutos sobre coisas do dia-a-dia. Quando desligaram, Claire se sentia melhor.

Olhou a mão esquerda, o anel de noivado que estava usando. Era uma tira de folha de metal prateado, cuidadosamente dobrada e torcida em torno do dedo.

Ela se recusava a pensar no que a irmã diria sobre a aliança. Em vez disso, lembrou-se de como havia se sentido no dia em que Bobby a colocara ali.

Case comigo, pedira ele, de joelhos. Os olhos transbordavam um amor com o qual ela apenas sonhara.

Gina tinha razão. Esse amor era um presente que lhe fora dado. Ela não o recusaria por medo. Uma coisa que a maternidade lhe havia ensinado: o amor exigia coragem. E o medo apenas fazia parte do negócio.

Ela pegou o casaco no sofá, jogou-o sobre os ombros e saiu de casa. A noite agora quase caíra por completo; a escuridão cobria as montanhas graníticas.

Claire fez a ronda noturna devagar, parando para falar com diversos hóspedes. Estava totalmente escuro quando alcançou a pequena fileira de chalés no extremo da propriedade.

O quarto chalé possuía uma linda varandinha com vista para o rio. Eles não haviam alugado o chalé naquele verão por causa de estragos da chuva no telhado, o que dera a Bobby um lugar para ficar até o casamento. *Destino*, o pai dissera ao entregar a chave a Claire.

Agora o destino estava sentado na beira da varanda, de pernas cruzadas, o corpo encoberto pela penumbra, um violão no colo. Contemplava o rio, tocando uma vaga música lenta.

Claire avançou para a sombra de uma enorme sempre-verde. Escondida, observou-o. A música lhe dava arrepios.

Quase baixo demais para ser ouvido, ele começou a cantar.

— “Venho andando a vida inteira... numa estrada sem fim. Dobrei a esquina, princesa... você sorriu para mim.”

Claire saiu da sombra. Bobby ergueu os olhos e viu-a. Um sorriso franziu-lhe a pele bronzeada do rosto.

Ele começou a cantar novamente, olhando para ela.

— “Pela primeira vez na vida... acredito no bom Deus... porque vejo o paraíso... iluminando os olhos seus.” — Ele dedilhou mais alguns acordes, então bateu no violão e sorriu. — Foi só o que compus até agora. Sei que precisa de retoques.

Deixou o instrumento de lado e avançou na direção dela.

A cada passo, Claire sentia a respiração diminuir, até, ao tê-lo diante de si, perder o fôlego. Era quase constrangedor sentir tanto.

Ele segurou-lhe a mão esquerda, olhou o aro de metal prateado que pretendia ser uma aliança de diamante.

— Patético — murmurou. — Nem toda mulher aceitaria uma aliança dessas.

— Eu amo você, Bobby. É isso que importa.

— Eu não sou nenhuma dádiva, Claire. Você sabe disso. Cometi erros na vida. Três, para ser exato.

— Sou mãe solteira e nunca me casei. Entendo de erros.

— Nunca me senti assim — murmurou ele.

— Assim como?

— Como se meu coração já não me pertencesse, como se ele não pudesse bater sem você. Você está dentro de mim, Claire, mantendo-me de pé. Você me faz querer ser mais do que sou.

— Eu quero envelhecer com você — sussurrou ela.

— Quero ouvir nossos filhos brigando por bobagens no banco traseiro fedido do carro.

Claire riu. Era tão bom sonhar com alguém!

Ele a abraçou, dançou com ela a música do rio e dos grilos.

Por fim, Claire disse:

— Minha irmã, Meghann, vem nos visitar amanhã. Como era de esperar, não ficou muito animada com a notícia do casamento.

Pela mão, ele conduziu-a à varanda. Sentaram-se no rangente balanço de madeira e balançaram-se suavemente.

— Você não disse que ela não viria ao casamento?

— Doce ilusão.

— A opinião dela importa?

— Não deveria.

— Mas importa.

Claire sentia-se uma idiota.

— Importa.

— Ela não vai conseguir mudar sua idéia sobre mim, vai?

— Ela nunca conseguiu mudar minha idéia sobre nada. É o que a deixa furiosa.

— Contanto que você me ame, posso suportar tudo.

— Bem, Bobby Austin... — Ela abraçou-o e aproximou-se para um beijo. Pouco antes de os lábios se tocarem, sussurrou: — Então você pode suportar tudo. Até minha irmã.

CAPÍTULO CINCO

— É ESTUPIDEZ casar com um homem que acabou de conhecer.

— “Estupidez” não é a palavra certa.

— É desaconselhável...

— Você é irmã. Não advogada dela.

Meghann vinha travando essa conversa louca com o espelho retrovisor durante a viagem de Seattle. Por que conseguia apresentar argumentos que levavam os jurados às lágrimas e não achava uma maneira simples e eficaz de advertir a irmã da tragédia iminente?

Na última parada antes de Hayden havia um bar de-crépito, chamado Roadhouse, encimado por um néon que recomendava Coors *light*. De todo o coração, ela queria parar o carro, entrar no bar cheio e perder-se na escuridão enfumaçada. Certamente seria melhor do que dizer a Claire, depois de se encontrar afastada havia tanto tempo: “Você está cometendo um erro.”

Mas não parou. Deixou a estrada principal e dirigiu 15 quilômetros numa via de duas pistas ladeada por imensas sempre-verdes.

A pequena placa surgiu, desejando-lhe boas-vindas.

Ela diminuiu a marcha. Hayden ainda parecia o tipo de lugar que acolhia de portas abertas novos moradores,

onde mulheres levavam tortas de atum caseiras às famílias recém-chegadas. Mas Meghann não se deixava enganar. Vivera ali tempo suficiente para saber como aquela gente simpática podia ser cruel com quem andasse com as pessoas erradas. Sem dúvida, cidade pequena podia nos reconfortar; e também podia tornar-se rapidamente hostil.

Meghann parou no único sinal existente. Quando a luz verde acendeu, pisou no acelerador e atravessou a cidade. Alguns quilômetros depois, avistava a placa: RESORT RIVER'S EDGE. PRÓXIMA À ESQUERDA.

Entrou na estrada pedregosa. As árvores eram gigantescas em ambos os lados. Na primeira casa, diminuiu a velocidade. A bela caixa de correspondência, pintada para parecer uma orca, dizia C. CAVENAUGH.

O terreno, outrora silvestre, fora cultivado. Agora parecia um jardim inglês. A casa era totalmente Martha Stewart: tabuado amarelo-claro e lustrosas molduras brancas, uma bela varanda decorada com vasos pendurados de gerânio e lobélia.

Ela estacionou e desceu do carro. Arrastando os presentes, caminhou até a porta e bateu. Ninguém atendeu.

Depois de uma longa espera, voltou ao carro e dirigiu quinhentos metros até a casa da recepção do acampamento.

Passando pela piscina, alcançou a longa e estreita construção de madeira onde se faziam os registros. Um sino retiniu quando ela abriu a porta.

Sam Cavanaugh estava atrás do balcão. À entrada dela, levantou-se. O sorriso pronto esvaeceu aos poucos, então se firmou outra vez.

— Oi, Meg. É bom ver você. Faz muito tempo.

— É. Tenho certeza de que você sentiu saudade.

Como sempre, Meghann sentia-se pouco à vontade perto de Sam, nervosa. Ainda se lembrava do dia em que ele lhe havia dito: *Saia daqui, desapareça*. Ele imaginara que ela era má influência para a filha. Mas a frase que Meghann mais detestara, aquela que guardara consigo, tinha sido: *Igual à sua mãe*.

Eles entreolharam-se.

— Você está bem — elogiou ele, afinal.

— Você também. — Meghann consultou o relógio. A última coisa que queria era ficar ali sem falar com Sam.

— Claire avisou que você talvez chegasse. A família Ford, que está no acampamento 17, teve uma emergência com o fogão, mas ela deve voltar a qualquer momento.

— Ótimo. Então vou esperar na casa.

Ela deu meia-volta e retirou-se, deixando a porta bater. Estava na metade do caminho do carro quando ouviu a voz dele novamente.

— Ela está feliz, sabia? Com esse rapaz.

Meghann virou-se.

— Se bem me lembro, você estava feliz quando se casou com minha mãe. Eu estava feliz quando me casei com Eric.

Sam aproximou-se.

— Sua mãe é uma peça, sem dúvida, mas não me arrependo de ter me casado com ela.

— Você deve estar drogado.

— Claire — foi tudo o que ele disse.

— Ah. — Meghann sentiu uma ponta de ciúme. Lá estava outra vez: a relação “pai e filha” de Claire.

— Tenha cuidado com ela — pediu Sam. — Você é irmã dela.

— Sei que sou irmã dela.

Mais uma vez ela se retirou: entrou no carro e seguiu para a casa de Claire.

Dessa vez, quando bateu à porta, ouviu passos no interior. A porta foi aberta. Alison surgiu à vista, usando um macacão de brim adornado com margaridas e uma camisa amarela bonita.

— Você não pode ser Alison Katherine Cavanaugh. Ela é um bebê.

Alison sorriu.

— Agora eu sou grande.

— É mesmo. Vai dar um abraço na tia Meg?

Alison avançou e deu-lhe um abraço morno. Quando se afastou, Meg disse:

— Eu trouxe um presente para você.

— Deixe-me adivinhar. — Claire surgia da escuridão no fim do corredor. — Um canivete suíço.

— Não. Uma espingarda de chumbinho.

— Você não fez isso!

Meghann riu.

— A vendedora de aparência mais careta na loja de brinquedos recomendou isto aqui.

Ela entregou à sobrinha a caixa embrulhada.

Alison abriu o presente.

— É a Groovy Girl, mamãe! A Groovy Girl!

Ela lançou-se nos braços de Meghann, dessa vez abraçando-a para valer. Mostrou a boneca a Claire e subiu correndo a escada.

Meghann entregou a Claire uma garrafa de vinho: Far Niente 1997.

— É um dos meus preferidos.

— Obrigada.

Elas entreolharam-se. Por fim, Claire deu um passo à frente, puxou Meghann para um abraço rápido e soltou-a.

Meghann recuou vacilante, surpresa demais pelo gesto para reagir.

— O jantar está cheirando muito bem, mas eu queria levar vocês para comer fora.

— O bufê do Chuck Wagon não é exatamente seu estilo.

— Ah.

— Enfim, entre. Você nunca esteve aqui em casa.

Meghann seguiu Claire até o sofá e sentou-se ao lado dela. Não pôde deixar de notar a ridícula aliança, um aro de alumínio, pelo amor de Deus. Era bom que ela tivesse ido ali. E não havia por que adiar o assunto.

— Claire, eu acho...

Então *ele* entrou na sala. Meghann logo entendeu por que a irmã se apaixonara tão perdidamente. Bobby podia ser um fracasso como cantor, mas era um sucesso no quesito beleza. Quando sorria, era com o rosto todo. Um homem desses não apenas arrancava nossos pés do chão, como também nos fazia girar no ar tão rápido e alto que a única certeza era a queda. Ele e Claire trocaram um olhar apaixonado.

— Eu sou Bobby Austin — apresentou-se ele, sorrindo.

Meghann levantou-se e apertou-lhe a mão.

— Meghann Dontess.

— Claire me disse que as pessoas a chamam de Meg.

— Meus amigos, sim.

Ele sorriu.

— Pelo seu olhar azedo, imagino que eu deva me a-
ter a Sra. Dontess.

— As meninas de Arkansas devem achar você encantador.

— As do Texas achavam. — Ele abraçou Claire. — Mas esse tempo ficou para trás. Encontrei a mulher com quem quero passar o resto da vida.

Ele beijou o rosto de Claire, pegou a garrafa de vinho e dirigiu-se à cozinha.

Nos poucos instantes em que se manteve ausente, Meghann ficou ali parada, olhando para a irmã, tentando escolher as palavras com cuidado, mas nada parecia adequado.

Bobby retornou com duas taças de vinho e entregou uma delas a Meghann.

— Você deve ter algumas perguntas para mim — disse, sentando-se.

A franqueza dele deixou Meghann surpresa. Devagar, ela acomodou-se na cadeira que ficava de frente para o sofá. Eles agora eram entidades distintas: Bobby e Claire contra Meghann.

— Fale-me de você.

— Eu amo Claire.

— Algo mais substancial.

— Tenho 37 anos. Formado em música pela Universidade Estadual de Oklahoma. Fui... casado.

Meghann inclinou-se para a frente, alerta.

— Quantas vezes?

Ele olhou para Claire.

— Três.

Meghann também olhou para Claire.

— Você deve estar brincando.

Ele se apressou em explicar.

— Eu me casei com Suellen quando nós tínhamos 18 anos. Ela estava grávida, e na nossa cidade...

— Você tem filhos?

— Não. — A voz dele ficou mais branda. — Aborto espontâneo. Depois disso, não tinha razão para continuarmos casados. Ficamos juntos menos de três meses. Então me casei novamente aos 21 anos. Infelizmente, descobri que ela queria uma vida diferente da que eu queria. Carros finos, jóias finas. Fui preso quando a pegaram vendendo cocaína em nossa casa. Vivi dois anos com ela e nunca notei nada. Só achava que ela era muito temperamental. Ninguém acreditou que eu não fazia parte daquilo. Laura foi a única que teve importância. Ela era... uma pediatra que adorava música *country*. Ficamos dez anos casados. Terminamos há um ano. Eu poderia contar por que, mas não é da sua conta. Claire sabe de tudo.

Três divórcios e um crime. *Perfeito.*

E agora a irmã má tinha de partir o coração da irmã boazinha.

Claire levantou-se, aproximando-se dela. Sentou-se na arca chinesa entalhada que servia de mesinha de centro.

— Sei que você não pode ficar feliz por mim, Meg.

— Eu quero ficar. — Era verdade. — Só que...

— Ele não é o melhor partido. Eu sei. E você ganha a vida lidando com divórcios. Também sei disso. Acima de tudo, sei que você cresceu na casa de mamãe. — Ela inclinou-se para a frente. — Eu *sei*, Meg.

Meghann sentiu o peso daquelas poucas palavras. A irmã havia pensado em todas as mesmas razões. Não havia nada que Meghann pudesse dizer que Claire já não soubesse.

— Não vai nunca fazer sentido. E sei que é louco, arriscado e, pior de tudo, algo que lembra mamãe. Mas significaria muito para mim você me abraçar e dizer que está feliz por mim. Mesmo que seja mentira.

Meghann fitou os olhos verdes da irmã e lembrou-se da infância. Sempre que a mãe levava para casa um novo “amigo”, Claire deixava-se acreditar que *finalmente* haveria um pai em sua vida. Cada padrasto arrancava um pedacinho de seu coração. E, todavia, quando o homem seguinte aparecia, a irmã achava uma maneira de acreditar novamente. Era claro que Claire acreditava em Bobby Austin.

Não havia jeito de mudar a opinião ou, ainda mais importante, o coração da irmã. Portanto, havia duas opções: fingir que dava sua aprovação ou aferrar-se às armas.

— Eu confio em você, Claire — disse, afinal. — Se está falando que Bobby Austin é o homem que você ama, isso me basta.

Claire soltou um longo suspiro.

— Obrigada.

Ela abraçou Meghann, que ficou surpresa demais para retribuir o gesto. Claire levantou-se. Voltou ao sofá e sentou-se ao lado de Bobby, que imediatamente pôs o braço em seus ombros.

Meghann tentou pensar no que dizer no silêncio que se seguiu.

— Então, quais são os planos para o casamento? Cartório?

— Nem pensar. — Claire riu. — Esperei 35 anos por isso. Vou querer tudo a que tenho direito. Vestido branco. Casamento na igreja. Bolo. Recepção com dança. Tudo.

— Tem uma consultora no meu prédio — observou Meghann. — Acho que ela planejou o casamento de Bill Gates.

— Isso aqui é Hayden, não Seattle. Vou alugar o salão da Associação dos Veteranos de Guerra, e cada convidado vai trazer um prato, como numa festa americana. Vai ser ótimo.

— Festa americana? *Festa americana?* — Meghann levantou-se. Aparentemente havia nela algo de sua mãe, afinal de contas. Ela não deixaria a irmã ter um casamento estilo Wal-Mart. — Vou organizar a cerimônia e a recepção — ofereceu-se, num impulso.

O sorriso de Claire desapareceu.

— Você?

— Não sou nenhuma retardada. Posso fazer isso.

— Mas... seu trabalho é tão absorvente. Eu jamais pediria que você tirasse folga da sua rotina corrida para isso.

— Você não pediu. Eu me ofereci. E por acaso estou... com pouco serviço. — A idéia começava a lhe agradar. Talvez isso acabasse por uni-las. — Vai ser perfeito, aliás. Eu *quero* fazer isso por você, Claire.

— Ah. — Claire não parecia muito animada. — Por que será que fico me lembrando de *O pai da noiva*? Você nunca faz nada com simplicidade, Meg.

Meghann sentiu-se estranha de repente, vulnerável. Não sabia por que queria tanto fazer aquilo.

— Vou escutar você e seguir suas recomendações. Vai ser o *seu* casamento. Eu juro.

— Tudo bem — assentiu Claire, afinal. — Você pode me ajudar a planejar tudo.

Meghann sorriu e bateu palmas.

— Ótimo! Agora, qual é mesmo a data... 23? O próximo sábado? Não nos resta muito tempo.

Ela dirigiu-se à cozinha, onde achou um papel e começou a traçar uma lista de afazeres.

NA SEGUNDA NOITE na casa da irmã, Joe se sentia sufocado. Para onde olhava, via lampejos da antiga vida. Não sabia o que fazer, mas sabia que não podia ficar ali.

Esperou Gina sair para o supermercado, botou seus pertences na velha mochila — inclusive alguns porta-retratos com fotografias de Diana que havia tirado de casa — e encaminhou-se para a porta. Deixou um bilhete na bancada da cozinha: *‘Não posso ficar. Desculpe. Dói demais. Sei que é um momento difícil para você, então não irei longe. Telefonarei em breve. Com amor, J.’*

Refez os poucos quilômetros de volta ao centro da cidade. Algumas pessoas andavam nas ruas, e mais de um rosto se voltou surpreso para ele, mas ninguém o abordou.

Joe estava prestes a desistir de procurar emprego quando chegou ao fim da cidade. Do outro lado da rua do parque Riverfront, estudou o barracão de metal que anunciava: SMITTY’S, A MELHOR OFICINA DE HAYDEN.

Na cerca de aço havia uma placa: PRECISA-SE DE MECÂNICO. EXIGE-SE EXPERIÊNCIA, MAS A QUEM QUERO ENGANAR?

Joe atravessou a rua e dirigiu-se à entrada.

Um cachorro começou a latir. Ele notou a placa de CUIDADO COM O CÃO. Instantes depois, aparecia um *poodle* branco.

— Madonna, pare de latir! — Um homem velho surgiu do barracão escuro. Usava um macacão manchado de óleo e um boné da marinha. — Não ligue para a cadela. Em que posso ser útil?

— Eu vi a placa de “precisa-se de mecânico”.

— Não brinca. — O velho bateu na própria coxa. — Esse negócio está aí há quase dois anos. Eu... — Ele se deteve, deu um passo à frente, franzindo as sobrancelhas. — Joe Wyatt?

Joe ficou nervoso.

— Oi, Smitty.

Smitty soltou um suspiro.

— Macacos me mordam.

— Eu voltei. E preciso de um emprego. Mas, se isso for lhe custar os clientes, eu posso entender. Sem ressentimento.

— Você quer um emprego *consertando carros*? Mas você é médico.

— Aquela vida acabou.

Smitty encarou-o durante um longo tempo, então perguntou:

— Você se lembra do meu filho, Phil?

— Ele era bem mais velho que eu, mas me lembro, sim.

— O Vietnã acabou com ele. Culpa, eu acho. Ele fez umas coisas por lá... Enfim, já vi homem fugir. Não é bom. Claro que vou contratar você, Joe. O chalé ainda vem com o emprego. Quer?

— Quero.

Smitty conduziu-o pela construção de metal até os fundos. O quintal era grande e bem cuidado. Havia muitas flores ao longo da passagem de pedras. Um bosque de

sempre-verdes aninhava-se ao lado do pequeno chalé de madeira.

— Você era adolescente quando morou aqui.

— Faz muito tempo.

— É. — Smitty suspirou. — Helga ainda mantém o lugar imaculado. Vai ficar feliz em ver você de volta.

Joe seguiu Smitty até o chalé.

O interior estava aseado como sempre. Uma manta de lã com listras vermelhas cobria o antigo sofá de couro, e havia uma cadeira de balanço próxima à lareira de pedras. A cozinha parecia bem provida de utensílios, panelas e caçarolas, e o único quarto ostentava uma cama de casal. Joe apertou a mão de Smitty.

— Obrigado — disse, surpreso pela profundidade de sua gratidão.

— Muita gente nesta cidade gosta de você, Joe. Você parece ter esquecido.

— É bom ouvir isso. Ainda assim, prefiro que ninguém saiba que estou aqui. Pelo menos por enquanto.

— Imagino que seja um longo caminho para superar uma coisa dessas.

— Muito longo.

Depois que Smitty saiu, Joe procurou na mochila um dos porta-retratos que pegara na casa da irmã. Fitou o rosto sorridente de Diana.

— É um começo — disse a ela.

MEGHANN ACORDOU desorientada. Achou que houvesse um rádio ligado em algum quarto no fim do corredor. Então se deu conta de que o barulho eram pássaros cantando. Pássaros cantando, pelo amor de Deus.

A casa de Claire.

Sentou-se na cama. O quarto de visitas, muito bem decorado, era estranhamente confortável. Por todos os lados havia bugigangas feitas à mão e trabalhos manuais de Ali.

Ouviu-se uma batida à porta, então um grito hesitante de “Meg?”.

Ela consultou o relógio na mesinha-de-cabeceira: 10h15. *Minha nossa!* Esfregou os olhos, que pareciam arentos por causa da insônia. Como sempre, passara a noite inteira revirando-se na cama.

— Estou acordada — disse, livrando-se dos cobertores.

— O café-da-manhã está na mesa — avisou Claire pela porta fechada. — Vou limpar a piscina. Vamos sair lá pelas 11 horas, se você ainda estiver de acordo.

Meghann levou alguns segundos para se lembrar. Prometera sair para comprar o vestido de noiva em Hayden com as Bluesers.

— Vou me vestir.

— Vejo você daqui a pouco.

Meghann ouviu os passos de Claire afastando-se. Por quanto tempo conseguiria manter aquela farsa de “Eu sou sua irmã, apoio seu casamento”? E todavia, como não podia voltar ao trabalho, Meghann se flagrava preparando-se para planejar o casamento da irmã. Sinceramente, quem seria pior para a função?

Ela saiu da cama e atravessou o corredor em direção ao pequeno banheiro do segundo andar. Escovou os dentes e tomou um banho rápido, muito quente. Trinta minutos depois, estava pronta para sair, novamente vestida

com as roupas do dia anterior: uma blusa branca Dolce & Gabbana e uma calça *jeans* Marc Jacobs.

Lá fora, o sol brilhava no jardim. Meghann jogou a bolsa dentro do Porsche e entrou. O motor ressoou. Ela dirigiu devagar até a casa da recepção do acampamento, com cuidado para não levantar poeira demais. Era uma distância curta, mas as sandálias de salto alto não dariam conta do caminho de pedras.

Estacionou em frente da casa. Entrou. A recepção estava vazia.

Dirigiu-se ao balcão e encontrou o catálogo telefônico de Hayden. Havia um único anúncio de consultoria para casamentos: “Planejamento de Eventos Royal.” Em letras pequenas, lia-se: “Finja que você só vai se casar uma vez.”

Meghann não pôde deixar de sorrir. Anotou o número e guardou-o na bolsa.

Voltou ao carro, baixou a capota e esperou. Às 11 horas, Claire apareceu, usando uma calça jeans e uma camiseta do River’s Edge Resort. Jogou a mochila de lona atrás do banco e entrou no carro.

— Isso é que é ir à cidade com estilo.

Meghann não sabia se a observação pretendia ser uma alfinetada, portanto manteve silêncio.

— Você acordou tarde — comentou Claire. — Achei que sempre chegasse à firma às 7 horas.

— Eu não dormi bem.

— Por favor, não se preocupe comigo, Meg. Por favor.

Meghann não podia deixar a irmã pensar que a falta de sono se devesse ao casamento.

— Não é isso. Eu nunca durmo.

— Desde quando?

— Acho que começou na faculdade. Estudando a noite toda para as provas. Você sabe como é.

— Não, não sei.

Meghann tentara proteger Claire, para esconder o fato de que a insônia havia começado quando a família desmoronou, mas faculdade fora a desculpa errada.

— Pelo que ouvi dizer, a maternidade também deixa algumas pessoas acordadas a noite inteira.

— Então você sabe alguma coisa sobre crianças. Mamãe disse que eu sentia muita cólica.

— Como se mamãe fosse saber! Você não sentia cólica. Você tinha dor de ouvido. Quando estava doente, gritava desesperadamente. Eu levava você, chorando, para a lavanderia. Aí me sentava na secadora, com você no colo, e você acabava dormindo. Mamãe nunca soube o que acontecia com as moedas de 25 centavos.

— Não é de admirar que eu goste de lavar roupa. Chegamos.

Claire apontou para uma casa antiga em estilo vitoriano, pintada num tom rosa forte, com molduras roxas. A cerca branca trazia uma placa pintada à mão que dizia AS INTIMIDADES DE DONA ABIGAIL. ENTRE.

Meghann olhou a casa ao mesmo tempo ridícula e graciosa.

— Nós podíamos ir à Escada ou à Nordstrom.

— Não seja você, Meg.

— Tudo bem. — Ela suspirou. — Vá na frente. Vou calar a boca.

Elas subiram a escada e entraram na loja.

— Olá! — gritou Claire.

Houve uma resposta imediata: algumas vozes femininas e passos apressados.

Uma senhora roliça, usando um vestido largo e florido, surgiu à vista.

— Claire Cavanaugh, estou tão feliz em *finalmente* poder mostrar a você o segundo andar!

— Os vestidos de noiva ficam no segundo andar — esclareceu Claire a Meghann. — Dona Abigail já tinha desistido de mim.

Antes que Meghann pudesse responder, duas outras mulheres chegaram correndo à sala. Uma delas era baixinha e usava um vestido largo, sem cintura, com tênis brancos. A outra era alta, talvez magra demais, e vestia-se impecavelmente com seda bege. Duas das Bluesers. A de vestido sem cintura, Meg ficou sabendo, era Gina, e a de seda bege era Charlotte.

— Karen não pôde vir — explicou Gina. — Willie tem consulta no ortodontista e Dottie quebrou os óculos.

— Em outras palavras — observou Charlotte —, um dia comum na vida de Karen.

Claire se pôs entre Charlotte e Abigail. Elas conversavam sobre rendas, bordados e véus.

— Meghann — disse Gina —, estou surpresa de que você tenha conseguido escapar do trabalho. Ouvi dizer que é a melhor advogada especializada em divórcios de Seattle.

— Eu não deixaria de vir ao casamento de Claire.

— Conheço uma advogada especializada em divórcios. Ela é ótima em separar famílias.

— É o que fazemos.

Uma sombra cruzou os olhos de Gina. A voz baixou.

— Alguma vez chegam a reconstituí-las?

— É raro.

O rosto de Gina pareceu fechar-se; enrugou-se como um saco de papel velho. E Meghann entendeu o que se passava.

— Você está se divorciando.

Gina tentou sorrir.

— Acabei de me divorciar, na verdade. Diga-me que vai melhorar.

— Vai, sim — murmurou Meg. — Mas pode levar um tempo. Existem vários grupos de apoio que podem ajudá-la.

— Eu tenho as Bluesers com quem chorar, mas obrigada. Agradeço a sinceridade. Agora vamos subir e achar o vestido perfeito para a sua irmã.

Gina conduziu Meg escada acima. Quando chegaram ao segundo andar, Claire já experimentava o primeiro vestido. As mangas eram enormes, e a saia parecia uma xícara de chá de cabeça para baixo. Meg acomodou-se numa cadeira de vime branca. Gina ficou atrás dela.

— Ai, que lindo! — exclamou Abigail.

Claire estava de frente para o espelho, virando-se para lá e para cá.

— Parece roupa de princesa — considerou Charlotte.

Claire olhou para Meg.

— O que você acha?

Meg não sabia o que se esperava dela: honestidade ou apoio. Deu mais uma olhada no vestido e chegou à conclusão de que apoio seria impossível.

— Medonho.

— Minha irmã sempre foi severa — balbuciou Claire, voltando à cabine.

Meghann suspirou. Mais uma vez havia estragado tudo, desferira sua opinião como um golpe de punhal na nuca. Afundou na cadeira e fechou a boca.

O resto da tarde foi um desfile exaustivo de vestidos baratos, um após o outro. Claire aparecia, recebia comentários e desaparecia. Não pediu mais a opinião de Meghann, que sabia que era melhor não a oferecer. Recostou-se na cadeira e apoiou a cabeça na parede.

Uma cutucada na altura das costelas a acordou. Ela piscou os olhos, endireitou-se. Charlotte, Abigail e Claire retiravam-se para uma sala denominada CHAPÉUS E VÉUS.

Gina falou:

— Eu já tinha ouvido dizer que você não era fácil, mas dormir enquanto sua irmã experimenta vestidos de noiva é o fim.

— Era o único jeito de ficar quieta. Ela achou algum?

— Não.

Meghann franziu a testa.

— Como assim, não sou fácil? É isso que Claire diz?

— Não. É. Às vezes. Você sabe como é, quando bebemos *margaritas* num dia ruim. Karen chama a irmã de Psicopata Desalmada. Claire chama você de Tubarão.

Meghann quis sorrir, mas não conseguiu.

— Eu me lembro de quando ela se mudou para cá — murmurou Gina. — Chorava só de olharmos diferente para ela. Passou anos reclamando que sentia saudade da irmã. Só depois da formatura descobri o que tinha acontecido com ela.

— O que eu tinha feito, é isso que você quer dizer.

— Quem sou eu para julgar? A questão é a seguinte: Claire ficou muito magoada com aquilo tudo, mas, admita minha amiga ou não, significa muito para ela ter você aqui.

— Eu me ofereci para planejar o casamento.

— Você parece perfeita para isso.

— Ah, claro. Sou muito romântica.

Meghann suspirou.

— Você só precisa ouvir Claire. Qual foi a última vez em que você se sentou com sua irmã para conversar?

— Digamos que não tínhamos idade suficiente para tomar vinho durante as refeições.

— Foi o que imaginei. Saia com ela agora.

— Mas Alison...

— Sam pode tomar conta de Alison. Vou avisá-lo.

— Claire não vai querer sair comigo depois que vetei os vestidos.

— E dormiu. O ronco foi o ponto alto.

— Você também não alivia, hein?

— Daí o divórcio. Leve Claire para jantar. Vá ver um filme. Faça *alguma coisa* de irmã. Está mais do que na hora.

CLAIRE OLHOU DE ESGUELHA para a irmã, que se achava atrás do volante.

— Para onde estamos indo? — perguntou, pela quarta vez.

— Você vai ver.

Sempre a mesma resposta.

— Alison está me esperando — argumentou Claire, pela quarta vez.

— Chegamos. — Meg estacionou o Porsche prateado numa vaga. Antes que Claire pudesse contestar, ela já se encontrava fora do carro, perto do parquímetro. — Vamos.

Elas agora estavam no centro de Seattle. Território da irmã. Claire avançava a seu lado.

— Aqui — indicou Meghann, parando de repente em frente a uma porta branca estreita ladeada por janelas. Uma pequena placa de ferro dizia BY DESIGN.

— Que lugar é este?

— Você falou que eu podia planejar o casamento, certo? Meg abriu a porta e entrou.

Claire continuou parada, hesitante.

— Vamos.

Meghann a aguardava de frente para um elevador.

Claire seguiu-a. Um instante depois o elevador apitou, e a porta abriu. Elas entraram; a porta fechou.

— Desculpe por hoje de manhã — disse Meghann. — Eu estraguei tudo.

— Uma coisa é dormir. Outra é roncar.

— Eu sei. Desculpe.

Claire suspirou.

— É a história de nossas vidas, Meg, mas nós nunca...

A porta do elevador abriu. Claire soltou um grito abafado.

Havia manequins por toda parte, cobertos com os vestidos de noiva mais lindos que ela já vira. Deu um passo adiante. O vestido à sua frente era um tomara-que-caia. Claire espiou a etiqueta com o preço. Dizia ESCADA US4.200.

Soltou-a imediatamente e virou-se para Meghann.

— Vamos embora.

Meg segurou-lhe o braço.

— Quero que você experimente os vestidos *daqui*.

— Não posso. Sei que você só está sendo você, Meg. Mas... magoa um pouco. Eu trabalho num acampamento.

— Não quero repetir isso, Claire, então, por favor, preste atenção. Eu trabalho 85 horas por semana, e meus clientes pagam quase quatrocentos dólares a hora. Dinheiro é uma coisa que eu tenho. Significaria muito para mim comprar o vestido de noiva. As roupas que vimos de manhã não são para você. Desculpe se acha que estou sendo cruel e esnobe, mas é o que penso.

Antes que Claire pudesse responder, alguém exclamou:

— Meghann Dontess! Numa loja de noivas! Quem diria?

Uma mulher alta, muito magra, usando um vestido justo azul-marinho avançou na direção delas. O cabelo, uma combinação perfeita de louro e branco, caía sobre o rosto num corte à Meg Ryan.

— Oi, Risa — cumprimentou Meg, estendendo a mão.

— E esta é a irmã caçula, certo?

Claire notou um leve sotaque, talvez russo, e disse:

— Eu sou Claire.

— E Meghann está deixando você se casar.

— Na verdade, ela foi contra.

Risa jogou a cabeça para trás e riu.

— É claro que ela foi contra. Já ouvi essa advertência duas vezes. Em ambas eu deveria ter escutado, é claro, mas o amor sempre vence.

Ela recuou, analisando Claire dos pés à cabeça.

— Você é linda — avaliou, afinal. — Tamanho 40 ou 42, imagino. Para você, penso nos clássicos: Prada, Valentino, Armani, Vera Wang. Venha.

Ela virou-se e começou a afastar-se, volta e meia estendendo o braço para pegar um vestido.

Claire olhou para Meghann.

— Armani? Vera Wang?

Ela sacudiu a cabeça, sem conseguir dizer “você não pode fazer isso”.

— Não somos obrigadas a comprar nada — observou Meghann. — Experimente. Só de farra.

Minutos depois Claire entrava num provador que era maior do que seu quarto. Três espelhos gigantescos desdobravam-se à frente. Havia uma pequena plataforma de madeira no centro.

— Vá. Os vestidos estão aí dentro.

Risa empurrou-a de leve.

Claire entrou na cabine, onde diversos vestidos aguardavam-na pendurados. O primeiro era um magnífico Ralph Lauren de seda branca com corpete trabalhado em rendas e bordados.

Claire tirou a calça *jeans* surrada e a camiseta. O vestido caiu-lhe sobre os ombros como uma nuvem.

— Venha cá, linda. Queremos ver — chamou Risa.

Claire abriu a porta e saiu da cabine. Ouviram-se exclamações. Risa gritou “Sapatos!” e saiu correndo.

Meg segurava alguns vestidos, os lábios entreabertos num suspiro.

Claire não pôde deixar de sorrir. Subiu a plataforma e olhou-se no espelho. Não era de admirar que Meghann tivesse detestado os vestidos vistos pela manhã.

Risa retornou, sacudindo os sapatos de cetim.

— Calce.

Claire obedeceu e manteve-se imóvel.

— Acho que o tecido é fino demais, vocês não acham? — perguntou.

Meghann franziu as sobrancelhas.

— Fino demais? Você está linda.

— Ele marca muito.

— Claire, é tamanho quarenta.

Depois disso Claire experimentou uma sucessão de vestidos, cada qual mais bonito que o anterior. Sentia-se uma princesa, e ter de recusar todos não estragava em nada seu dia. Dava para ver que Meghann estava ficando frustrada. Entregava-lhe pencas de vestidos.

Risa havia muito se voltara para outras clientes.

Por fim, Claire chegou à última peça da noite. Meghann a escolhera. Um vestido branco elegante com corpete ornado em contas e saia de tafetá esvoaçante. Claire ainda abotoava as costas quando saiu da cabine.

Meghann manteve-se completamente calada.

Claire olhou para a irmã,

— Você não é de ficar quieta assim. É melhor eu tirar?

— Veja.

Claire suspendeu a saia do chão e subiu a plataforma. Devagar, encarou o espelho.

A mulher que retribuiu seu olhar não era Claire Cavanaugh. Não. Aquela mulher não havia abandonado a faculdade estadual, não era mãe solteira e certamente não gerenciava um acampamento. Aquela mulher chegava aos lugares de limusine e bebia champanhe em taças delicadas. Dormia em lençóis de linho suaves e sempre tinha um passaporte válido. Aquela era a mulher que ela poderia ter

sido se tivesse feito faculdade em Nova York e estagiado em Paris. Talvez fosse a mulher que ainda poderia se tornar.

Imaginou a cara de Bobby quando entrasse na igreja. Bobby, que se ajoelhara ao lhe pedir que, por favor, fosse sua mulher. Se ele a visse naquele vestido...

Meghann aproximou-se por trás dela, subiu a plataforma. Lá estavam elas, lado a lado. As duas irmãs. Meghann tocou o ombro nu de Claire.

— Nem ouse achar um defeito nesse vestido.

— Eu não vi o preço, mas...

Meghann rasgou a etiqueta.

— Nem vai ver.

Claire encarou a irmã.

— Você sabia. Escolheu a dedo.

Meg tentou não sorrir.

— É Vera Wang. Claro que eu sabia. Significa muito para mim você ter me incluído no seu casamento.

— Nós somos irmãs — respondeu Claire, depois de uma longa pausa. Era estranha aquela conversa. E vagamente perigosa. — Obrigada pelo vestido. É o que... — a voz falhou — ...eu sempre sonhei.

Meg finalmente sorriu.

— Não é só porque não acredito em casamento que não posso planejar uma cerimônia de arrasas.

Risa entrou no provador.

— O Wang — murmurou, olhando para Meg. — Você disse que seria a escolha dela.

— Um bom palpite.

— Ela está a personificação do amor. — Risa aproximou-se de Claire. — Vamos precisar apertar um pouco aqui, na altura do busto, não acha? — Ela começou a fa-

zer marcações com os alfinetes. — Vai ficar pronto a tempo — prometeu ao terminar, e então se retirou às pressas.

— Agora, que tal passarmos no Wild Ginger e levarmos alguma coisa para comer no meu apartamento? — propôs Meg.

— Alison...

— Está jantando no Zeke's Drive-In, depois acompanhará Sam e Bobby ao boliche.

Claire sorriu.

— Bobby vai ao boliche com meu pai e Alison? E você não acredita no amor verdadeiro?

Na frente do Wild Ginger, Meghann estacionou em fila dupla, então correu ao restaurante e voltou três minutos depois com um saco de papel. Deixou-o no colo de Claire, sentou-se no banco do motorista e seguiu para casa.

No apartamento, a vista era maravilhosa. O céu amarelado do fim de tarde tomava todas as janelas panorâmicas. A Space Needle, enfeitada com cores de verão, ocupava uma janela. O resto era o azul-escuro da Sound.

— Uau! — exclamou Claire.

— É, uma bela vista — assentiu Meghann.

Para onde quer que olhasse, Claire via a perfeição. Ela avançou para a pequena mesa Biedermeier no canto. Sobre a superfície lustrada havia um único porta-retratos. Era uma fotografia de Claire e Meghann, tirada quando eram crianças — talvez 7 e 14 anos —, abraçadas na beira de um cais.

Por surpreendente que fosse, Claire achou triste vê-las assim. Botou o porta-retratos no lugar e dirigiu-se à cozinha.

— Sua casa é incrível.

— Casa. — Meg riu ao entregar a Claire uma *margarina*. — É engraçado. Nunca penso nisto aqui dessa maneira, mas claro que é. Obrigada.

A grande questão: aquilo não era casa; era uma bela suíte de hotel, sem dúvida cinco-estrelas, mas fria, impessoal.

Meghann pegou os pratos.

— Tome. Vamos comer na varanda. — Elas levaram pratos e copos para fora. — Teremos de nos sentar no chão. O decorador escolheu a mobília mais desconfortável que havia. Devolvi tudo e ainda não tive tempo de comprar outra.

— Há quanto tempo você mora aqui?

— Sete anos.

Era uma noite linda. Estrelas por toda parte. Enquanto as duas comiam, Claire olhava para Meghann, lembrando-se dos tempos passados, quando eram grandes amigas. Imaginou se isso poderia acontecer de novo. Se fosse o caso, uma delas teria de dar o primeiro passo. Claire decidiu correr o risco.

— Você deveria passar umas noites lá em casa enquanto planeja o casamento.

— Jura?

Meghann ergueu os olhos, obviamente surpresa.

— Você deve estar ocupada demais.

— Não. Na verdade, estou numa entressafra de trabalho. E preciso mesmo passar algum tempo em Hayden. Aliás, tenho um compromisso lá amanhã. Com o consultor de casamentos.

Grande erro, pensou Claire. *Grande como o Incrível Hulk*.

— Então está combinado. Você vai passar uns dias lá em casa.

CAPÍTULO SEIS

MEGHANN ESTACIONOU O CARRO, conferiu novamente as coordenadas e olhou a rua. Caminhou duas quadras e dobrou à direita na Azalea. Seu destino era fácil de reconhecer: uma casa estreita em estilo vitoriano, pintada de amarelo-canário com molduras roxas. Uma placa pendurada na cerca dizia: PLANEJAMENTO DE EVENTOS ROYAL. Havia flores cintilantes em torno das letras cor-de-rosa.

Meghann quase desistiu. Não havia como alguém que usava tinta cintilante preparar um casamento de classe. Mas era o dia de Claire, e ela queria uma cerimônia pequena, simples.

Meghann abriu o portão e entrou no jardim de conto de fadas. Uma passagem de grama artificial conduzia à varanda. À porta salmão, ela bateu.

Um homem alto, de cabelo louro, e bronzeado digno da Califórnia, atendeu.

— Você deve ser Meghann Dontess. Eu sou Roy Royal.

Ela tentou conter o riso.

— Não tem problema, pode rir. Tenho sorte de meu segundo nome não ser Al. — Ele girou o quadril, apoiou a mão ali. — Que sapatos lindos, Sra. Dontess! Não esta-

mos acostumados a ver Marc Jacobs em Hayden. Não consigo imaginar o que a traz aqui.

— Sou irmã de Claire Cavanaugh. Vim planejar o casamento.

Ele soltou um berro.

— Claire! Nossa! Bem, vamos entrar. Só o melhor para Claire. — Ele a conduziu até a sala, ao sofá de veludo cor-de-rosa. — Cerimônia na igreja episcopal, evidentemente. Recepção no hotel Moose, bufê do Chuck Wagon.

— Isso é um casamento em Hayden?

— De primeira.

— E quanto custa um casamento aqui?

— Um bom casamento, de peso? Dois mil dólares.

Meg inclinou-se para a frente.

— Você lê a revista *In Style*, Roy?

— Você está brincando? De cabo a rabo.

— Então sabe como é casamento de celebridade. Principalmente aquele tipo que chamam de “simples e elegante”.

— Simples em Hollywood quer dizer apenas muito, muito caro, sem dama de honra, com recepção ao ar livre.

— Eu quero um casamento como esta cidade jamais viu, Roy. Mas, e isso é importante, ninguém além de mim e você pode saber. Você precisa virar mestre na frase “Estava em promoção”. Fechado?

— Você é quem manda. — Ele sorriu e bateu palmas. — Qual é o orçamento?

— Dinheiro não é problema.

Ele sacudiu a cabeça, ainda sorrindo.

— Coração, essa é uma frase que eu *nunca* ouvi. Vamos ao trabalho.

JOE ESTAVA DEBAIXO do chassi de um antigo trator, trocando o óleo, quando ouviu um carro se aproximar. Esperou escutar a voz poderosa de Smitty, mas só houve silêncio.

— Alguém aí? — gritaram. — Smitty?

Joe levantou-se. Um homem atarracado entrava na oficina. Joe o reconheceu. Era Reb Tribbs, antigo lenhador que havia perdido um braço no trabalho.

Joe baixou a aba do boné.

— Posso ajudá-lo?

— Minha caminhonete está morrendo. Acabei de trazer esta bosta para o Smitty. Ele disse que tinha consertado. Só vou pagar quando ela estiver andando.

— O senhor vai ter de acertar isso com o Smitty. Mas, se quiser trazer a caminhonete para a oficina, posso...

— A gente se conhece? — Reb franziu a testa e aproximou-se. — Joe Wyatt. — Ele soltou um assobio. — É você, não é? Que cara-de-pau em voltar aqui! Ninguém esqueceu o que você fez. Achei que estivesse na cadeia.

— Não. — Joe mantinha-se imóvel, ouvindo. Merecia cada uma daquelas palavras.

— É melhor você dar o fora daqui. O pai dela não vai querer saber que você voltou à cidade.

— Ainda não vi o pai dela.

— Claro que não. Não tem coragem.

— Chega, Reb.

Era a voz de Smitty. Ele encontrava-se à porta aberta da oficina, trazendo numa das mãos um sanduíche e na outra uma lata de Coca.

— Não acredito que você contratou esse desgraçado — resmungou Reb. — Não trago mais minha caminhonete aqui, se é ele que vai fazer o conserto.

— Posso perder você como cliente e ainda assim sobreviver — rebateu Smitty.

Reb simulou uma cusparada, deu meia-volta e saiu. Quando entrou na caminhonete, gritou:

— Você vai se arrepender, Zeb Smith. Gentinha como ele não tem lugar nesta cidade.

Depois que o homem se foi, Smitty pôs a mão no ombro de Joe.

— Gentinha é ele, Joe. Sempre foi. Ruim feito o diabo.

— Você vai perder clientes quando a notícia de que estou aqui se espalhar.

— Não tem importância. A casa está paga. O terreno está pago. E tenho uma casa alugada na cidade que rende quinhentos dólares por mês.

— Mesmo assim, sua reputação é importante.

Smitty apertou o ombro dele.

— Na última vez em que Helga e eu tivemos notícia de Philly, ele estava vivendo em Seattle. Debaixo de um viaduto. Heroína. Todos os dias rezo a Deus para que alguém lhe ofereça uma mão amiga.

Joe fez com a cabeça um sinal de que entendia. Não sabia o que dizer.

Então Smitty falou:

— Preciso ir ao Costco. Acha que dá conta da oficina por umas duas horas?

— Não se Reb servir de parâmetro.

— Não serve. — Smitty jogou as chaves para ele. — Feche quando quiser. E saiu.

Joe concluiu o dia de trabalho, mas não conseguia esquecer o incidente com Reb. As palavras do homem

pairavam à sua volta, envenenando o ambiente. *Gentinha como ele não tem lugar nesta cidade.*

Quando fechou a oficina, sentiu-se vazio outra vez. Trancou tudo e estava prestes a retornar ao chalé quando olhou para o fim da rua. O néon de REDHOOK do bar Mo's chamou sua atenção. De repente ele queria entrar naquela escuridão enfumaçada e beber até sentir a dor no peito desaparecer.

Baixou a aba do boné sobre a testa e cruzou a rua. Rezando para que nenhum conhecido estivesse ali, abriu a velha porta de madeira.

MEGHANN NÃO PARTICIPAVA de um chá-de-panela havia mais de uma década. Não fazia idéia de como se misturar àquelas pessoas de cidade pequena, e a última coisa que queria era destoar.

Depois do encontro de quatro horas com Roy, passara mais uma hora na Too Many Cooks, onde comprou para Claire — e Bobby, embora não pensasse nos dois como casal — um processador de alimentos Cuisinart.

Estava cansada quando voltou à casa de Claire. Alegando dor de cabeça, escapara cedo da mesa de jantar e subira para o quarto. Mas agora, quase uma hora depois, sentia-se melhor. Num olhar de relance, viu que o relógio da mesinha-de-cabeceira marcava 18h40.

Abriu o armário, escolhendo um vestido preto simples. Armani nunca falhava. Acrescentou uma meia-calça também preta e sapatos de salto alto, e desceu. A casa estava silenciosa.

— Claire?

Nenhuma resposta. Então ela viu o bilhete na mesa da cozinha: *“Querida Meg, Uma pena você estar passando mal. Fique em casa e descanse. Muitos beijos, C.”*

Claire e Bobby haviam-na deixado para trás. Ela consultou o relógio: 19 horas. Não admirava que tivessem saído. Eles eram os convidados de honra.

Ela pegou na bolsa o convite violeta. Dizia: “Chá-de-Panela de Casais para Claire e Bobby, 19 horas.” O mapa achava-se no verso.

Demorou menos de dez minutos para achar a casa de Gina. Levando o presente debaixo do braço, subiu a escada da varanda e bateu à porta. *Você pode fazer isso. Pode interagir com as amigas dela.*

Ouviram-se passos, e a porta se abriu.

Gina surgiu à vista, um sorriso estampado no rosto. Até ver Meghann.

— Ah. — Ela afastou-se para dar passagem. — Que bom que você está se sentindo melhor!

Meghann olhou para Gina, que vestia calça cápri e uma larga camiseta preta. *Ótimo.*

— Acho que me arrumei demais.

— Você está de brincadeira? Se não tivesse ganhado sete quilos desde que Rex me abandonou, eu também teria me arrumado. Venha. Você é meu par esta noite. — Gina sorriu. — Achei que eu fosse segurar vela.

Tomou o braço de Meghann e conduziu-a pelo corredor amplo. Elas finalmente alcançaram um salão — combinação de sala de estar e sala de jantar —, que dava vista para um belo jardim.

— Claire, olhe quem veio — disse ela, acima do burburinho.

Todos pararam de conversar e se viraram. As pessoas eram um mar de calças *jeans* e camisetas. À exceção de Meghann, evidentemente.

Claire correu na direção dela, sorrindo. Estava linda com uma calça de algodão azul-clara e um suéter branco também de algodão com gola canoa. O cabelo louro, comprido, estava preso.

— Estou tão feliz que você tenha conseguido vir! Quando tenho dor de cabeça, fico horas sem poder me mexer.

Meghann sentia-se como Jackie Onassis numa festa de república de universitários.

— Eu não deveria ter vindo. Vou embora.

— Não, por favor — pediu a irmã. — Estou feliz que você tenha vindo. De verdade.

Elas se flagraram num silêncio incômodo, até Gina dizer:

— Aposto que você quer uma bebida.

Meghann assentiu:

— Com certeza.

— Venha à cozinha comigo — chamou Gina.

— Mas volte logo — pediu Claire. — As brincadeiras vão começar.

MEGHANN AGORA sentia de fato dor de cabeça. Estava sentada na beira do sofá, com os joelhos cerrados. Os demais convidados sentavam-se esparramados uns contra os outros — em pares, como na arca de Noé —, num círculo formado no chão. Todos falavam ao mesmo tempo, recordando momentos de uma vida que Meghann não conhecia.

— Lembra quando Claire caiu do trampolim no acampamento de Island Lake?

— E quando ela escondeu a régua preferida da professora Testern?

— E quando ela telefonou para a Emergência porque pegou Ali comendo pastilha de purificador de ar?

A época de escola, a época da diversão adolescente, a época de Alison. Todas eram um grande mistério para Meghann.

— Muito bem, pessoal, está na hora da primeira brincadeira — anunciou Gina.

Ela saiu correndo para a cozinha e retornou com uma tigela branca.

— Esse jogo se chama Verdade com M&M. Todos pegam quantos quiserem.

Ela circulou pelo grupo, oferecendo os confeitos. Meghann notou que não era a única pessoa desconfiada. Ninguém pegou um punhado. Meg escolheu dois.

— Para cada M&M, vocês precisam dizer alguma coisa sobre a noiva ou o noivo e fazer uma previsão para o futuro.

Os homens resmungaram.

— Eu vou começar — disse Charlotte. — Peguei três. Claire tem um sorriso lindo, e imagino que Bobby o manterá em seu rosto. Ela é ótima cozinheira, então ele vai estar gordo aos quarenta. Por último, ela odeia lavar roupa, então Bobby vai aprender a gostar do visual encardido.

Claire riu mais alto que todos.

A brincadeira prosseguiu, e, a cada comentário, Meghann ficava mais apreensiva. Até os maridos pareciam saber mais do que ela sobre o dia-a-dia de Claire, e ela es-

tava apavorada de que, quando chegasse sua vez de fazer a previsão, soltasse: “Imagino que ele vá lhe partir o coração.”

— Meg? Meg? — Era Gina. — Sua vez.

Meghann fitou a palma da mão. O suor havia transformado os confeitos em borrões vermelhos.

— Eu peguei dois. — Ela tentou sorrir. — Claire é a melhor mãe que conheço, então terá outro filho.

Claire sorriu para ela e encostou-se carinhosamente em Bobby.

— Mais um, Meg.

Ela assentiu.

— Claire ama muito, mas não necessariamente com facilidade, então imagino... — ela mal se deteve — ...que isso seja para valer.

Quando ergueu os olhos, Claire tinha a testa franzida.

Meghann não sabia o que dissera de errado. Parecia-lhe alegre e otimista, mas Claire estava à beira das lágrimas.

— Eu sou a última — falou Gina, quebrando o silêncio repentino. — Só tenho um. Claire é completamente desafinada. Então imagino que Bobby nunca a deixará acompanhá-lo no palco.

Isso fez todos rirem e retomarem a conversa.

Por absurdo que fosse, Meghann sentiu o começo de um choro. Levantou-se. Quando ninguém estava olhando, saiu da festa e correu para o carro. Queria ir para casa, esperar Claire e pedir desculpas pelo que quer que tivesse dito de errado.

Então viu o bar.

Tirou o pé do acelerador. Sabia que, se entrasse ali e tomasse um drinque — ou dois ou três —, acabaria por se sentir melhor.

Estacionou o automóvel e entrou. O bar era como uma centena de outros. O balcão estendia-se por todo o lado direito. Viu pessoas acomodadas ao longo do balcão, sentadas em bancos de madeira. Eram os bebedores.

Espalhadas à esquerda do salão havia mesas redondas, a maioria delas ocupada. Perfeito. Meg caminhou até uma parte vazia do balcão, onde um homem de aspecto cansado enxugava algum líquido derramado. À sua chegada, ele perguntou:

— O que você quer?

Ela sorriu.

— Uma taça de vinho branco. Vouvray, se tiver.

— Tem Inglenook e Gallo.

— Inglenook.

Ele afastou-se por um instante e retornou com a taça de vinho. Ela bateu com o cartão de crédito Platinum no balcão.

— Esta é só a primeira.

A *jukebox* deu um clique. Começou a tocar uma antiga música do Aerosmith. Ela avançou para a mesa mais próxima, onde um homem escrevia num caderno, copiando trechos de um livro.

Aproximou-se.

— Posso me sentar aqui?

Quando ele levantou o rosto, ela viu que se tratava de um rapaz de 21 ou 22 anos.

— Desculpe. O que a senhora disse?

Senhora.

— Pode me chamar de Meg.

— Você não me é estranha. É amiga da minha mãe?
Ela se sentiu como a velha de *Titanic*.

— Achei que nos conhecêssemos, mas me enganei.
Desculpe.

Seguiu para outra mesa. Quando se aproximava, uma mulher sentou-se na cadeira vazia e beijou o homem.

Meghann virou-se para a esquerda e esbarrou num homem desgrehado, com aspecto de vagabundo, que voltava do balcão.

— Desculpe — pediu. — Eu deveria ter ligado o pisca-pisca antes de virar assim.

— Sem problema.

Ele voltou à sua mesa e sentou-se. Ela viu que ele estava ligeiramente cambaleante.

Ficou ali parada, sozinha no meio do bar cheio. Essa não seria sua noite. Teria de voltar ao confortável e acolhedor quarto de visitas de Claire, deitar-se sozinha na cama e passar a noite se revirando.

Olhou o vagabundo. Os ombros eram largos; a camiseta preta esticava-se nas costas. Era ele... ou a solidão.

Ela dirigiu-se à mesa, parou ao lado.

— Posso me sentar?

Puxou uma cadeira e sentou-se de frente para o homem.

Ele ergueu a cabeça. Abaixo da franja grisalha, dois olhos azuis a fitaram. Com surpresa, Meghann notou que ele não era muito mais velho que ela, e era quase bonito, de um jeito “forasteiro”, à Sam Elliott.

— O que quer que esteja procurando — disse ele —, não vai achar aqui.

Ela começou a paquerar, ia dizer uma coisa engraçada e impessoal, mas, antes que emitisse a primeira palavra, deteve-se. Havia algo nele...

— Nós nos conhecemos? — perguntou, franzindo as sobrancelhas. Ela se orgulhava de sua boa memória. Era raro esquecer um rosto.

— As pessoas me perguntam isso o tempo todo. Um rosto comum, eu acho.

Não, não era isso. Meg tinha certeza de que já o vira, mas na verdade isso não importava.

— Você é daqui?

— Agora sou.

— Como ganha a vida?

— E *pareço* ganhar a vida? Eu me viro, só isso.

— É o que todos fazemos, na realidade.

— Olhe, moça...

— Meghann. Os amigos me chamam de Meg.

— Meghann. Eu não vou levá-la para casa. Está claro?

Isso a fez sorrir.

— Não me lembro de ter lhe pedido que me levasse para casa. Você está tirando conclusões precipitadas.

— Desculpe. Estou sozinho há algum tempo. Já não sei mais ser uma boa companhia.

O modo de falar revelava instrução.

Ela aproximou-se, analisando-o. Gostou do rosto.

— E se eu realmente quisesse ir para casa com você?

Ele levou uma eternidade para responder.

— O que fizéssemos não significaria nada.

A voz era tensa. Ele parecia assustado.

De repente ela sentiu o *frisson* da caça. Encostou o indicador no dorso da mão dele.

— E se eu dissesse que isso não tem importância?

— Eu acharia triste.

Ela recolheu a mão, tocada pela resposta. Sentia-se subitamente transparente, como se aqueles olhos azuis enxergassem sua alma.

— Talvez pudéssemos apenas nos ajudar a atravessar esta noite.

Ele se pôs de pé rápido; a cadeira balançou e quase caiu.

— Eu moro no fim da rua.

— Vou com você — foi tudo o que ela disse.

JOE SENTIA aquela mulher a seu lado, o calor do corpo, a maneira como acidentalmente a mão dela volta e meia tocava a sua.

Pare com isso agora, pensou. *Vire-se para ela e diga: Foi um erro, desculpe.* Mas continuou andando. De repente, estava à frente do chalé. Eles tinham caminhado três quadras sem dizer nada. Joe não sabia se devia se sentir grato por isso ou não.

— É aqui que estou morando agora — falou ele, um tanto tolamente, ou pelo menos foi o que achou.

— Agora, é?

Ele destrancou a porta e abriu caminho para deixá-la passar.

Ela avançou para a escuridão.

Ele a seguiu, mantendo as luzes apagadas de propósito. Havia fotografias de Diana por toda parte. Ele não queria explicar por que vivia desse jeito, não para aquela mulher de vestido sofisticado e jóias caras de ouro e platina. Aliás, ele não queria falar nada.

Foi à cozinha e pegou algumas velas. Sempre deixava à mão para as tempestades, quando acabava a energia elétrica. Ainda sem nada dizer, ele as levou para o quarto e as dispôs onde podia, então acendeu uma a uma. Quando acabou, deu meia-volta e lá estava ela, à beira da cama.

Ele soltou um suspiro abafado. Ela era linda. Cabelo negro, pele clara, olhos verdes. O que fazia ali em sua companhia? Desde Diana ele não saíra com nenhuma mulher.

Ela aproximou-se, balançando um pouco os quadris.

Ele quis dizer “Saia daqui”, mas puxou-a. Estava trêmulo.

— Você está bem? — perguntou ela.

Ele não pensou, não respondeu, apenas carregou-a no colo para a cama.

Nessa noite, pela primeira vez em muitos anos, Joe Wyatt fez amor com uma mulher e dormiu abraçado com ela.

Quando acordou, estava sozinho de novo.

CLAIRE VOLTOU a pousar a cabeça no travesseiro.

— Você deve me amar mesmo para me beijar antes de eu escovar os dentes.

Bobby deitou-se de lado. O rosto bonito tinha marcas de sono.

— Você ainda duvida, não é?

— Não. Só prove que Meg está errada. Nada vai deixá-la mais irritada.

— Ela vem se esforçando, sabia?

Claire sentou-se.

— Não acredito que você vai defendê-la. Ela disse que eu estava fazendo uma bobagem ao me casar com você.

Ele abriu aquele sorriso lento que sempre a deixava bamba.

— Amor, você não pode usar isso contra ela. Sua irmã só está tentando proteger você.

— “Controlar” me parece melhor.

— Venha cá — chamou ele.

Ela inclinou-se para a frente e os dois se beijaram.

— Agora estou conhecendo você, Claire Cavenaugh-que-em-breve-será-Austin — sussurrou ele contra os lábios dela. — Você teve uma dor de cabeça depois da confusão do vestido de noiva e outra ontem à noite depois que ela saiu cedo da festa. Quando Meghann a magoa, você diz que não liga e começa a tomar aspirina. Já passei por isso, amor. Sei que o importante é que ela é sua irmã. A única que você tem.

— Ninguém mexe comigo como Meghann. Ela tem o dom de dizer exatamente a coisa errada.

— É. Meu pai era assim. Nunca conseguimos nos entender. Agora ele não está mais aqui, e eu gostaria de ter tentado mais.

— Tudo bem, Sigmund Freud. Vou tentar falar com ela. De novo.

Claire desceu para preparar o café. Quando ele estava pronto, serviu-se de uma xícara e dirigiu-se à varanda dos fundos.

O balanço de madeira parecia saudá-la. Ela sentou-se ali, balançando, contemplando a curva prateada do rio que demarcava a propriedade.

A porta de tela abriu e bateu. Meghann surgiu na varanda. Usava uma blusa preta franjada e uma calça *jeans* de boca larga. O cabelo solto caía-lhe às costas numa profusão de cachos. Ela estava bonita.

— Bom dia.

Claire jogou uma manta de lã sobre as pernas, escondendo a calça de moletom esfarrapada que havia vestido.

— Quer panqueca?

Meg sentou-se na espreguiçadeira que ficava de frente para o balanço.

— Não, obrigada. Ainda estou tentando digerir o bolo de ontem à noite.

— Você saiu cedo da festa.

— Foi um belo chá-de-panela. Gina tem um senso de humor incrível.

— Tem, sim.

— Deve ser difícil para ela acompanhar seu casamento tão pouco tempo depois de um divórcio.

Claire assentiu.

— Ela está enfrentando uma barra.

— É sempre terrível descobrir que nos casamos com o homem errado.

— Eles ficaram 15 anos casados. Só porque se separaram, não significa que ele era o homem errado.

Meg encarou-a.

— Eu diria que significa exatamente isso.

Claire tomou um gole do café. Achou melhor esquecer o assunto, fazer o que sempre fizera com relação a Meg: calar a boca e fingir que aquilo não a havia magoado. Então lembrou-se da conversa com Bobby. Devagar, disse:

— Você não respondeu à minha pergunta: por que saiu cedo do chá-de-panela?

— Não era cedo. E os presentes?

— São maravilhosos. Aliás, obrigada pelo Cuisinart. Mas por que saiu cedo?

Meg fechou os olhos e abriu-os lentamente. Parecia assustada.

— Foi a brincadeira do M&M. Eu tentei ser bacana e participar, mas mal conheço você e acabei dizendo alguma coisa errada. Ainda não sei o que foi.

— Você disse que eu amava muito, mas não necessariamente com facilidade. Acho que não é verdade, só isso, e feriu meus sentimentos.

— É verdade com relação a mim — argumentou Meg.

Claire inclinou-se para a frente. Elas na verdade estavam tateando algo importante.

— Às vezes é difícil amar você, Meg.

— Pode acreditar, eu sei.

Ela riu, um riso amargo, rouco.

— Você julga as pessoas, julga a mim, de maneira muito dura. Suas opiniões são açoites. Todas deixam marcas de sangue.

— As pessoas, tudo bem. Mas você? Eu não julgo você.

— Eu abandonei a faculdade. Nunca saí de Hayden. Tive uma filha com um homem que depois descobri ser casado. Agora estou me casando com um homem que já se divorciou três vezes e sou burra demais para me proteger com um acordo pré-nupcial.

Meg franziu a testa.

— Eu joguei isso tudo na sua cara?

— Não consigo falar com você sem me sentir um fracasso. E, evidentemente, você é rica e perfeita.

— Essa parte é verdade. — Meg viu que sua tentativa de brincadeira não funcionou. — Minha analista acha que sou controladora.

— Grande novidade. Você é muito parecida com mamãe, sabia? As duas precisam estar sempre no comando.

— A diferença é que ela é psicótica. Eu sou neurótica. Mas Deus sabe que ela passou às filhas seu azar com os homens. — Meghann olhou para a irmã. — Será que você quebrou a maldição?

O legado da mãe para Claire era a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, o amor nos abandonava. Meg herdara algo totalmente diverso: não acreditava nem um pouco no amor.

— Quebrei, Meg. Sinceramente.

Meg sorriu, mas havia tristeza no olhar.

— Eu gostaria de ter sua convicção. Você deu sorte de ter Sam.

Claire não pôde deixar de pensar no verão em que seu pai acolhera Meg. Fora um pesadelo. Meg e Sam brigavam aos berros sobre quem amava mais Claire, sobre quem sabia o que era melhor para ela. A própria Claire dera fim à pior das batalhas. Bradara a Meg: *Pare de gritar com meu pai*. Foi a primeira vez que viu a irmã chorar. No dia seguinte Meg tinha ido embora.

— Ele quis ajudar você também — observou Claire, em voz baixa.

— Ele não era meu pai.

As duas ficaram em silêncio depois disso. Então Claire aproximou-se da irmã.

— Eu gostaria que você cuidasse de Alison para mim na semana que vem. Enquanto Bobby e eu estivermos fora, em lua-de-mel.

— Achei que não fossem sair em lua-de-mel.

— Meu pai insistiu. O presente de casamento dele foi uma semana em Kauai.

— E você quer que *eu* cuide de Ali?

— Seria importante para mim. Ela precisa conhecer você melhor.

Meghann parecia nervosa.

— Você confiaria em mim?

— Claro.

Meg recostou-se. Um sorriso trêmulo insinuou-se em seus lábios.

— Tudo bem. Claire riu.

— Não vá ensiná-la a saltar de *bungee-jump*.

— Então pára-quedas está fora de cogitação.

Elas ainda riam quando o telefone começou a tocar. Claire levantou-se e correu para dentro de casa.

— Alô?

— Um momento, por favor. Eliana Sullivan vai falar.

Claire ouviu Meg aproximar-se por trás dela. Susurrou:

— É mamãe.

— Vai ser divertido — imaginou Meg.

— Alô — disse a mãe. — Alô.

— Oi, mamãe. Sou eu, Claire.

A mãe soltou aquele riso sensual que havia desenvolvido com o passar dos anos.

— Acho que sei para qual das minhas filhas eu telefonei.

— Claro — respondeu Claire, embora a mãe confundisse as duas o tempo todo.

— Querida, o mordomo disse que você deixou um recado para mim. O que foi?

Claire detestava o falso sotaque sulista.

— Liguei para dizer que vou me casar.

— Minha nossa! Quem é ele?

— Você vai adorá-lo, mamãe. É um bom rapaz do Texas.

— Ganha bem?

— Isso não é importante para mim.

— Pobre, não é? Bem, vou lhe dar um conselho, querida. É mais fácil se casar com homem rico, mas que assim seja. Parabéns. Quando é o casamento?

— No sábado, dia 23.

— De junho? Sábado que vem?

— Você saberia há mais tempo se tivesse retornado minha ligação.

— Eu estava representando Shakespeare no parque. Aliás, com Charlie Sheen. Você viu meu retrato na *People*?

— Não. Uma pena.

— Bem, sábado vai ser difícil para mim, querida. Que tal a primeira semana de agosto?

Claire impacientou-se.

— Mamãe, já mandamos os convites. É tarde demais para mudar a data.

— A que horas, no sábado?

— A cerimônia é às 19 horas. A recepção acontece em seguida.

A mãe suspirou.

— Sábado. Há três meses tenho hora marcada com José, o cabeleireiro. Talvez ele possa me atender antes.

Para Claire, já bastava.

— Preciso ir, mamãe. Estarei na igreja episcopal de Hayden às 19 horas de sábado. Espero que você possa vir, mas vou entender se estiver ocupada demais.

— Responda rápido, querida. Acha que esse vai durar? Eu detestaria abrir mão da hora marcada no salão para...

— Preciso ir, mamãe. Tchau.

— Certo, querida. Eu também. E parabéns. — Obrigada. Tchau.

Claire olhou para Meghann.

— Sábado não é um bom dia para ela. Hora marcada com José, o cabeleireiro.

— Nós deveríamos ter mandado o convite depois da festa.

— Não sei por que continuo esperando algo diferente dela.

Meg sacudiu a cabeça.

— Até uma mãe jacaré fica perto dos ovos.

— Mamãe faria uma omelete.

Ambas riram.

CAPÍTULO SETE

A TARDE DE SEXTA-FEIRA estava nublada e fria. Caía uma chuva fina quase invisível a olho nu.

Claire passou o resto do dia fingindo trabalhar. Aos 35 anos, encontrava-se velha demais para se casar pela primeira vez. Como poderia estar fazendo a coisa certa? Mas, sempre que essas preocupações ameaçavam dominá-la, ela entrava num cômodo ou abria uma porta e via Bobby.

— Oi, amor — dizia ele. — Amo você.

Com essas poucas e preciosas palavras, Claire voltava a respirar mais fácil por uma hora.

Por volta das 15 horas, o pai conduziu-a de volta para casa. Pegou no bolso uma caixinha preta e abriu-a. Dentro havia um anel de diamante com aro de platina.

— É da sua avó Myrtle. Ela queria que fosse seu. — Sam tomou a mão dela. — Eu não podia deixar minha filha se casar com uma aliança de papel-alumínio.

Ela experimentou o anel. Era como se a jóia tivesse sido feita sob medida. Ela abraçou-o.

— Obrigada, papai.

Depois de amanhã ela seria uma mulher casada. Outro homem se tornaria o centro de sua vida. Ela seria a

mulher de Bobby dali em diante, não a filhinha de Sam Cavanaugh.

Quando o pai recuou, havia lágrimas em seus olhos, e ela sabia que ele pensara o mesmo.

— Sempre — sussurrou ela.

Ele fez com a cabeça que entendia.

— Sempre.

MEGHANN ESTAVA AMARGAMENTE arrependida por haver concordado em deixar Gina planejar o ensaio do jantar. Foram momentos de puro inferno.

— Você está aqui sozinha?

— Onde está seu marido?

— Você não tem filhos? Bem, sorte a sua. Às vezes eu gostaria de dar os meus.

Meghann sabia que as amigas de Claire estavam tentando incluí-la, principalmente as Bluesers, mas, quanto mais tentavam torná-la parte do grupo, mais alienada ela se sentia. Meg sabia conversar sobre muitas coisas: política, a situação do Oriente Médio, Wall Street. O que não sabia era conversar sobre coisas de família. Coisas de criança.

Ela estava perto da lareira, na casa de Gina. Do outro lado da sala, Claire comia batatas fritas e conversava com a anfitriã. Enquanto Meghann observava a cena, Bobby surgiu por trás de Claire e cochichou algo em seu ouvido. Ela o abraçou. Eles se encaixavam como peças de um quebra-cabeça, à perfeição.

— Muito bem, pessoal — anunciou Gina. — Chegou a hora da segunda parte da noite.

Fez-se silêncio. Gina sorriu.

— Hector vai abrir o boliche só para nós! Vamos sair em 15 minutos.

Boliche. Sapatos alugados. Camisas de poliéster.

Meg atravessou a sala e parou ao lado de Claire, pousando a mão com delicadeza em seu ombro.

Claire virou-se. Estava tão feliz que isso deixou Meghann comovida. Ao ver a irmã mais velha, ela riu.

— Deixe-me adivinhar. Você não gosta de boliche.

— Ah, adoro. De verdade. Tenho até uma bola. -Sei.

— Infelizmente preciso cuidar de alguns detalhes de última hora para amanhã. E quero acordar cedo.

Claire assentiu.

— Eu entendo, Meg. Mesmo.

— Bem, tchau. Vou me despedir de Gina.

Quinze minutos depois Meghann estava no carro, acelerando em direção ao centro da cidade. As bem-intencionadas amigas da irmã tinham conseguido acentuar o vazio de sua vida.

Ela viu o letreiro do bar Mo's Fireside e pisou no freio. Não era uma boa idéia, ela sabia. Só tinha encrenca ali. E ainda assim... Estacionou o veículo e entrou.

Havia homens em todos os bancos, em todas as mesas. Algumas mulheres espalhavam-se entre a clientela. Ela circulou pelo lugar, audaciosamente analisando cada um dos homens.

Já havia percorrido o salão inteiro e retornado à porta quando entendeu por que estava ali.

— Joe — murmurou, surpresa. Ela sinceramente não se dera conta de que o queria.

Isso não era bom.

Saiu do bar e encostou-se no carro, olhando o pequeno chalé no fim da rua. Havia luz nas janelas.

— Não — disse. Não faria isso, mas ainda assim avançou, atravessando a rua e entrando no jardim, que tinha cheiro de jasmim e madressilva. À porta, deteve-se, perguntando-se o que estava fazendo.

Então bateu. Ninguém atendeu.

Girou a maçaneta e entrou. O chulé estava na penumbra. O fogo crepitava na lareira.

— Joe?

Com cuidado, ela avançou. Nenhuma resposta.

Um arrepio correu-lhe o corpo. Ela sentia que ele estava ali, encovado na escuridão como um animal ferido, à espreita.

Começou a voltar-se para a porta quando viu as fotografias nas mesas, no consolo da lareira. Em toda parte. Aturdida, caminhou de um canto a outro investigando os retratos. Eram todos da mesma mulher, uma loura com um tipo de elegância à Grace Kelly. Pegou um dos porta-retratos.

— Você sempre invade a casa dos outros e mexe nas coisas?

Meghann teve um sobressalto. Os dedos ficaram dormentes por um instante, e o porta-retratos estilhaçou-se no chão. Ela deu meia-volta, olhando para ele.

— Joe? Sou eu, Meghann.

— Eu sei que é você.

Ele estava sentado no canto da sala, com uma das pernas dobrada, a outra estendida. A luz do fogo iluminava-lhe o cabelo grisalho. Havia tristeza nele, o que a fez imaginar se ele estivera chorando.

— Eu não deveria ter entrado. Ou mesmo vindo aqui — disse ela, constrangida. — Desculpe.

Avançou para a porta.

— Beba comigo.

Devagar, ela o encarou.

— O que você gostaria de tomar?

— Martíni.

— Tem uísque. E uísque.

Ela sentou-se no sofá puído de couro.

— Aceito um uísque.

Joe levantou-se, atravessou a sala. Ela agora via por que ele estivera tão invisível: usava uma calça jeans e camisa preta.

Meghann ouviu o barulho do líquido vertido, depois o chacoalhar do gelo. Enquanto ele servia o drinque, ela corria os olhos pela sala. Todas aquelas fotografias da sócia de Grace Kelly deixavam-na pouco à vontade.

— Aqui.

Ela ergueu os olhos. Ele estava à sua frente.

— Obrigada — sussurrou Meg.

Ele bebeu direto da garrafa e limpou a boca com o dorso da mão.

— De nada.

Não se afastou, apenas ficou ali parado, encarando-a. Estava novamente cambaleante.

— Você está bêbado — comentou ela, dando-se conta disso afinal.

— Hoje é 22 de junho.

Ela sentou-se ao lado dela.

— Você tem alguma coisa contra o dia 22?

Ele voltou o olhar para as fotografias dispostas numa mesinha.

— Quem é ela, Joe?

A voz era suave, mas, no silêncio da sala, pareceu alta demais, íntima demais.

— Minha mulher, Diana.

— Você é casado?

— Era. Ela... me deixou.

— No dia 22 de junho.

— Como você sabe?

— Entendo de divórcios. As datas de aniversário são um inferno.

Meghann fitou os olhos tristes e tentou não sentir nada. Era melhor assim, mais seguro. Sentada ali, porém, ao lado dele, perto o bastante para cair em seus braços, ela sentiu-se... carente. Súbito, queria alguma coisa de Joe, alguma coisa além de sexo.

Ele tocou o rosto dela.

— Não posso lhe oferecer nada, Meghann.

A maneira como ele proferiu seu nome, com tristeza e lentidão, provocou-lhe um arrepio. Ela queria dizer que não esperava nada dele, mas não conseguia achar as palavras.

— Não tem problema.

— Você deveria querer mais.

— Você também.

De repente ela sentiu-se frágil.

— Estamos conversando muito. Venha me beijar.

Na lareira, uma lenha caiu num baque surdo. Centelhas invadiram a sala.

Com um gemido, ele puxou-a para os seus braços.

CAPÍTULO OITO

NA MANHÃ SEGUINTE o tempo estava perfeito em Hayden. O sol reluzente ia alto no céu azul. Uma brisa leve e refrescante soprava por entre as árvores, fazendo música nas folhas verde-escuras dos bordos. Às 17 horas, Claire estava de banho tomado, pronta para começar a vestir-se.

Alguém bateu à porta.

— Entre — disse ela.

Era Meghann.

— Achei que talvez pudéssemos nos vestir juntas. — Como Claire não respondeu, Meghann adiantou-se: — Você deve achar isso uma bobagem.

— Pare. Acho que seria ótimo.

O cabelo de Meghann encontrava-se preso num belo coque.

— Seu cabelo está lindo — elogiou Claire.

— Posso fazer o seu, se quiser.

— É mesmo?

— Claro. Eu sempre fazia quando você era pequena.

Claire atravessou o quarto e ajoelhou-se em frente à cama. Meghann posicionou-se atrás dela, começou a escovar o cabelo. Claire fechou os olhos. Era uma sensação muito boa.

— Pronto. Acabei.

Claire ficou de pé e foi ao banheiro olhar-se no espelho. O cabelo louro estava frouxamente preso num coque elegante. O penteado salientava os málares e deixava os olhos maiores. Ela nunca estivera tão bonita. Nunca.

— Adorei! — exclamou.

Meghann sorriu, um sorriso encantador.

— Jura?

De repente a porta foi aberta.

— Mamãe! — Ali entrou correndo no quarto, já usando o belo vestido de seda azul-claro de dama de honra.

— Rápido, mamãe, venha ver.

Ela tomou a mão de Claire e arrastou-a para a porta.

Claire e Meghann seguiram Ali escada abaixo. Lá fora, Sam e Bobby encontravam-se ao redor de um conversível vermelho.

Claire aproximou-se, desconfiada. Foi quando notou o laço cor-de-rosa na capota.

— O que é isso?

O pai entregou-lhe um cartão. Dizia: *“Queridos Claire e Bobby, muita sorte no grande dia. Ainda pretendo aparecer. Beijos e abraços, Mamãe.”*

Meg aproximou-se de Claire, pôs a mão em seu ombro.

— Deixe-me adivinhar: o presente de casamento de mamãe.

Claire suspirou.

— Só mamãe mesmo para me dar um carro de dois lugares. O que devo fazer com Ali? Pedir que nos siga correndo?

Então riu. O que mais podia fazer?

CLAIRE ESTAVA NO VESTIÁRIO da pequena igreja episcopal, na rua Front. Os momentos anteriores haviam sido agitados. As Bluesers entravam e saíam a cada minuto, soltando exclamações a respeito do vestido, e Meghann ocupava-se em conferir detalhes, com uma prancheta na mão. Mas agora o lugar estava tranqüilo afinal. Claire achava-se de frente para o espelho, sem conseguir acreditar que a mulher ali refletida era ela. O vestido as-sentava-lhe perfeitamente, caindo ao chão numa cascata de seda branca.

Alguém bateu à porta.

Era Meghann.

— A igreja está lotada. Você está pronta?

Claire engoliu em seco.

— Estou.

Meghann pegou a mão da irmã e conduziu-a à porta ainda fechada da igreja. Sam já estava a postos, esperando com Ali.

— Ah, Ali, você está uma princesa! — exclamou Claire, agachando-se para beijar a filha.

Alison riu, rodopiando.

— Adorei meu vestido, mamãe.

Atrás da porta a música começou. Chegara a hora.

Meghann inclinou-se para Alison.

— Está pronta, querida? Ande bem devagar, como nós ensaiamos, certo?

Ali pulava no chão.

— Estou pronta.

Um instante depois o órgão começou a tocar “Lá vem a noiva”, e Meghann abriu as portas.

Claire deu a mão ao pai, e ambos seguiram Ali pelo corredor. No fim dele, Bobby, vestido com um *smoking*

preto, aguardava sorridente. O pai parou, virou-se para Claire. Ergueu o véu e beijou-lhe o rosto, afastando-se em seguida, e de repente Bobby estava ao lado dela, tomando seu braço, levando-a para o altar.

Ela olhou para ele, amando-o tanto que chegava a se assustar.

— Não tenha medo — murmurou ele, apertando sua mão.

O padre Tim começou a falar, mas Claire não conseguia ouvir nada além das batidas do seu coração. Quando chegou a hora de dizer sua parte, desesperou-se, achando que não se lembraria. Mas se lembrou. Ao responder “Aceito”, era como se o coração se expandisse dentro do peito. Nesse momento, parada na frente dos amigos e da família, e olhando nos olhos de Bobby, ela começou a chorar.

O padre Tini sorriu para eles e disse:

— Eu os declaro marido e...

A porta da igreja foi aberta com um estrondo.

Uma mulher ocupava o vão da porta, de braços estendidos, com um cigarro na mão. Usava um vestido de lamê prateado que lhe revelava as curvas. Atrás dela havia pelo menos uma dezena de pessoas: guarda-costas, repórteres e fotógrafos.

— Não *acredito* que começaram sem mim.

Houve comoção na igreja à medida que a multidão a reconhecia.

Alguém sussurrou:

— É ela.

Bobby não fazia idéia do que se passava. Claire suspirou e enxugou os olhos. Deveria ter esperado por isso.

— Bobby, você está prestes a conhecer minha mãe.

— EU VOU *matá-la*!

Meghann levantou-se e avançou para o corredor.

— Esta é minha outra filha.

A mãe abriu os braços. Os *flashes* espocaram, ofuscantes.

Meghann agarrou o braço da mãe e puxou-a para fora. Os *paparazzi* seguiram-nas, todos falando ao mesmo tempo.

Pela porta agora fechada Meghann ouviu a segunda tentativa do padre Tim de declará-los marido e mulher. Um instante depois aplausos ecoaram na igreja.

Meghann puxou a mãe para o vestiário e trancou a porta.

— O que foi? — resmungou a mãe, obviamente querendo franzir a testa, sem conseguir. Botox demais, sem dúvida.

Um cachorro latiu. A mãe conferiu a caixa que trazia nos braços.

— Está tudo bem, amor. Meggy só está fazendo uma tempestade em copo d'água.

— Você trouxe o *cachorro*?

A mãe pôs a mão no peito.

— Você sabe que Elvis detesta ficar sozinho. Agora, por que me expulsou do casamento da minha própria filha?

Meghann teve um acesso de cólera.

— Hoje era o dia de Claire ser a estrela. Entende, mamãe? O dia *dela*. E você chegou no momento de glória e roubou o espetáculo. O que estava fazendo aqui fora, esperando pelo momento perfeito de fazer sua entrada?

A mãe desviou o olhar por um instante, mas foi o suficiente para confirmar a suspeita de Meghann.

— Ah, mamãe — disse ela, sacudindo a cabeça —, que coisa baixa. Até para você. E quem é essa gente toda? Você acha que precisa de guarda-costas em Hayden?

— Meus fãz estão por toda parte. Às vezes me assustam.

Meghann riu.

— Poupe a representação para a revista *People*. Agora você e eu vamos à festa para dizer a Claire o quanto estamos felizes por ela. Você pode levar um fotógrafo, mas nada de guarda-costas e cachorro. Essas regras não são negociáveis.

Elas ficaram ali paradas, a centímetros de distância uma da outra, encarando-se.

Então a mãe riu. De verdade, dessa vez: não o riso felino e sensual que usava em Hollywood, mas a gargalhada grave com a qual havia nascido.

Meghann sorriu contra a própria vontade. Como sentir raiva de uma mulher tão superficial como a mãe?

Ela abraçou Meghann.

— Então, nós vamos ou não vamos a essa recepção? Meu vôo é à meia-noite. Preciso estar no SeaTac às 23 horas.

— Isso significa que você tem de sair daqui por volta das 20h30. Vamos. Claire deve estar achando que matei você.

CLAIRE ERA o CENTRO de uma multidão entregue a risos, conversas e congratulações. Jamais se sentira tão

especial, tão amada em sua vida. Bobby enlaçou-a pela cintura, puxou-a para si.

— Já falei que você está linda?

— Já.

— Quando você apareceu na igreja, fiquei sem ação.

Abraçados, eles acompanharam os convidados do casamento ao parque Riverfront. À frente deles, as pessoas pararam. Como numa coreografia, criaram um corredor escuro.

À volta do casal, os convidados batiam palmas e gritavam. Uma chuva de arroz pareceu cair do céu; pinicava seus rostos e estalava debaixo de seus pés.

— Oh, meu Deus! — exclamou Claire.

Ela não conseguia acreditar em seus olhos. Uma enorme tenda branca havia sido montada no parque. Milhares de luzinhas de Natal entrelaçavam-se nos mastros e no teto improvisado. Claire viu as mesas dispostas sob a tenda. Reluzentes toalhas prateadas forravam cada uma delas. No canto, três homens vestidos de *smoking* branco tocavam uma inesquecível canção de amor da Segunda Guerra.

— Uau! — exclamou Bobby.

A banda começou a tocar uma versão bonita de “Isn’t it romantic?”.

— Gostaria de dançar, Sra. Austin?

Claire deixou-se conduzir à pista de dança. Lá, com todos os amigos e parentes olhando, bailou com o marido.

Quando a música acabou, Claire avistou a irmã. Ela seguia a mãe, que se dedicava a cumprimentar as pessoas.

— Venha, Bobby — chamou ela, puxando-o para fora da pista de dança.

Eles alcançaram o bar, onde a mãe deleitava um pequeno grupo de admiradores com histórias sobre a vida a bordo do foguete *Star Seeker*.

A mãe percebeu a aproximação da filha.

— Claire! — saudou-a, estendendo os braços. — Desculpe pelo atraso, filha. Vida de atriz é uma loucura. Mas você era a noiva mais bonita que já vi.

Elas entreolharam-se. Nos olhos castanhos da mãe, Claire entreviu uma alegria genuína, e isso a comoveu.

— Agora — disse a mãe, rapidamente —, onde está meu novo genro?

— Estou aqui, Sra. Sullivan.

— Pode me chamar de Ellie. É como os parentes me chamam. — Ela aproximou-se dele, assobiando baixo. — Você é bonito o bastante para Hollywood.

Era o maior elogio da mãe.

— Obrigado.

— Se sua música tiver metade da beleza do seu rosto, você vai estar nas rádios em pouquíssimo tempo. Venha. Conte-me sobre sua carreira enquanto dançamos.

— Seria uma honra dançar com minha sogra.

Lançando para Claire um sorriso breve, ele se foi.

Claire virou-se afinal para Meghann.

— Você está bem?

— Mamãe trouxe o cachorro. Sem falar na comitiva de guarda-costas.

— Ela poderia ser subjugada pelo exército de fãs a qualquer momento — brincou Claire, com seu melhor sotaque sulista.

Meghann riu.

— Ela precisa ir embora às 20h30. Acho que deveríamos rezar em agradecimento.

A banda deu início a uma interpretação comovente de “As time goes by”.

Claire olhou para a irmã, tentando achar palavras que condissessem com sua emoção.

— Este casamento... — começou, mas a voz falhou. Ela respirou fundo. — Você gastou uma fortuna.

— Não. — Meghann sacudiu a cabeça. — Quase tudo estava em promoção. As luzes de Natal são minhas. A tenda...

Claire tocou os lábios da irmã, calando-a.

— Estou tentando agradecer.

— Ah.

— Eu adoraria que...

Ela não sabia nem como expressar aquele desejo súbito.

— Eu sei — disse Meghann. — Talvez as coisas possam ser diferentes agora.

— Você era minha melhor amiga — murmurou Claire. — Senti falta disso quando você me...

Abandonou. Ela não podia dizer a palavra difícil, não agora.

— Também senti saudade.

— Mamãe! Mamãe! Venha dançar com a gente.

Claire deu meia-volta e viu o pai e Alison a poucos metros.

— Acho que é de praxe a noiva dançar com o pai — sugeriu ele, sorridente, estendendo a mão calejada.

— E com a filha! Vovô vai me botar no colo.

Alison pulava de alegria.

Claire entregou a taça de champanhe para Meghann, que disse:

— Vá.

Ela avançou para a pista de dança. Quando chegaram ao centro da multidão, o pai agachou-se e pegou Alison. Os três abraçaram-se, balançando suavemente ao ritmo de “The very thought of you”.

Claire recordaria essa noite para sempre e se lembraria de como sua vida era boa, de como ela amava e era amada. Meghann lhe dera isso.

MEGHANN CONTEMPLAVA o aveludado jardim negro do parque Edgar Peabody Riverfront. Atrás dela, a banda guardava os equipamentos. Apenas alguns convidados ainda estavam presentes. A mãe saíra horas antes, assim como Sam e Ali. Todos os demais, inclusive os noivos, tinham se retirado por volta da meia-noite. Meghann permanecera, supervisionando a limpeza, mas seu trabalho estava feito.

Ela tomou um gole do champanhe e olhou novamente para o outro lado da rua.

Joe provavelmente estava dormindo. Ela sabia que era ridículo bater à sua porta, talvez até perigoso, mas havia algo no ar aquela noite. O inebriante misto de romance e magia que desprendia cheiro de rosas e fazia a mulher acreditar que tudo era possível. Pelo menos nessa noite.

Assim, Meghann desceu a rua de pedras. À porta da casa, parou. As luzes estavam acesas. Ela hesitou durante um ou dois minutos, então bateu.

Instantes depois Joe abria a porta. O cabelo estava desalinhado, como se ele estivesse dormindo; usava apenas uma calça *jeans* preta.

Olhou para ela, sem dizer nada.

— Achei que poderíamos sair — arriscou ela.

— Você quer *sair* agora? À 1 hora da madrugada?

— Claro. Por que não?

— A pergunta é por quê.

Ela o encarou. Quando os olhares se cruzaram, Meg sentiu o coração disparar.

— Eu estava de bom humor. Talvez tenha bebido demais. — Humilhada, ela fechou os olhos. — Não deveria ter vindo. Desculpe.

Quando voltou a abrir os olhos, viu que ele se aproximara.

— Eu não gosto de sair.

— Ah.

— Mas gostaria que você entrasse.

Ela sentiu o começo de um sorriso.

— Ótimo.

— O que eu *não* gosto — disse ele — é de acordar sozinho. Tudo bem se você não quiser passar a noite, mas não saia daqui como se fosse uma prostituta.

— Desculpe.

Ele sorriu. O sorriso iluminou seu rosto inteiro, fez com que parecesse dez anos mais jovem.

— Tudo bem, entre.

Ela tocou-lhe o braço.

— É a primeira vez que vejo você sorrir.

— É — sussurrou Joe, talvez com tristeza. — Faz um tempo.

MEGHANN ESTAVA DE BANHO TOMADO, vestida com calça *jeans* e camiseta, as malas prontas. À saída, teve-se para escrever a Claire um bilhete rápido, que deixou sobre a bancada da cozinha. Então deu uma última

olhada na casa, que era um lar de verdade. Foi inesperadamente difícil sair. O apartamento dela era muito frio e vazio em comparação.

Por fim, entrou no carro e dirigiu devagar pelo acampamento. Chegou ao jardim em forma de meia-lua, cheio de enormes rododendros. Havia um *trailer* cinza sobre alguns blocos de concreto.

Meghann estacionou e saltou do veículo. Como sempre, sentiu um frio na boca do estômago quando considerou que veria Sam.

Seguiu o caminho de pedras até a varanda. Bateu à porta. Como ninguém atendeu, tentou outra vez.

A porta foi aberta, rangendo, e lá estava ele, vestido com um macacão surrado e uma camiseta azul-clara que dizia RIVER'S EDGE. O cabelo castanho achava-se desalinhado, à Albert Einstein.

— Oi, Meg. — Ele abriu caminho. — Entre.

Ela obedeceu e viu-se numa sala surpreendentemente aconchegante.

— Bom dia, Sam. Vim pegar Alison.

— Tem certeza de que quer levá-la? Eu posso ficar com ela.

— Imagino que sim — respondeu Meghann, ofendida.

— Sei como você é ocupada.

— Você ainda acha que eu sou má influência, é isso?

Ele deu um passo na direção dela, e parou.

— Eu nunca deveria ter pensado isso. Claire me disse como você foi boa com ela. Eu não entendia de crianças na época e certamente não entendia de meninas adolescentes que...

— Por favor. Não termine a frase. Você tem alguma lista para mim? Alergias. Remédios. Alguma coisa de que eu precise saber?

— Ela dorme às 20 horas. Gosta quando lemos histórias. *A pequena sereia* é sua preferida.

— Muito bem. — Meg olhou para o corredor. — Ela está pronta?

— Está só se despedindo do gato. Ela tem uma festa de aniversário no sábado. Se a trouxer ao meio-dia, vai dar tempo. Assim ela estará aqui quando Claire e Bobby voltarem para casa no domingo.

Alison surgiu correndo pelo corredor, trazendo um gato preto cujo corpo se alongava quase até o chão.

— Relâmpago quer ir comigo, vovô. Posso levá-lo, tia Meg? Posso?

Meg não sabia se seu prédio permitia gatos.

Antes que ela pudesse responder, Sam ajoelhou-se de frente para a neta e, com jeito, tirou o gato de seus braços.

— Relâmpago precisa ficar aqui. Você sabe que ele gosta de brincar com os amiguinhos e caçar camundongos no mato. É um gato do campo. Não gostaria da cidade.

— Eu também não sou uma menina da cidade — respondeu ela, fazendo bico.

— É verdade — assentiu Sam. — Mas você é aventureira. Assim como *Mulan* e a princesa *Jasmine*. Você acha que elas ficariam nervosas por causa de uma viagem à cidade grande?

Alison sacudiu a cabeça.

Sam abraçou-a. Quando a soltou afinal, levantou-se devagar e olhou para Meghann.

— Cuide bem da minha neta.

Não era diferente do que ela lhe dissera havia muitos anos, antes de ir-se para sempre. *Cuide bem da minha irmã.* A única diferença era que na ocasião ela estava chorando.

— Vou cuidar.

Alison pegou a mochila e uma pequena mala.

— Estou pronta, tia Meg.

— Tudo bem, vamos.

Meg pegou a mala e avançou para a porta.

Elas estavam no carro, de saída, quando Alison de repente gritou:

— Pare!

Meg pisou no freio.

— O que foi?

Alison saltou do veículo e correu de volta ao *trailer*. Instantes depois, voltava abraçando uma manta cor-de-rosa puída. Os olhos brilhavam com lágrimas.

— Não posso sair para uma aventura sem o meu lençolzinho.

O TELEFONE ACORDOU CLAIRE. Ela levantou-se rápido.

— Que horas são? — Correu os olhos pelo quarto de hotel, à procura do relógio, consultou-o: 5h45 da manhã. — Bobby, o telefone...

Ela pulou por cima dele e atendeu.

— Alô?

— Oi, querida. Como está você?

Claire soltou um suspiro aliviado e desceu da cama.

— Estou bem, mamãe. São 5h45 da manhã em Kauai.

— Achei que fosse o mesmo fuso da Califórnia.

— Nós estamos quase na Ásia, mamãe.

— Você sempre foi exagerada. E eu *tenho* motivo para ligar, sabia?

Claire vestiu o roupão e saiu para a varanda. Lá fora, o céu começava a ficar rosado. A manhã tinha cheiro de flores tropicais e maresia.

— O que aconteceu?

— Independentemente do que sua irmã faladeira e você se lembram ou acham que se lembram, a verdade é que amo vocês.

— Eu sei, mamãe.

— Agora me deixe falar com Bobby.

— Por quê?

A mãe bufou dramaticamente.

— É sobre um presente de casamento para ele.

— Tudo bem. Que seja. Espere um pouco. — Ela voltou para o quarto. — Minha mãe quer falar com você.

Bobby levantou-se e pegou o telefone.

— Como vai a sogra mais atraente do mundo? — Depois de alguns instantes, o sorriso dele murchou. — O quê? Você está brincando.

Claire pôs a mão no ombro dele.

— O que foi?

Ele sacudiu a cabeça.

— Isso é incrível, Ellie. Não sei como agradecer... Quando? — Ele franziu a testa. — Você sabe que estamos em... Ah, claro. Entendo. Ligo já para você. E obrigado. Nem sei dizer o quanto isso significa... É. Tchau.

— O que ela fez? — perguntou Claire, assim que ele desligou.

O sorriso de Bobby era tão grande que lhe franzia o rosto todo.

— Conseguiu para mim um teste com Kent Ames, da Down Home Records. Eu não *acredito*! Há dez anos espero por uma oportunidade dessas.

Claire abraçou-o com emoção.

— Você vai arrasar.

Ele girou-a no colo até ambos estarem às gargalhadas. Ela ainda ria quando ele a colocou de volta no chão.

— Mas... — prosseguiu ele, agora sem sorrir. — O teste é quinta-feira. Depois disso Kent passará um mês fora.

— Esta quinta?

— Esta quinta. Em Nashville.

Claire sabia que, se negasse — se dissesse “Ainda estaremos em lua-de-mel” —, ele a beijaria e responderia: “Tudo bem, vou ligar para sua mãe e ver se o teste pode ser remarcado para daqui a um mês.”

A resposta dela foi fácil:

— Eu sempre quis conhecer Opryland.

Bobby puxou-a, olhou para ela.

— Eu teria desistido — admitiu, em voz baixa.

— Agora me passe o telefone — pediu ela. — É melhor eu avisar a papai e Meg que vamos acrescentar um ou dois dias à viagem.

OS DIAS QUE MEGHANN passou ciceroneando Alison caíram numa rotina agradável. Na terceira tarde Meghann havia deixado de lado sua necessidade obsessiva de mostrar à sobrinha todas as atrações infantis de Seattle. Agora elas só faziam coisas simples. Alugavam filmes, assavam biscoitos e jogavam Candy Land.

Na primeira noite, Ali surgiu em seu quarto chorando porque não conseguia dormir. Nessa noite, e em todas as que se seguiram, Meg dormiu com Ali aninhada em seus braços, e a cada manhã acordava com um novo entusiasmo inesperado. Sorria mais fácil, gargalhava com mais frequência. Esquecera-se de como era gostoso cuidar de alguém.

Quando Claire telefonou para avisar sobre a prorrogação da lua-de-mel, Meg deixou a irmã admirada oferecendo-se — de bom grado — para ficar com Alison alguns dias a mais. Infelizmente, uma festa de aniversário “muito importante” em Hayden eliminava essa possibilidade.

Quando o sábado finalmente chegou, Meghann se viu surpresa pela intensidade de sua emoção. Durante todo o trajeto para Hayden, teve de esforçar-se por continuar sorrindo, enquanto Ali falava sem parar e pulava no banco. Na casa de Sam, Ali atirou-se nos braços do avô e começou a contar-lhe sobre a semana. Meg despediu-se da sobrinha e saiu às pressas do *trailer*. Naquela noite, mal conseguiu dormir. Não conseguia livrar-se da solidão.

Na segunda-feira, voltou ao trabalho.

As horas arrastavam-se mais devagar que de costume. Ao fim do dia, ela estava tão cansada que mal se agüentava.

Lá fora, era o começo de uma refrescante noite de verão.

Meghann não queria ir ao Athenian para fisgar um homem que não conhecia. Ela queria... Joe.

ÀS 16 HORAS JOE TERMINOU o trabalho. Isso era bom, porque na verdade ele tinha um lugar aonde ir, pessoas para ver.

Era reconfortante ter a expectativa de alguma coisa, mesmo se essa coisa fosse lhe causar sofrimento.

Nos momentos que se seguiram, enquanto se barbeava, tomava banho e vestia roupas limpas, Joe tentava juntar as frases de que necessitaria. Experimentou palavras bonitas: “A morte de Diana destruiu algo dentro de mim.” Palavras ásperas: “Estraguei tudo.” Palavras dolorosas: “Eu não conseguia ficar parado vendo-a morrer.” Mas nenhuma delas dava conta de tudo, nenhuma delas expressava a verdade de seus sentimentos.

Ele ainda não decidira o que falar quando chegou à rua ou, instantes depois, quando avistou a caixa de correspondência: DR. E SRA. HENRY ROLOFF.

Joe não pôde deixar de tocá-la. Outrora havia em Bainbridge uma caixa de correspondência como aquela, onde se lia: DR. E SRA. JOE WYATT.

Fitou a casa dos ex-sogros. Estava exatamente como em outro dia de junho, muito tempo antes, quando Joe e Di se casaram no jardim.

Ele quase desistiu, mas fugir não adiantaria. Havia experimentado esse caminho, e ele o levava de volta ali — àquela casa, àquelas pessoas que um dia ele tanto havia amado — para se desculpar.

Joe subiu a passagem de concreto na direção da casa. Não se permitiu parar nem pensar. Estendeu o braço e tocou a campainha.

Instantes depois a porta foi aberta. Henry Roloff surgiu à sua frente, um cachimbo na mão, usando calça caqui e suéter de gola rulê.

— Pois não... — Ao ver Joe, o sorriso desapareceu. — Joey! — exclamou, o cachimbo agora oscilando na mão trêmula. — Nós ouvimos dizer que você tinha voltado.

Joe tentou sorrir.

— Quem é? — gritou Tina, em algum canto da casa.

— Você não vai acreditar — respondeu Henry.

— Henry? — gritou ela novamente. — Quem é?

Henry recuou. Um sorriso lacrimoso franzira seu rosto.

— Ele voltou, mãe — bradou ele. Então, em voz baixa, os olhos rasos d'água, disse mais uma vez: — Ele voltou.

— ESTE É O BAR ONDE Garth Brooks foi descoberto.

Claire sorriu para Kent Ames, o grande magnata da Down Home Records em Nashville. Ela e Bobby estavam na cidade havia dois dias. O quarto no hotel Loews era maravilhoso. Eles tinham se deliciado com jantares românticos. Tinham passeado em Opryland e visitado o Hall da Fama da música *country*. Ainda mais importante, Bobby arrasara nos testes. Em todos os quatro.

Apresentara suas canções para executivo após executivo, até chegar afinal ao grande escritório que dava vista para a rua dos sonhos da música *country*, a Music Row.

Suas vidas haviam mudado nas últimas 24 horas. Bobby era “alguém”. Alguém que “acontecía”.

Agora eles se achavam à mesa de um pequeno bar despretensioso: ela, os executivos e o marido. Em menos de uma hora Bobby subiria ao palco. Era a chance de “mostrar seu som” aos executivos.

Bobby conversava com os homens sem o menor problema. Falava de pessoas e coisas de que Claire nada sabia: demos, tempo de estúdio, *royalties* e cláusulas de contrato.

Ela queria aprender, mas não conseguia concentrar-se. O voo interminável de Kauai para Nashville, com baldeações em Oahu, Seattle e Memphis, havia lhe custado uma insistente dor de cabeça. A fumaça do bar não ajudava. Assim como a música alta e a conversa gritada.

Kent Ames sorriu para ela.

— Bobby vai subir em 45 minutos. Geralmente leva-se anos para conseguir lugar nesse palco.

Claire sentiu uma dormência estranha na mão direita. Precisou de duas tentativas para pegar o copo de *margarita*. Quando finalmente conseguiu, bebeu todo o líquido, na esperança de que ele melhorasse a sua dor de cabeça.

Não melhorou. Deixou-a com dor de barriga. Ela levantou-se, surpresa por encontrar-se vacilante.

— Claire?

Bobby ficou de pé.

Ela forçou um sorriso. Um sorriso fraco, com o canto da boca.

— Desculpe, Bobby. Minha dor de cabeça piorou. Acho que preciso me deitar. — Beijou o rosto dele, sussurrou: — Arrase, amor.

Ele a enlaçou.

— Vou levar minha mulher ao hotel.

Ryan franziu a testa.

— Mas sua vez...

— Já volto — garantiu Bobby.

Abraçando-a, ele conduziu-a para fora do bar, até a rua barulhenta, agitada.

— Você não precisa me levar, Bobby. De verdade.

— Nada é mais importante que você. Nada. É melhor esses caras saberem desde já quais são minhas prioridades.

Eles atravessaram o saguão e tomaram o elevador. Na suíte, Bobby deitou-a na cama.

— Agora durma, meu amor — sussurrou, beijando-lhe a testa.

— Boa sorte. Eu amo você.

— É exatamente por isso que não preciso de sorte.

Claire levantou-se o suficiente para telefonar para casa. Tentou parecer animada ao contar a Ali e Sam sobre o dia emocionante e lembrá-los de que estaria de volta em dois dias. Depois de desligar, suspirou alto e fechou os olhos.

QUANDO CLAIRE ACORDOU na manhã seguinte, a dor de cabeça havia desaparecido. Ela se sentia exausta, mas foi fácil sorrir quando Bobby lhe contou como tudo transcorreria.

— Eu arrebentei, Claire. Sem brincadeira. Kent Ames salivava ao falar sobre o meu futuro. Ofereceu um contrato, acredita?

Eles encontravam-se aninhados no sofá próximo à janela do quarto. A luz clara da manhã entrava pela janela. Bobby estava tão bonito que deixava Claire extasiada.

— É óbvio que acredito. Já ouvi você cantar. Agora quais são os procedimentos?

— Eles acham que vamos levar mais ou menos um mês em Nashville. Para achar material, montar uma banda. Querem que eu saia em turnê em setembro e outubro.

Mas não se preocupe. Avisei que teríamos de criar uma agenda que estivesse de acordo com as necessidades da família.

Claire amava-o nesse momento mais que jamais imaginara ser possível. Puxou-o pelo roupão.

— Só vai ter homem e mulher feia no seu ônibus. Já vi filmes sobre essas turnês.

Ele beijou-a, demoradamente. Quando se afastou, ela estava tonta.

— O que fiz para merecer você, Claire?

— Você me amou — respondeu ela, passando a mão por baixo do roupão dele. — Agora me leve para a cama e me ame de novo.

ÀS 6H30 DA MANHÃ, Meghann saiu da cama, tomou banho e vestiu um terninho preto e uma blusa de seda lilás. Bastou uma olhadela no espelho para lembrar-se de que não dormira nem duas horas na noite anterior. Estava à mesa da firma às 7h30, lendo um testemunho.

De 15 em 15 minutos, olhava o telefone. Era dia de semana. Joe estaria no trabalho. *Ligue.*

Por fim, às dez, ela cedeu à tentação e telefonou para a secretária.

— Sim, Sra. Dontess?

— Preciso do número de uma oficina de Hayden, Washington.

— Que oficina?

— Não sei o nome nem o endereço. Mas fica de frente para o parque Riverfront. Na rua Front.

— Vou precisar...

— Ser criativa. Obrigada.

Meghann desligou. Dez longos minutos se passaram. Então Rhona telefonou na linha um.

— Consegui o número. O nome da oficina é Smitty's.

Meghann anotou o número e ficou olhando para ele. O coração batia rápido.

— Que ridículo!

Pegou o telefone e digitou o número. A cada toque, precisava lutar contra a vontade de desligar.

— Oficina Smitty's.

Meghann engoliu em seco.

— Eu poderia falar com o Joe?

— Um minuto. Joel!

O telefone fez um ruído, então o pegaram.

— Alô?

— Joe? É Meghann.

Houve uma longa pausa.

— Achei que nunca mais fosse ver você.

— Não vai ser assim tão fácil. — Mas a brincadeira caiu no vazio. — Eu... hã... tenho de ouvir um testemunho no condado de Snohomish na sexta-feira. Achei que você talvez quisesse sair para jantar.

Ele não respondeu.

— Esqueça. Sou uma idiota. Vou desligar.

— Posso comprar carne e pegar emprestada a churrasqueira.

— Sério?

Ele riu, e o riso relaxou a tensão dolorosa que se formara no pescoço dela.

— Por que não?

— Estarei aí por volta das 18 horas. Tudo bem?

— Perfeito.

— Vou levar o vinho e a sobremesa.

Meghann sorria quando desligou. Dez minutos depois Rhona telefonava para ela novamente.

— Sra. Dontess, sua irmã está na linha dois. Disse que é urgente.

— Obrigada. — Meg apertou o botão. — Oi, Claire. Seja bem-vinda. Seu vôo deve ter saído na hora. Incrível. Como foi...

— Eu estou no aeroporto. Não sabia para quem ligar.

A voz era trêmula; parecia que ela havia chorado.

— O que está acontecendo, Claire?

— Eu não me lembro do vôo de Nashville. Também não me lembro de pegar a bagagem, mas ela está aqui comigo. Não me lembro de andar pelo estacionamento, mas estou sentada no carro.

— Não entendo.

— Nem eu, droga! — gritou Claire, e desatou a chorar. — Eu não me lembro de como voltar para casa.

— Oh, meu Deus. — Em vez de entrar em pânico, Meghann procurou tomar controle da situação. — Você tem um papel?

— Tenho. Aqui.

— Caneta?

— Tenho. — Os soluços diminuíram. — Eu estou com medo, Meg.

— Escreva: travessa Post, 829. Escreveu?

— Escrevi.

— Agora saia do carro e volte para o terminal.

— Eu estou com medo.

— Vou ficar ao telefone com você.

— Espere. Não sei para onde...

— Tem uma passagem coberta à sua frente, com os nomes das companhias aéreas listados acima?

— Tem. Diz Alaska e Horizon.

— Vá para lá. Eu estou aqui, Claire. Não vou a lugar nenhum. Desça a escada rolante. Está vendo?

— Estou.

Ela parecia fraca. Meghann ficava cada vez mais assustada.

— Saia. Pegue o telefone onde está escrito TÁXI. Qual é o número da porta pela qual você acabou de passar?

— Doze.

— Peça ao motorista de táxi que pegue você no portão 12, explique que está indo para o centro da cidade.

— Espere.

Meghann a ouviu falar. Então Claire disse:

— OK.

— Eu estou aqui, Claire. Vai ficar tudo bem.

— Quem está falando?

Meghann sentiu o fluxo gelado do pavor.

— É Meghann.

— Eu não me lembro de telefonar para você.

Meghann fechou os olhos. Foi difícil encontrar voz.

— Tem um táxi na sua frente?

— Tem. Por que ele está aqui?

— Para você. Entregue ao motorista o papel que está na sua mão.

— Ah, meu Deus, Meg! Como você sabe que eu estava segurando este papel? O que há de errado comigo?

— Está tudo bem, Claire. Ele vai deixar você no meu prédio. Estarei esperando por você.

O TÁXI ENCOSTOU no meio-fio e parou. Antes que Claire pudesse sequer agradecer, a porta do banco do carona foi aberta. Meghann pagou ao motorista e conduziu Claire ao confortável interior de um Lincoln Town Car que aguardava estacionado. Meg analisou-a.

— Você está bem agora?

Claire notou a preocupação da irmã, e isso a comoveu.

— Estou, sim. Mesmo. Acho que tive um ataque de pânico ou algo parecido. Só me leve a um restaurante tranquilo, para tomarmos café. Deve ser falta de sono.

Meg olhou para a irmã como se ela fosse um experimento científico que tivesse dado errado.

— Você está brincando? Ataque de pânico? Claire, eu sei o que é ataque de pânico, e a pessoa não se esquece de como chegar em casa. Vamos ao hospital.

Elas entreolharam-se até Claire desviar os olhos.

— Bobby saiu-se muito bem nas apresentações. Ofereceram a ele um bom contrato.

— Ele só vai assinar depois que eu der uma olhada, certo?

— A resposta-padrão é “Parabéns”.

Meghann teve a elegância de enrubescer.

— Parabéns.

— Acho que isso deveria entrar para o Acredite, se quiser, sob o título “Eliana Sullivan faz uma boa ação”.

Meg levou a mão ao peito e, com arrastado sotaque sulista, disse:

— Eu sou tão generosa com a família!

Claire começou a rir. Então notou que a dormência na mão direita havia voltado. Enquanto observava a mão, os dedos se fecharam numa espécie de gancho. Por um

instante, não conseguiu abri-la. Entrou em desespero. *Por favor, meu Deus...*

A contração parou.

Elas chegaram ao hospital. Na recepção do setor de emergência, uma mulher corpulenta atendeu as duas.

— Posso ajudá-las?

— Gostaríamos de ver um médico.

— Qual é o problema?

— Estou com uma dor de cabeça infernal.

Meghann aproximou-se do balcão.

— Escreva aí: dor de cabeça severa, perda da memória recente.

— Ah, é. Eu me esqueci.

Claire abriu um sorriso frouxo.

A recepcionista jogou uma prancheta sobre o balcão.

— Preencha isso e me dê seu documento de identidade.

Claire pegou o documento na carteira e o entregou à mulher, que disse:

— Podem se sentar. Nós as chamaremos.

Uma hora depois elas ainda aguardavam. Meghann estava furiosa.

— Como é que eles têm a audácia de chamar isto aqui de setor de *emergência*?

Claire pensou em tentar acalmar a irmã, mas o esforço seria grande demais. A dor de cabeça havia piorado.

— Claire Austin — chamou uma enfermeira de jaleco azul.

— Já não era sem tempo.

Meghann ajudou Claire a levantar-se.

— Você é um verdadeiro alento, Meg — disse Claire.

— Isso é dom — respondeu Meg, conduzindo-a em direção à enfermeira pequenina que se achava à porta dupla da sala de emergência.

Claire deu a mão à irmã ao cruzar o vão da porta. Vestiu a camisola do hospital e estendeu o braço para o exame de pressão arterial e a coleta para o exame de sangue.

Novamente elas esperaram. Por fim, alguém bateu à porta. Um adolescente de jaleco branco surgiu na sala.

— Sou o Dr. Lannigan. Qual é o problema?

Meghann resmungou.

— Oi, doutor — disse Claire. — Eu nem deveria ter vindo aqui. Estou com dor de cabeça, e minha irmã acha que enxaqueca é caso de hospital. Depois de uma viagem longa, tive uma espécie de ataque de pânico.

— Durante o qual ela se esqueceu de como chegar em casa — acrescentou Meghann.

O médico pediu a Claire que realizasse algumas atividades — levantar um braço, depois o outro, virar a cabeça, piscar os olhos — e respondesse a algumas perguntas fáceis, como em que ano estavam, quem era o presidente do país. Ao terminar, indagou:

— Você costuma sentir dor de cabeça?

— Quando estou estressada. Mais ultimamente — admitiu.

— Houve alguma grande mudança na sua vida há pouco tempo?

Claire riu.

— Muitas. Acabei de me casar pela primeira vez. Meu marido está em Nashville, gravando um disco.

— Ah. — Ele sorriu. — Bem, Sra. Austin, o sangue e a pressão estão normais. Tenho certeza de que é só es-

tesse. Mas, se a dor de cabeça persistir, recomendo que procure um neurologista.

Claire assentiu, aliviada.

— Obrigada, doutor.

— Ah, não — protestou Meghann. — Isso não basta.

O rapaz piscou os olhos, recuou.

— Eu vejo *Plantão médico*. Ela precisa de uma tomografia ou de uma ressonância magnética. Alguma droga de exame inicial. No mínimo, ela vai consultar o neurologista agora.

Ele franziu a testa.

— Esses exames são caros. Não podemos fazer tomografia de todo paciente que reclama de dor de cabeça, mas, se a senhora quiser, posso recomendar o neurologista. A senhora marca uma hora.

— Há quanto tempo você é médico?

— Estou no primeiro ano de residência.

— Quer chegar ao segundo ano?

— Claro. Não vejo...

— Chame seu supervisor. Agora. Não passamos três horas aqui para que um projeto de médico nos diga que Claire está estressada. Eu estou estressada, você está estressado. Mas nos lembramos do caminho de casa. Traga um neurologista aqui. *Agora*.

— Vou ver se consigo uma consulta.

Ele pegou sua prancheta e saiu às pressas.

Claire suspirou.

— Você está sendo você de novo. É estresse, sim.

— Também espero que seja, mas não vou confiar na palavra do galãzinho do baile de formatura.

Alguns minutos depois a enfermeira estava de volta.

— A Dra. Kensington recebeu o material. Gostaria que a senhora fizesse uma tomografia.

— Uma mulher. Ótimo — animou-se Meghann.

A enfermeira assentiu.

— Venham comigo — chamou.

Claire deu a mão a Meghann. O trajeto parecia durar uma eternidade: elas atravessaram dois corredores e tomaram o elevador, até chegarem ao Centro de Medicina Nuclear.

Nuclear. Claire sentiu Meghann apertar-lhe a mão.

— Chegamos. — A enfermeira deteve-se à porta fechada. Virou-se para Meghann. — Tem uma cadeira ali. A senhora não pode entrar, mas cuidaremos bem dela, está bem?

Meghann hesitou, então assentiu.

— Estarei aqui, Claire.

Claire acompanhou a enfermeira a uma sala atravancada por uma máquina enorme, que parecia uma rosquinha branca. Deitou-se na cama estreita que cruzava o buraco da rosquinha. E esperou. E esperou. De vez em quando a enfermeira voltava, murmurava qualquer coisa a respeito do médico e desaparecia novamente.

Por fim a porta foi aberta e um homem de jaleco branco entrou na sala.

— Desculpe fazê-la esperar. Eu sou o Dr. Cole, radiologista. Mantenha-se bem parada, e acabaremos logo com isso.

Claire forçou um sorriso. Recusava-se a pensar no fato de que todos os demais ali presentes usavam avental de chumbo, ao passo que ela só tinha uma fina camada de algodão a protegê-la.

— Acabamos. Ótimo trabalho — disse ele, quando tudo terminou.

Claire estava tão agradecida que quase se esqueceu da dor de cabeça, que havia aumentado enquanto ela se encontrava deitada na máquina.

No corredor, Meghann estava irritada.

— O que aconteceu? Eles disseram que levaria uma hora.

— E levou, depois que acharam o médico.

Elas seguiram a enfermeira a outra sala de exames.

— Posso me vestir? — perguntou Claire.

— Ainda não. A médica já vem.

— Aposto que sim — respondeu Meghann, num murmúrio.

TRINTA MINUTOS DEPOIS a enfermeira estava de volta.

— A médica pediu outro exame — disse para Meghann. — Uma ressonância magnética.

— Ressonância magnética? — perguntou Meghann, ansiosa.

— É uma imagem mais clara do que está acontecendo. Procedimento-padrão.

O exame, que levaria uma hora, demorou duas. Por fim Claire foi liberada, e as duas voltaram ao setor de medicina nuclear, onde as roupas de Claire estavam penduradas. Depois seguiram para outra sala de espera.

— É claro — resmungou Meg.

Mais uma hora se passou. Finalmente uma mulher alta, de aspecto cansado, vestida com um jaleco de laboratório, entrou na sala.

— Claire Austin?

Claire levantou-se. À brusquidão do movimento, quase caiu. Meghann amparou-a.

A mulher sorriu e disse:

— Eu sou a Dra. Sheri Kensington, diretora da unidade de neurologia.

— Claire Austin. Esta é minha irmã, Meghann.

— Muito prazer. Venham comigo.

A Dra. Kensington conduziu-as pelo corredor até um consultório abarrotado de livros, diplomas e desenhos infantis. Atrás dela, algumas chapas de radiografia achavam-se dispostas no negatoscópio aceso.

Claire olhou para elas, imaginando o que revelavam.

A médica sentou-se à mesa e indicou a Claire e Meghann que se acomodassem à sua frente.

— Sinto muito que tenham tido problemas com o Dr. Lannigan. Este é um hospital universitário, e às vezes os residentes não são tão cuidadosos quanto gostaríamos. Sua exigência de um nível de atendimento mais elevado foi uma chamada necessária ao Dr. Lannigan.

Claire encarou-a.

— Eu estou com sinusite?

— Não, Claire. Você tem urna massa no cérebro.

— O quê?

— Um tumor. No cérebro. — A Dra. Kensington levantou-se devagar e aproximou-se das radiografias, apontando para uma área branca. — Ele é do tamanho de uma bola de golfe e está localizado no lobo frontal direito, cruzando a linha média.

Tumor. Claire sentia-se como se tivesse sido jogada de um avião. Não conseguia respirar; o chão ficava cada vez mais próximo.

— Sinto muito em dizer isso — prosseguiu a Dra. Kensington —, mas consultei um neurocirurgião, e achamos que é inoperável. Você deve buscar uma segunda opinião, evidentemente. Também precisará consultar um oncologista.

Meghann ficou de pé.

— Você está dizendo que ela tem um tumor no cérebro e vocês não podem fazer nada?

— Achamos que é inoperável, mas não falei que não podemos fazer nada.

— Meg, por favor. — Por absurdo que fosse, Claire temia que a irmã piorasse ainda mais a situação. Olhou com ar de súplica para a médica. — Está dizendo que eu talvez morra?

— Vamos precisar de outros exames, mas, dados o tamanho e a localização da massa, o quadro não é muito bom.

— Inoperável significa que vocês não operam — grunhiu Meg.

A Dra. Kensington mostrou-se surpresa.

— Acho que ninguém vai operar. Consultei nosso melhor neurocirurgião. Ele concorda com meu diagnóstico. A intervenção seria perigosa demais.

Meg estava irritada.

— *Quem* faria esse tipo de operação?

— Ninguém neste hospital.

Meg pegou a bolsa.

— Vamos, Claire. Estamos no hospital errado.

Claire olhava em desalento para a Dra. Kensington e a irmã.

— Meg — protestou —, você não sabe tudo. Por favor...

Meghann ajoelhou-se na frente dela.

— Eu sei que não sei tudo. Sei até que já decepcionei você, mas nada disso importa agora. Deste momento em diante, só sua vida importa.

Claire começou a chorar. Detestava mostrar-se frágil assim, mas não havia jeito. De repente, *sentia-se* morrendo.

— Apóie-se em mim, Claire.

Claire fitou os olhos da irmã e lembrou-se de como outrora Meg havia sido seu mundo. Devagar, obedeceu.

Meghann ajudou-a a levantar-se, então se virou para a médica.

— Ensine o Dr. Lannigan a usar o termômetro. Nós vamos achar um médico que salve a vida dela.

Fora do hospital, Meghann ajudou Claire a entrar no Town Car.

— Você está bem? — perguntou, a voz elevada e apreensiva.

— Eu tenho câncer? É isso o tumor?

— Nós não sabemos o que você tem. Com certeza, esses médicos não sabem.

— Você viu a mancha na chapa, Meg? Era enorme!

Meghann segurou-a, sacudiu-a com força.

— Escute. Você precisa ser forte agora. Não amolecer, não desistir. Amanhã começaremos a procurar outras opiniões. Primeiro vamos ao Johns Hopkins. Depois vamos tentar o Sloan-Kettering, em Nova York. Deve existir um cirurgião que tenha coragem.

Os olhos de Meg encheram-se de lágrimas; a voz falhou.

De algum modo, Claire ficou ainda mais assustada ao ver Meg vacilar.

— Vai ficar tudo bem — disse ela, automaticamente. Confortar os outros era mais fácil que pensar. — Só precisamos ser otimistas.

— Ter fé. Exatamente — concordou Meghann. — Você se agarra à fé, e eu vou começar a procurar tudo o que há para saber sobre a doença. Assim cobriremos todas as bases.

— Como um time?

— Alguém precisa ficar ao seu lado nesse período.

Toda a infância das duas se achava de repente entre elas, todos os bons momentos e, ainda mais importante, os momentos ruins.

Claire encarou a irmã.

— Se você começar isso comigo, vai ter de permanecer se a situação se complicar.

Meg olhou para ela.

— Confie em mim.

Claire franziu a testa.

— Não quero contar a ninguém.

— Por que contar antes de ter certeza?

— Só vai preocupar meu pai e obrigar Bobby a voltar para casa. — Ela se deteve, engoliu em seco. — Não quero nem pensar em contar a Ali.

— Vamos dizer a todo mundo que passaremos uma semana num *spa*.

— Bobby vai acreditar. E Ali. Meu pai... não sei. Talvez se eu disser que precisamos de algum tempo juntas. Há anos ele quer que nos reconciliemos. É. Ele vai aceitar isso.

ENCONTRAR OS PAIS DE Diana restituíra algo em Joe. O perdão, a compreensão deles, aliviara o fardo. Pela primeira vez desde a morte da mulher, ele conseguia andar ereto outra vez. Conseguia acreditar que havia uma saída. Não a medicina. Ele jamais poderia ver a morte tão perto novamente. Mas alguma coisa...

E tinha Meghann. Por inacreditável que fosse, ela havia telefonado. Convidara-o para um jantar. Seu primeiro jantar com uma mulher em mais de 15 anos. Meghann, talvez até mais que o perdão dos Roloff, trouxera Joe de volta à vida.

No intervalo para o almoço ele cortou o cabelo e comprou roupas novas. Voltou para a oficina às 13 horas e trabalhou o resto do dia.

— É a décima vez que você olha esse relógio nos últimos trinta minutos — observou Smitty, às 16h30.

— Eu... hã... tenho um compromisso — balbuciou Joe.

Smitty pegou uma chave inglesa.

— Não brinca.

Joe fechou o capo da caminhonete.

— Será que eu poderia sair uns minutos mais cedo?

— Não faço nenhuma objeção.

— Uma amiga vem jantar comigo — explicou Joe.

— Essa amiga dirige um Porsche?

— Dirige.

Smitty sorriu.

— Você não quer pegar emprestada a churrasqueira? Colher umas flores no jardim de Helga?

— Eu não sabia como pedir.

— Puxa, Joe, não é difícil. Abra a boca e diga “Por favor”. Faz parte de sermos vizinhos e colegas de trabalho.

— Obrigado.

— Tenha uma boa noite, Joe.

Joe saiu da oficina e parou na casa de Smitty. Saiu carregando uma pequena churrasqueira portátil. Armou-a na varanda.

Em casa, tomou banho e fez a barba, depois vestiu as roupas novas e foi para a cozinha.

Nos momentos que se seguiram, entregou-se a uma tarefa depois da outra, até que as batatas estivessem no forno, as flores se encontrassem sobre a mesa e as velas se achessem acesas. Serviu-se de uma taça de vinho tinto e dirigiu-se à sala para esperar por ela.

Sentou-se no sofá e esticou as pernas.

Do consolo da lareira, Diana sorria para ele.

Joe sentiu uma ponta de culpa, como se tivesse feito alguma coisa errada. Era bobagem, ele não estava sendo infiel. Ainda...

Deixou a taça sobre a mesinha de centro e recolheu os porta-retratos, um a um, deixando uma única fotografia sobre a mesa. Apenas uma. Todas as demais ele levou para o quarto e guardou com cuidado. Depois devolveria algumas à casa da irmã.

Quando voltou à sala e se sentou, Joe sorriu, pensando em Meghann. Imaginando a noite.

Às 21h30 o sorriso havia desaparecido.

Ele estava sozinho no sofá, ligeiramente embriagado, com uma garrafa de vinho vazia a seu lado. As batatas encontravam-se assadas fazia tempo e as velas tinham derretido.

À meia-noite ele foi para a cama sozinho.

CAPÍTULO NOVE

NOS ÚLTIMOS NOVE DIAS, Meghann e Claire haviam consultado vários especialistas. Era incrível a rapidez com que os médicos atendiam as pessoas que tinham tumor cerebral e muito dinheiro. Neurologistas. Neurocirurgiões. Neuroncologistas. Radiologistas. Elas foram do Johns Hopkins ao Scripps, passando pelo Sloan-Kettering. Aprenderam dezenas de novas palavras assustadoras: glioblastoma, astrocitoma anaplásico, craniotomia.

Alguns médicos eram atenciosos e solícitos; a maioria era distante e ocupada demais para conversar durante muito tempo. Todos diziam a mesma coisa: inoperável. Não importava se o tumor de Claire era maligno ou benigno; de qualquer forma, poderia ser fatal. A maioria acreditava que o tumor era glioblastoma multiforme. De um tipo fatal.

Sempre que deixavam uma cidade, Meghann depositava suas esperanças na parada seguinte, até que um neurologista do Scripps chamou-a de lado.

— Olhe — disse —, você está desperdiçando um tempo precioso. A radioterapia é a melhor esperança da sua irmã. Dos tumores cerebrais, 25% reagem bem ao tratamento. Se ele diminuir o suficiente, talvez se torne

operável. Leve-a para casa. Pare de lutar contra o diagnóstico e comece a lutar contra o tumor.

Portanto, elas tinham voltado a Seattle. Um dia depois, Meghann levou Claire ao hospital Swedish, onde acertaram de começar a radioterapia no dia seguinte. Uma vez por dia, durante quatro semanas.

— Vou precisar ficar aqui para o tratamento — disse Claire, já no apartamento de Meghann. — Hayden é longe demais.

— Claro. Vou diminuir minha carga de trabalho.

— Não precisa. Posso tomar o ônibus até o hospital.

— Vou fingir que não ouvi isso.

Claire olhou para fora da janela.

— Uma amiga minha teve de fazer quimioterapia e radioterapia. — Ela olhava a cidade iluminada, mas só conseguia ver Diana se esvaindo. No fim, todos aqueles tratamentos não haviam ajudado em nada. — Não quero que Ali me veja assim. Ela pode ficar com meu pai. Nós os visitaremos nos fins de semana.

— Vou alugar um carro para Bobby. Assim vocês podem se ver com mais frequência.

— Eu não vou contar a Bobby... por enquanto.

Meghann franziu a testa.

— O quê?

— Não vou telefonar para o homem com quem acabei de me casar para dizer que tenho um tumor no cérebro. Ele esperou a vida inteira por essa oportunidade. Não quero estragar tudo.

— Mas se ele ama você...

— Ele me *ama*! — respondeu ela, com veemência.
— Essa é a questão. E eu o amo. Quero que ele tenha essa chance.

— O que me parece é que você está com medo de que ele não queira vir — argumentou Meghann. — Sei que você está com medo, Claire. E sei que mamãe e eu a magoamos. Mas você precisa dar a Bobby a chance de...

— Não se trata do passado. Sou eu que tenho o tumor. Eu. Não venha criticar minhas decisões. Eu amo Bobby e não vou pedir a ele que sacrifique tudo por mim. — Claire levantou-se. — É melhor nós irmos. Preciso contar ao meu pai o que está acontecendo.

— E mamãe? Quer ligar para ela?

— Se eu piorar. Agora vamos.

Duas horas depois Meg entrava na rua River. O sol de fim de tarde escorria pelas paredes da casa de madeira amarela; o jardim era um turbilhão de cores. Uma bicicleta infantil encontrava-se largada na grama crescida.

Claire virou-se para Meg.

— Preciso fazer isso sozinha.

Meg entendia. Aquela era a família de Claire, não a sua.

— Tudo bem. Os médicos vão deixá-la boa.

Claire olhou para Meghann.

— Como posso prometer isso? E se...

— Prometa, Claire. Vamos deixar as suposições para depois.

Claire assentiu.

— Tem razão.

O sorriso era vacilante.

Meghann notou o tremor da irmã e quis abraçá-la como quando elas eram crianças.

Claire saltou do carro e galgou a passagem de pedras. Virou-se para Meghann.

— Venha me pegar às 18 horas, pode ser?

Meg deu marcha a ré e se foi. Só soube de fato para onde ia quando já estava lá.

O chalé achava-se escuro, parecia vazio. Ela estacionou o veículo, dirigiu-se à porta. E bateu.

Ele abriu a porta.

— Você deve estar brincando.

Foi quando ela se lembrou do encontro. Mais de uma semana antes. Ela levaria o vinho e a sobremesa. Olhou a sala, viu um buquê de flores murchas sobre a mesinha de centro e torceu para que ele não o tivesse comprado para a ocasião. Quanto tempo Joe havia esperado até jantar sozinho?

— Desculpe. Eu me esqueci.

— Só me dê uma boa razão para eu não bater a porta na sua cara.

Ela olhou para ele, sentindo-se tão frágil que mal conseguia respirar.

— Minha irmã tem um tumor no cérebro.

A fisionomia dele mudou devagar. Uma nova expressão tomou conta de seus olhos, uma espécie de compaixão dolorosa que a fez imaginar os caminhos sombrios que ele havia percorrido na vida.

Ele abriu os braços e ela entregou-se. Pela primeira vez, permitiu-se chorar de verdade.

ALISON OUVIA COM ATENÇÃO a explicação de Claire sobre um “dodói” do tamanho de uma bola de golfe em seu cérebro.

— Bola de golfe é pequena — disse, afinal.

Claire assentiu, sorrindo.

— É. É, sim.

— E uma arma especial vai atirar raios mágicos até ele desaparecer? Como se fosse a lâmpada de Aladim?

— Exatamente.

— Mas por que precisa morar com tia Meg?

— É uma distância grande até o hospital. Não posso ir e voltar todos os dias.

Por fim Ali disse:

— Tudo bem. — Então levantou-se e subiu correndo a escada. — Já volto, mamãe! — gritou.

— Você ainda não olhou para mim — observou Sam, quando Ali saiu.

— Eu sei.

Sam levantou-se e atravessou a sala, sentando-se ao seu lado. Claire sentiu o reconfortante calor conhecido de seu abraço. Encostou a cabeça no ombro dele e sentiu lágrimas no rosto. Sabia que ele também estava chorando.

Ele suspirou alto, enxugando os olhos.

— Já contou a Bobby? — Ainda não.

— Mas vai?

— Claro. Assim que ele terminar as gravações em Nashville. Não vou fazê-lo desistir dessa grande oportunidade por mim.

Antes que o pai pudesse argumentar, Alison voltou à sala, arrastando a manta puída e manchada, a manta com a qual ela dormira todas as noites de sua vida.

— Aqui, mamãe, pode ficar com meu lençolzinho até você melhorar.

Claire pegou a manta rosa-acinzentada. Levou-a ao rosto e sentiu o cheiro adocicado da filha.

— Obrigada, Ali — disse, com a voz embargada.

Alison pulou no colo dela e abraçou-a.

— Está tudo bem, mamãe. Não chore. Eu já sou grande. Posso dormir sem meu lençolzinho.

NA MANHÃ SEGUINTE MEGHANN encontrava-se na sala de espera do setor de radioterapia, no hospital Swedish, tentando ler o último número da revista *People*. Era a edição dos “mais e menos elegantes”. Sinceramente, ela não via diferença. Por fim, jogou a revista sobre a mesa ao lado e dirigiu-se outra vez ao balcão.

— Faz mais de uma hora. Tem certeza de que está tudo bem com minha irmã?

— Falei com a equipe de radioterapia há cinco minutos. Ela já vai sair.

Meghann suspirou aliviada e voltou a sentar-se. A única revista que restava para ser lida era a *Field & Stream*. Ignorou-a.

Por fim, Claire apareceu. Meghann levantou-se devagar. Na lateral direita da cabeça da irmã havia uma pequena área que tinha sido raspada. Claire tocava o local, sentindo-o com os dedos.

— Eles me tatuaram. Estou me sentindo como Damien, o menino de *A profecia*.

Meg olhou os minúsculos pontos pretos na pele raspada.

— Posso arrumar seu cabelo de modo que você nem veja a...

— Parte raspada? Seria ótimo.

Elas dirigiram-se ao estacionamento. A caminho de casa, Claire disse:

— Não doeu.

— Sério? Que bom!

— Fechei os olhos e imaginei que os raios eram a luz do sol. Tentando me curar. Como o artigo que você me deu.

Meghann dera à irmã uma vasta literatura sobre pensamento positivo e visualização.

— Fico feliz que isso tenha ajudado.

Claire recostou-se no banco e olhou para fora da janela. Meghann queria dizer alguma coisa que fosse importante; havia tanto a ser dito entre elas. Com um suspiro, entrou no estacionamento subterrâneo e parou o carro na vaga.

Ainda em silêncio, elas tomaram o elevador. No apartamento, Claire tocou a irmã por um instante; os dedos estavam gelados.

— Obrigada por me acompanhar hoje. Foi bom não estar sozinha.

As duas entreolharam-se. Novamente Meghann sentiu o peso da distância que havia entre elas.

— Acho que vou me deitar — decidiu Claire. — Não dormi bem à noite.

— Nem eu.

Claire esperou mais alguns instantes, então deu meia-volta e seguiu para o quarto.

Meg recolheu-se ao escritório do apartamento. Outrora, autos, mandados e testemunhos abarrotavam a mesa. Agora ela se achava soterrada de livros médicos, artigos do *JAMA* e literatura sobre experiências clínicas. Todos os dias chegavam caixas da Barnes & Noble.com e da Amazon.

Meghann sentou-se à mesa. Sua leitura atual era um artigo do *JAMA* sobre os benefícios potenciais do tamoxifeno na redução dos tumores. Ela abriu um caderno e

começou a tomar notas. Trabalhava furiosamente, escrevendo e escrevendo. Horas depois, quando ergueu a cabeça, Claire estava no vão da porta, sorrindo para ela.

— Por que tenho a impressão de que minha irmã está querendo ela mesma realizar a cirurgia?

— Já sei mais sobre a doença que o primeiro idiota que consultamos.

Claire entrou no escritório com cuidado para não pisar nas caixas vazias da Amazon nem nas revistas que haviam sido descartadas.

— Acho melhor eu mesma ler, não?

— Algumas partes são... difíceis.

Claire aproximou-se do arquivo que ficava sobre o lado esquerdo da mesa. Pegou a pasta que dizia ESPE-RANÇA em letras vermelhas.

— Não faça isso — pediu Meg. — Acabei de começar.

Claire abriu a pasta. Estava vazia.

— Isto vai entrar aí — apressou-se em dizer Meg, arrancando várias páginas do caderno. — Tamoxifeno.

— Remédio?

— Tem de haver médicos que curem tumor cerebral — considerou Meghann, determinada. — Vou encontrá-los e pôr seus históricos aí.

A campainha tocou.

— Quem será? — Meghann passou por Claire e avançou para a porta. Quando chegou lá, a campainha tinha tocado mais oito vezes. — Que ótimo porteiro! — murmurou, abrindo a porta.

Gina, Charlotte e Karen estavam no corredor.

— Cadê nossa moça? — gritou Karen.

Claire apareceu e a gritaria começou. Karen e Charlotte adiantaram-se, abraçando-a.

— Sam nos telefonou — explicou Gina, quando ela e Meghann se achavam sozinhas no corredor. — Como ela está?

— Bem, eu acho. A radioterapia foi tranqüila. — À expressão assustada de Gina, Meghann acrescentou: — Ela não queria preocupar vocês.

— Ela não pode ficar sozinha numa hora dessas.

— Eu estou aqui — respondeu Meghann, ofendida.

Gina apertou seu braço.

— Claire vai precisar de todas nós.

Meghann assentiu. Então ela e Gina se entreolharam.

— Pode ligar para mim, não importa a hora — sussurrou Gina.

— Obrigada.

Depois disso Gina entrou na sala, anunciando em voz alta:

— Muito bem, temos doces, pipoca, filmes hilariantes e, evidentemente, jogos.

Meghann observou as quatro amigas juntas, todas falando ao mesmo tempo. Voltou ao escritório e fechou a porta.

EMBORA A RADIOTERAPIA propriamente dita durasse apenas alguns minutos por dia, o tratamento monopolizava a vida de Claire. Lá pelo quarto dia ela se sentia exausta e nauseada. Mas os efeitos colaterais não chegavam nem perto do horror que eram os telefonemas.

Todos os dias ela ligava para casa. Alison sempre perguntava se o dodói já tinha melhorado, depois o pai fazia a mesma pergunta de maneira diferente.

Meghann quase não ficava mais na firma. Talvez três horas por dia, no máximo. O resto do tempo ela passava lendo livros, artigos e sites. Atacava a questão do tumor do mesmo modo como outrora perseguia pais malandros.

O único momento em que Meg parecia disposta a desaparecer do mapa era às 14 horas: hora do telefonema de Bobby.

Agora Claire estava sozinha na sala. Na cozinha, soaram 14 horas. Claire digitou o número do novo celular de Bobby.

Ele atendeu ao primeiro toque.

— Oi, amor, você está dois minutos atrasada.

Claire recostou-se nas almofadas macias do sofá.

— Como foi seu dia?

Ela havia aprendido que era mais fácil ouvir que falar. Sua cabeça andava meio anuviada. Perguntava-se quanto tempo ele levaria para perceber que ela passava o tempo todo apenas ouvindo ou que sua voz sempre falhava ao dizer “Amo você”.

— Estou com saudade, Claire.

— Eu também. Mas só faltam algumas semanas.

— Kent acha que provavelmente teremos as músicas escolhidas até a semana que vem. Aí iremos para o estúdio. Você acha que poderia vir para isso? Eu adoraria cantar as músicas para você.

— Talvez — respondeu ela, imaginando a mentira que teria de inventar. Estava cansada demais para pensar nisso agora. — Bem, amor, tenho de ir. Meg vai me levar para almoçar. Depois vamos fazer as unhas.

— Vocês não fizeram as unhas ontem?

Claire titubeou.

— Hã, foram os pés. Eu amo você.

— Também amo você, Claire. Está... tudo bem?

Ela sentiu a ardência das lágrimas mais uma vez.

— Está tudo perfeito.

— PREPAREI UM PIQUENIQUE para nós — disse Meghann no carro, na manhã seguinte, depois do tratamento, e entrou numa rua arborizada. Estacionou numa linda casa de telhado cinza.

— É a casa da minha sócia. Ela deixou que passássemos a tarde aqui.

Meghann ajudou Claire a saltar do automóvel e atravessar o jardim até o cais de madeira que se projetava na água azul.

— Você se lembra do lago Winobee? — perguntou, conduzindo Claire à beira do cais, ajudando-a a sentar-se.

— O verão em que ganhei aquele biquíni rosa?

Meghann deixou no chão a cesta de piquenique e sentou-se ao lado da irmã. Ambas balançavam os pés sobre o lago.

— Roubei aquele biquíni — confidenciou Meghann. — Quando cheguei em casa, estava tão assustada que vomitei. Mamãe não deu a menor importância, só despregou os olhos da *Variety* e disse: “Menina de mão leve acaba na pior.”

Claire virou-se para a irmã.

— Esperei você voltar, sabia? Meu pai sempre dizia: “Não se preocupe, Claire. Ela é sua irmã, vai voltar.” Esperei muito. O que aconteceu?

Meghann soltou um suspiro, ciente de que essa conversa não podia mais ser protelada.

— Lembra-se de quando mamãe foi fazer o teste para *Starbase IV*?

— Claro que me lembro.

— Ela não voltou. Eu estava acostumada com as ausências de um ou dois dias, mas, depois de cinco dias, comecei a entrar em pânico. Não tinha sobrado dinheiro. Nós estávamos com fome. E os assistentes sociais começaram a aparecer. Fiquei com medo de que nos pusessem em alguma instituição. *Então* liguei para Sam.

— Eu sei de tudo isso, Meg.

— Ele concordou em receber nós duas.

— E recebeu.

— Mas não era *meu* pai. Eu tentei me adaptar a Hayden; que piada! Conheci o pessoal errado e comecei a fazer besteira. Sempre que olhava para você e Sam juntos, sentia-me excluída. Você era tudo o que eu tinha, e de repente eu não tinha mais você. Uma noite, voltei para casa bêbada, e Sam disse que eu deveria me emendar ou ir embora.

— E você foi embora. Para onde?

— Fiquei vagabundeando um tempo em Seattle, sentindo pena de mim mesma. Então um dia me lembrei de um professor que tinha acreditado no meu potencial, o Sr. Earhart. Ele tinha me convencido de que o estudo era a saída daquela vida errante de mamãe. Foi por isso que sempre tirei nota A. Enfim, telefonei para o professor... graças a Deus ele ainda trabalhava na mesma escola! Conseguiu que eu me formassem mais cedo no secundário e fizesse o exame para admissão na universidade. Eu me saí

bem. Nota máxima. A Universidade de Washington me ofereceu bolsa integral. Você sabe o resto da história.

— Minha irmã gênio — murmurou Claire.

Dessa vez havia orgulho na voz, em vez de rancor.

— Eu dizia a mim mesma que aquilo era o melhor para você, que você já não precisava da irmã mais velha. Mas sabia o quanto eu a havia magoado. Era mais fácil manter distância. Eu achava que você nunca me perdoaria. Então não lhe dei a chance.

— Seu único erro foi se manter longe — observou Claire.

— Estou aqui agora.

— Eu sei. — Claire fitou a água azul translúcida. — Eu não teria enfrentado nada disso sem você.

— Não é verdade. Você é a pessoa mais corajosa que conheço.

— Não sou tão corajosa assim, pode acreditar.

Meghann inclinou-se para trás, a fim de abrir a cesta de piquenique.

— Venho esperando o momento certo para lhe dar isto. — Ela pegou uma pasta e entregou-a a Claire. — Aqui.

Claire pegou a pasta com um suspiro. Era aquela que trazia escrito ESPERANÇA. As mãos tremiam ao abri-la.

Dentro havia uma dezena de relatos pessoais de vítimas de glioblastoma multiforme. Todas haviam recebido o prognóstico de menos de um ano de vida... pelo menos sete anos antes.

Claire fechou os olhos, mas as lágrimas brotaram mesmo assim.

— Eu precisava disso hoje.

— Imaginei que sim.

Ela engoliu em seco e ousou encarar a irmã.

— Venho sentindo muito medo.

Era bom finalmente admitir.

— Eu também — apressou-se em responder Meg, e abraçou Claire.

Pela primeira vez desde a infância Claire era abraçada pela irmã mais velha. Meghann afagou seu cabelo como fazia quando Claire era pequena. Uma mecha desprendeu-se ao toque de Meghann.

Claire recuou, viu o rufo de cabelo louro na mão da irmã.

— Eu não queria contar para você que está caindo. Toda manhã acordo com o meu travesseiro coberto de cabelo.

— Talvez seja melhor voltarmos para casa — sugeriu Meg afinal.

— *Estou* mesmo cansada.

Meghann ajudou Claire a levantar-se. Devagar, elas retornaram para o carro. Claire apoiava-se pesadamente no braço de Meg.

No apartamento, Meghann ajudou Claire a vestir o pijama de flanela e deitar-se.

— É só cabelo — disse Claire. — Vai crescer de novo.

— Claro.

Meghann deixou a pasta da ESPERANÇA na mesinha-de-cabeceira e saiu do quarto. À porta, deteve-se.

A irmã estava de olhos fechados. Lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, formando minúsculas manchas cinza no travesseiro.

E Meghann decidiu o que precisava fazer.

Fechou a porta e dirigiu-se ao telefone. Todos os números de emergência de Claire estavam anotados num bloco ao lado do aparelho.

Inclusive o de Bobby.

NAS ÚLTIMAS 24 HORAS, Claire havia perdido quase metade do cabelo. Nessa manhã, ao aprontar-se para a radioterapia, passou cerca de trinta minutos enrolando um lenço de seda na cabeça.

— Pare de mexer nisso — pediu Meghann, quando elas chegaram à sala de espera do setor de medicina nuclear. — Você está ótima.

Claire retirou-se para fazer o tratamento e estava de volta à sala de espera trinta minutos depois. Não se deu o trabalho de botar o lenço outra vez.

— Vamos sair para tomar café? — propôs, ao ver Meghann levantar-se.

— Preciso ir ao escritório. Tenho um compromisso.

— Ah.

Claire seguiu Meghann pelo corredor do hospital, tentando acompanhá-la. Vinha se sentindo tão cansada que era difícil não se arrastar como uma velha. Praticamente dormiu no carro.

À porta do apartamento, Meghann parou, com a chave na mão, e olhou para ela.

— Estou tentando fazer o melhor para você.

— Eu sei.

— Às vezes, faço besteira. Costumo achar que sei tudo.

Claire sorriu.

— Você está querendo brigar?

— Só não se esqueça de que estou tentando fazer o melhor.

— Tudo bem, Meg. Não vou me esquecer. Agora vá para o trabalho. Não quero perder *Judge Judy*. Ela me lembra você.

— Engraçadinha. — Meg abriu a porta do apartamento. — Tchau.

Claire entrou na sala, fechando a porta. Lá dentro, o aparelho de som estava ligado: “Pocket of a clown”, de Dwight Yoakam.

Claire dobrou o corredor, e lá estava ele. Bobby.

Ela levou a mão à cabeça descoberta. Correu para o banheiro, abriu a tampa do vaso e vomitou.

Ele se pôs atrás dela, afastando de seu rosto o pouco cabelo que lhe havia sobrado, dizendo que estava tudo bem.

— Eu estou aqui agora, Claire. Eu estou aqui.

Ela fechou os olhos, segurando lágrimas de humilhação. Ele alisou suas costas.

Por fim ela avançou para a pia e escovou os dentes. Quando se virou para ele, tentou sorrir.

— Bem-vindo ao meu pesadelo.

Ele aproximou-se, e o amor que havia em seus olhos fez com que ela sentisse vontade de chorar.

— *Nosso* pesadelo, Claire.

Ela não sabia o que dizer. Tinha medo de que, se abrisse a boca, cairia em pranto.

— Você não tinha o direito de esconder isso de mim.

— Há tanto tempo você sonha em cantar!

— Sonho, sim. Gosto de cantar, mas *amo* você. Não acredito que escondeu isso de mim. E se...

Claire mordeu o lábio.

— Desculpe. Só estava tentando amar você.

— Será que você sabe o que é o amor? “Estou no hospital todos os dias, querido, lutando pela minha vida, mas não se preocupe, vá cantar suas musiquinhas.” Que tipo de homem você acha que eu sou?

— Desculpe, Bobby. Eu...

Ela olhou para ele.

Ele abraçou-a com tanta força que a fez arquejar.

— Eu amo você, Claire. *Amo* você — repetiu, com ímpeto. — Quando é que vai botar isso na cabeça?

Ela enlaçou-o, agarrou-se a ele.

— Acho que o tumor estava atrapalhando, mas agora entendo, Bobby. Entendo.

OS DIAS PASSAVAM LENTAMENTE. Cada nova manhã encontrava Claire um pouco mais debilitada que a noite anterior. Ela esforçava-se por manter uma postura otimista, mas a saúde se deteriorava rápido.

As Bluesers visitavam-na com frequência, juntas ou separadas, fazendo o melhor que podiam para mantê-la animada. O pior momento eram os fins de semana, quando eles voltavam para Hayden. Claire tentava fingir para Ali que estava tudo bem.

À noite, entretanto, ficavam apenas os três — Claire, Meg e Bobby — no apartamento silencioso. Quase sempre viam filmes. No começo, quando Bobby chegou, tinham tentado passar a noite conversando ou jogando cartas, mas isso se mostrara difícil. Excesso de assuntos perigosos. Ninguém podia mencionar o futuro sem logo se

retrair, sem se perguntar: *Será que vamos passar o Natal juntos? O Dia de Ação de Graças? O verão?*

Por fim a radioterapia terminou. Na manhã seguinte Claire levantou-se cedo. Vestiu-se e tomou o café na varanda. Ficou impressionada com a quantidade de gente que já estava acordada, seguindo com suas vidas naquele dia que determinaria seu futuro.

— É hoje — disse Meg, surgindo na varanda.

Atrás delas, a porta de vidro foi aberta.

— Bom dia, meninas.

Bobby aproximou-se por trás de Claire e beijou-lhe a nuca.

Eles permaneceram ali por mais alguns minutos, em silêncio absoluto, então se viraram juntos e saíram do apartamento.

Logo estavam no hospital. Quando chegaram à sala de espera, Claire notou os outros pacientes que usavam chapéus e lenços. Quando os olhares se cruzavam, havia uma espécie de triste reconhecimento mútuo. Eles eram membros de um clube para o qual ninguém queria entrar. Claire agora desejava não ter usado o lenço. A calvície trazia uma ousadia que ela queria abraçar.

Não houve espera nesse dia, não na data que responderia a todas as suas perguntas. Ela registrou-se e logo seguiu para a sala de ressonância magnética. Em poucos instantes já lhe injetavam contraste e a punham na máquina barulhenta.

Ao término, ela voltou para a sala de espera e sentou-se entre Meghann e Bobby. Deu as mãos a eles.

Por fim chamaram seu nome.

Claire levantou-se. Bobby amparou-a.

— Estou aqui, amor.

Os três começaram a longa caminhada até o consultório do Dr. Sussman. A placa na porta dizia CHEFE DA UNIDADE DE NEUROLOGIA. O Dr. McGrail, chefe da radiologia, também estava lá.

— Olá, Claire. Meghann — cumprimentou o Dr. Sussman. — Bobby.

— E então? — perguntou Meghann.

— O tumor reagiu à radioterapia. Está 12% menor — informou o Dr. McGrail.

— Que bom! — exclamou Meg.

Os médicos entreolharam-se. O Dr. Sussman dirigiu-se ao negatoscópio onde estavam as imagens do cérebro de Claire. Virou-se para ela.

— A redução de tamanho vai lhe dar mais tempo de vida. Mas, infelizmente, o tumor ainda é inoperável. Sinto muito.

Sinto muito.

Claire sentou-se na cadeira de couro. Achou que as pernas não resistiriam.

— Quanto tempo tenho?

A voz do Dr. Sussman era suave.

— Os índices de sobrevivência não são bons. Alguns pacientes chegam a viver um ano. Às vezes um pouco mais.

— E o resto?

— De seis a nove meses.

Claire olhou a recente aliança de casamento, a mesma que a avó Myrtle usara por seis décadas.

Meghann aproximou-se e ajoelhou-se de frente para ela.

— Nós não vamos acreditar nisso. Os arquivos...

— Pare — pediu Claire, sacudindo a cabeça, pensando em Ali. Imaginou os olhos e o sorriso luminoso da filha, e lágrimas escorreram em seu rosto. Enxugou os olhos, encarou o médico. — Qual é o próximo passo?

Meghann ficou de pé e começou a andar pelo consultório, olhando as fotografias e os diplomas nas paredes. Claire sabia que a irmã estava com medo e, portanto, irritada.

O Dr. Sussman puxou uma cadeira e sentou-se de frente para Claire.

— Temos algumas opções. Nenhuma muito boa, mas...

— Quem é este?

A voz de Meghann trazia nervosismo. Ela segurava uma fotografia que havia retirado da parede.

O Dr. Sussman franziu a testa.

— Esse é um grupo de alunos da faculdade de medicina.

Ele se voltou para Claire.

Meghann jogou o retrato sobre a mesa com tanta força que o vidro se partiu. Apontou para alguém na fotografia.

— Quem é este homem?

O Dr. Sussman inclinou-se para a frente.

— Joe Wyatt.

— Ele é *médico*?

Claire fitou a irmã.

— Você conhece Joe?

— *Você* conhece Joe? — surpreendeu-se Meghann.

— Na verdade, ele é radiologista. — Foi o Dr. McGrail que respondeu. — Um dos melhores do país. Pelo menos, era. Uma sumidade em ressonância magnética.

Enxergava coisas, e possibilidades, que ninguém mais enxergava.

Claire franziu as sobrancelhas.

— Meghann, desista. Não precisamos mais de nenhum radiologista. E, acredite em mim, Joe não seria a pessoa indicada para se pedir ajuda. O que eu preciso é de um milagre.

Meghann perguntou ao Dr. McGrail:

— Como assim, *era* o melhor?

— Ele abandonou a medicina. Aliás, desapareceu.

— Por quê?

— Porque matou a mulher.

CAPÍTULO DEZ

A VOLTA PARA CASA durou uma eternidade. Ninguém dizia nada. Quando chegaram ao apartamento, Bobby abraçou Claire com tanta força, que ela mal conseguia respirar, então ele se afastou.

— Preciso tomar um banho — murmurou.

Ela assentiu, sabendo exatamente do que ele precisava. Ela própria havia derramado algumas lágrimas no boxe de vidro de Meghann.

Desabou no sofá. Estava cansada e aérea. Havia um zumbido em seus ouvidos e um formigamento na mão direita, mas não podia admitir nada disso para Meghann.

Meg sentou-se de frente para ela, do outro lado da mesinha de centro.

— Estão sendo feitas milhares de experiências clínicas...

Claire ergueu a mão.

— Podemos falar a sério por um minuto?

Meghann parecia desnorтеada.

— O que foi? — perguntou.

— Quando eu era pequena, costumava fantasiar contrair uma doença rara que levasse você e mamãe ao meu leito de morte. Imaginava vocês chorando por mim.

Meg levantou-se com tanta fúria que bateu a canela na mesinha de centro e soltou um palavrão.

— Eu... não posso conversar sobre isso. Não posso.

Parecia-lhe impossível sair da sala rápido o bastante.

— Mas preciso que você converse — objetou Claire à sala vazia.

Uma dor de cabeça insinuou-se atrás dos olhos novamente. O dia todo ela ameaçara surgir. Claire estava se recostando no sofá quando a dor a acometeu de fato. Soltou um gemido, tentou gritar. A cabeça parecia prestes a explodir.

Ela não conseguia se mexer, não conseguia respirar. *Alison*, pensou.

Então tudo escureceu.

MEGHANN ESTAVA ao lado da cama da irmã, segurando as barras de metal.

— O remédio está adiantando?

Claire parecia pequena no leito hospitalar, frágil. A tentativa de sorrir foi de partir o coração.

— Está. Só me faltava essa, uma convulsão. Bem-vinda ao meu novo mundo. Quanto tempo vou ficar aqui?

— Alguns dias.

— É hora de ligar para mamãe.

Meghann retraiu-se. A boca tremia.

— Tudo bem.

— Diga ao papai, a Ali e às Bluesers que também podem vir me ver.

Meghann sentia a derrota na voz da irmã. Queria deixá-la furiosa o suficiente para lutar, mas lhe faltava voz.

— Vou dormir — anunciou Claire. — Estou cansada.

— São os remédios.

— São? — Claire sorriu. — Boa noite. E cuide de Bobby hoje. Ele não é tão forte quanto parece.

Alguns minutos depois Bobby entrava no quarto, com a aparência abatida. Os olhos estavam vermelhos e inchados.

— Ela acordou — informou Meghann. — E voltou a dormir.

— Droga! — Ele pegou a mão de Claire. — Oi, amor. Voltei. Só saí para tomar café. — Soltou um suspiro. — Ela está desistindo.

— Eu sei. Quer que eu telefone para todo mundo. Peça que venham vê-la. Como se conta uma coisa dessas a Ali?

Os olhos dela ardiam de lágrimas.

— Eu conto — balbuciou Claire, abrindo os olhos. Ela sorriu cansada para o marido. — Bobby — sussurrou —, eu amo você.

Meghann não conseguia ficar ali nem mais um segundo.

— Vou dar os telefonemas. Tchau.

Saiu às pressas do quarto.

Era tarde agora, e os corredores estavam silenciosos. Ela dirigiu-se à fileira de telefones públicos e digitou o número da mãe.

— Sou eu, mamãe. Meghann. Claire está doente.

— Ela está em lua-de-mel.

— Isso foi há um mês, mamãe. Ela agora está no hospital.

— É melhor que isso não seja uma das suas invenções, Meggy. Como quando você ligou para o meu trabalho porque Claire tinha caído da cama e você achava que ela estava paralisada.

— Ela tem um tumor no cérebro, mamãe. A radioterapia não funcionou, e ninguém tem coragem de operá-la.

Houve uma longa pausa. E finalmente:

— Ela vai ficar bem?

— Vai — respondeu Meghann, por não imaginar nenhuma outra resposta. Então, com calma, admitiu: — Talvez não. Você deveria vir. Sem sua comitiva. Sozinha.

— Eu tenho um evento do *Starbase IV* amanhã às 14 horas e...

— Esteja aqui amanhã, ou vou ligar para a revista *People* e dizer que você não visitou sua filha que tem um tumor cerebral.

— Eu não sou boa nesse tipo de coisa.

— Ninguém é, mamãe.

Meghann desligou o telefone e digitou o número de Sam. Deixou soarem alguns toques, mas perdeu a coragem. Precisava contar aquilo pessoalmente.

Bateu o fone no gancho e retornou ao quarto da irmã. Bobby estava ao lado da cama, cantando em voz baixa para Claire, que dormia. Isso fez Meghann deter-se.

Bobby virou-se para ela. Havia lágrimas em seu rosto.

— Ela não abriu mais os olhos.

— Mas vai abrir. Continue cantando. Tenho certeza de que ela adora.

— É — respondeu ele, a voz falhando.

Meg nunca vira um homem sofrer tanto.

— Vou sair para contar a Sam. Se Claire acordar... — Ela interrompeu-se. — *Quando* Claire acordar, avise que voltarei logo. Você tem a chave do apartamento?

— Vou dormir aqui.

— Tudo bem.

Meghann deixou o quarto. Praticamente correu até o carro. E seguiu para o norte.

Noventa minutos depois, alcançava Hayden. Diminuiu a marcha, parou no sinal de trânsito.

E lá estava: o barracão de metal.

Joe Wyatt.

Dr. Joseph Wyatt. Claro. Não admirava que ele lhe parecesse familiar. O julgamento fora notícia de primeira página.

Ele é radiologista. Provavelmente um dos melhores do país. Agora aquilo voltava-lhe à mente, a informação assombrosa que de algum modo se perdera, enterrada sob a camada grossa do sofrimento.

E no entanto, quando ela o procurara, chorando pela irmã doente, ele não fizera nada. Nada. E *conhecia* Claire.

— Filho-da-puta!

Ela olhou para o lado. O envelope contendo as imagens mais recentes da ressonância magnética de Claire estava no banco do carona.

Meghann virou o volante com rapidez e pisou no freio, estacionando junto ao meio-fio. Então pegou o envelope e avançou para o chalé. Bateu à porta, gritando, até ouvir passos.

Quando ele abriu a porta, viu quem era e disse “O que...”, ela o empurrou com tanta força que ele quase caiu para trás.

— Oi, Joe. Não vai me convidar para entrar?

Ela fechou a porta com um chute.

— É quase meia-noite.

— É mesmo, *Dr. Wyatt*.

Ele sentou-se afundado no sofá e a encarou.

— Você me abraçou. Deixou que eu chorasse nos seus braços. — A voz estava trêmula. — E não me ofereceu *nada*. Que tipo de homem é você?

— O tipo de homem que sabe que seus dias de herói ficaram para trás. Se você sabe quem eu sou, sabe o que fiz.

— Você matou sua mulher. — Embora ele se retraísse, ela prosseguiu. — Seu julgamento foi um acontecimento em Seattle. O processo do médico que fez eutanásia na mulher doente.

— “Eutanásia” é um termo mais bonito que “homicídio culposo”.

Parte do furor dela murchou à tristeza que havia na voz dele.

— Olhe, Joe, num momento normal eu conversaria sobre o que você fez. Mas agora não se trata de um momento normal. Minha irmã está morrendo. — Ela jogou o envelope grande sobre a mesinha de centro, na frente dele. — Aqui estão as imagens da ressonância magnética. Talvez você possa me ajudar.

— Minha licença expirou. Já não posso exercer a medicina. Sinto muito.

— Sente muito? *Sente muito?* Você pode salvar vidas e está escondido nesta porcaria de chalé sentindo pena de si mesmo? — Ela o encarou, desejando odiá-lo, magoá-lo, sem no entanto conseguir imaginar como. — Eu *gostei* de você.

— Sinto muito — repetiu ele.

— Vou lhe mandar um convite para o enterro.

Ela deu meia-volta e avançou para a porta.

— Leve isto.

Ela parou e dirigiu-lhe um último olhar demorado.

— Não, Joe. Você vai ter de pegá-lo. Jogá-lo na lixeira você mesmo.

Então saiu. Já estava no carro quando começou a chorar.

CLAIRE FICAVA CADA VEZ mais fraca. No segundo dia no hospital, queria apenas dormir.

Os amigos e parentes começaram a aparecer religiosamente. Todos. Até a mãe. As Bluesers haviam baixado no minúsculo quarto de hospital, levando vida, riso, flores e comida calórica. Elas conversavam, contavam piadas e lembravam-se dos velhos tempos. Só Gina tivera coragem de aventurar-se pela paisagem gelada do medo de Claire.

— Sempre estarei presente para Ali — afirmou quando todas as demais se achavam no refeitório.

— Obrigada — Claire conseguiu dizer. Então, com suavidade: — Ainda não consegui contar a ela.

— E como poderia? — Os olhos de Gina cruzaram-se com os dela, enchendo-se de lágrimas. Ambas estiveram imaginando como uma mulher diria adeus à filha de cinco anos. Depois de uma longa pausa, Gina sorriu. — O que vamos fazer com seu cabelo?

— Pensei em cortar. Descolorir o que resta.

— Chiquérrimo. Vamos todas parecer velhas donas de casa perto de você.

— Esse é meu sonho agora — admitiu Claire, sem conseguir se conter. — Virar uma velha dona de casa.

No fim, por mais que amasse as amigas, Claire ficava contente quando elas iam embora. Mais tarde naquela noite, na escuridão silenciosa, sucumbiu aos remédios e adormeceu.

Acordou com um sobressalto. O coração batendo rápido demais, descompassado. Parecia não conseguir respirar. Algo estava errado.

— Claire, você está bem?

Era Bobby. Ele obviamente estivera dormindo. Esfregando os olhos, levantou-se e aproximou-se da cama.

— Bobby — sussurrou ela —, venha para a cama comigo.

Ele olhou os aparelhos, os fios intravenosos, os tubos.

— Oh, amor...

Inclinou-se e deu-lhe um beijo.

Ela fechou os olhos, sentindo-se afundar no travesseiro.

— Alison — murmurou. — Preciso da minha filha...

A dor explodiu atrás do olho direito.

Ao lado da cama, o alarme disparou.

NÃO HÁ DOR. Nenhuma. Os tubos que a ligam aos aparelhos se foram. Ela quer mostrar que se sente melhor.

De repente percebe que está se vendo de cima, observando os médicos mexerem em seu corpo. Abriram a camisola e estão apertando alguma coisa contra o seu peito.

— Afastem-se-grita um deles.

É um alívio tão grande estar ali em cima, onde não há dor.

— Afastem-se.

Então ela pensa na filha, em sua preciosa menininha, que receberá a notícia de que a mãe morreu.

O MÉDICO afastou-se.

— Ela não resistiu.

Meghann correu para a cama, gritando:

— Não faça isso, Claire. Volte. Volte, droga!

Um homem tentou afastá-la. Ela desvencilhhou-se dele.

— Estou falando sério, Claire. Volte. Você não pode deixar Alison assim. — Ela sacudia a irmã pelos ombros.

— Não ouse fazer isso.

— O batimento voltou — gritou alguém.

Empurraram Meghann para o lado. Ela manteve-se no canto da sala, olhando, rezando, enquanto os médicos estabilizavam o quadro.

Por fim eles se retiraram, arrastando os equipamentos. Meg fitou o peito de Claire, vendo-o subir e descer.

— Eu ouvi você, sabia?

Ao escutar a voz de Claire, Meg aproximou-se.

Lá estava a irmã, branca como um papel, sorrindo.

— Eu pensei: “Meu Deus, estou morta, e ela continua gritando comigo.”

JOE TENTARA JOGAR FORA o envelope pelo menos dez vezes. O problema era que não conseguia tocá-lo.

Covarde.

Ouviu a palavra tão claramente que levantou a cabeça. O chalé estava vazio. Olhou para Diana, que retribuía o olhar do alto do consolo da lareira.

Não precisava evocar a imagem dela para saber quais seriam suas palavras naquele instante. Ela estaria tão envergonhada dele quanto ele próprio. Lembraria ao marido que um dia ele fizera o juramento de ajudar as pessoas. E também não se tratava de qualquer pessoa. Era Claire Cavanaugh, a mulher que ficara ao lado de Diana hora após hora quando ela estava doente, jogando palavras cruzadas e assistindo a novelas.

Agora era Claire que se achava num leito daqueles, num quarto que exalava desespero. Se estivesse ali agora, Diana lhe diria que essa era evidentemente uma segunda chance. Uma coisa era fugir do nada. Outra era virar as costas para imagens de ressonância magnética que traziam no canto o nome de uma pessoa amiga.

Ele soltou um longo suspiro e estendeu o braço, fingindo não notar que a mão tremia. Tirou as imagens do envelope e levou-as para a cozinha, onde a luz do sol irradiava pela janela acima da pia.

Ao analisá-las, entendeu por que todo mundo havia determinado que o tumor era inoperável. A perícia necessária para realizar a cirurgia era quase inaudita. Seria preciso um neurocirurgião com mãos divinas e ego à altura. Mas, com uma ressecção cuidadosa, talvez houvesse uma chance. Era possível — apenas possível — que aquela sombra estreita não fosse tumor, mas tecido reagindo ao tumor.

Stu Weissman. O caubói. Stu Weissman, da UCLA, talvez conseguisse. Joe consultou o relógio. Sabia que só poderia falar com ele ao telefone depois do meio-dia.

Não havia dúvida sobre o que fazer em seguida.

Tomou um longo banho quente e vestiu a camisa azul que comprara havia pouco tempo, arrependido de

não ter roupas melhores, aceitando que não as tivesse. Pegou as imagens, guardou-as no envelope e dirigiu-se à casa de Smitty. Smitty estava na sala, assistindo à televisão. Ergueu a cabeça.

— Oi, Joe.

— Sei que isso não é comum, mas será que você poderia me emprestar a caminhonete? Preciso ir a Seattle. Talvez tenha de passar a noite lá.

Smitty pegou a chave no bolso e jogou-a para ele.

— Obrigado.

Joe entrou na velha e enferrujada picape Ford 1973. Bateu a porta.

Olhou o painel. Fazia anos que não se sentava no banco do motorista. Ligou o veículo e pisou no acelerador.

DUAS HORAS DEPOIS PARAVA a caminhonete no estacionamento subterrâneo da Madison com a Broadway e ingressava no saguão de sua antiga vida.

Quando a porta do elevador abriu, ele entrou. Duas pessoas de jaleco branco subiram ao seu lado, conversando sobre resultados laboratoriais. Saltaram no terceiro andar: o andar da passarela que ligava aquele prédio ao hospital Swedish.

Joe não pôde deixar de lembrar-se do tempo em que andava naquele edifício de cabeça erguida.

No 14º andar a porta abriu. Ele manteve-se parado por um instante, olhando as letras negras na porta de vidro do outro lado do corredor: ESPECIALISTAS EM MEDICINA NUCLEAR DE SEATTLE. A clínica que

ele iniciara sozinho. Havia os nomes de sete ou oito médicos listados abaixo. O de Joe não constava ali.

Ele passou pela fila de mulheres aguardando suas mamografias e dobrou outro corredor. No fim dele, respirou fundo e bateu à porta.

— Entre — ecoou a voz familiar.

Joe entrou no grande escritório que outrora havia sido seu. Li Chinn estava sentado à mesa, lendo. À entrada de Joe, ergueu os olhos. Uma expressão quase cômica de surpresa atravessou-lhe o rosto.

— Não acredito.

— Oi, Li.

Li parecia pouco à vontade, sem saber como agir, o que dizer.

— Faz muito tempo, Joe.

— Três anos.

— Onde estava?

— E isso importa? Eu gostaria que você desse uma olhada numas imagens.

Com o consentimento de Li, Joe dirigiu-se ao negatoscópio e dispôs os filmes. Li aproximou-se, analisando-os. Por um longo tempo, não disse nada. Então:

— Você está vendo alguma coisa que eu não estou?

Joe apontou.

— Aqui.

Li cruzou os braços, franziu a testa.

— Poucos cirurgiões se aventurariam. Os riscos são enormes.

— Ela vai morrer se não fizer a cirurgia.

— Ela pode morrer por causa da cirurgia.

— Acha que vale a pena tentar?

Li o encarou, o cenho cada vez mais franzido.

— O antigo Joe Wyatt nunca pedia opinião.

— As coisas mudam — respondeu ele, simplesmente.

— Conhece algum cirurgião que faria isso? Que teria capacidade de fazer isso?

— Stu Weissman, da UCLA.

— Ah. O caubói. É, talvez.

— Eu não exerço mais a medicina. Minha licença expirou. Você pode mandar as imagens ao Stu? Vou ligar para ele.

Li apagou o negatoscópio.

— Posso, sim. Sabe, não é difícil revalidar sua licença.

— Eu sei.

Joe manteve-se imóvel por um instante. O silêncio espalhou-se como um rio entre os dois homens. Ele fez menção de retirar-se.

— Espere. — Li aproximou-se. — Em particular, muitos de nós teriam feito o mesmo. Diana estava sentindo muita dor. Não havia esperança. Só agradecemos a Deus que não estávamos no seu lugar.

Joe não conseguia pensar em nenhuma resposta para aquilo.

— Você tem um dom, Joe — prosseguiu Li. — Abrir mão dele seria um crime. Quando estiver pronto, venha me ver. Este hospital tem a função de salvar vidas, e não de dar ouvidos a velhos mexericos.

— Obrigado.

Era uma palavra pequena, pequena demais para expressar sua gratidão. Constrangido pela profundidade do que sentia, Joe murmurou um agradecimento outra vez e saiu da sala.

No saguão, dirigiu-se ao telefone público e ligou para Stu Weissman.

— Joe Wyatt! — exclamou Stu. — Como está você? Achei que tivesse desaparecido da face da Terra. Uma pena o que você passou.

Ele não queria perder tempo com aquele papo de “onde você esteve”. Disse:

— Eu gostaria que você fizesse uma cirurgia. Muito arriscada. Você é o único homem que conheço capaz de realizá-la.

— Qual é o quadro?

Joe explicou o que sabia do histórico de Claire, informou o diagnóstico atual e resumiu o que vira nas imagens.

— E você acha que eu posso fazer alguma coisa.

— Só você.

— Bem, Joe. Você tem o melhor olho do ramo. Mande-me as imagens. Se eu vir o que você está vendo, embarcarei no próximo avião. Mas certifique-se de que a paciente entende os riscos.

— Pode deixar. Obrigado, Stu.

Joe pôs o fone no gancho. Agora precisava falar com Claire.

Voltou ao elevador, cruzou a passarela e entrou no hospital Swedish. Algumas pessoas franziam a testa ao reconhecê-lo, outras sussurravam às suas costas. Ele as ignorou e seguiu adiante. Ninguém teve coragem de falar com ele ou perguntar por que estava de volta, até ele alcançar a UTI. Lá, alguém disse:

— Dr. Wyatt!

Ele virou-se devagar. Era Trish Bey, enfermeira-chefe da UTI. Eles haviam trabalhado juntos durante

muitos anos. Ela e Diana tinham virado grandes amigas no fim.

— Oi, Trish.

Ela sorriu.

— Que bom vê-lo de volta! Sentimos sua falta.

Os ombros dele relaxaram. Ele quase retribuiu o sorriso.

— Obrigado.

Os dois ficaram se olhando por um instante, então ele se despediu e avançou para o quarto de Claire.

Bateu de leve e abriu a porta.

Ela estava sentada na cama, dormindo, a cabeça pendendo para o lado. Ele aproximou-se, tentando não se lembrar de quando Diana ficara assim. Pálida e frágil, o cabelo rareando, como se fosse uma boneca antiga que tivesse sido muito amada e depois abandonada.

Ela despertou, olhou para ele.

— Joey — sussurrou, sorrindo com cansaço. — Ouvi dizer que você tinha voltado. Bem-vindo.

Ele sentou-se ao lado da cama.

— Oi, Claire.

— Eu sei. Já tive dias melhores.

— Você está linda. Sempre foi.

— Obrigada, Joe. Vou mandar lembranças a Di. — Ela fechou os olhos. — Desculpe, mas estou exausta.

— Não tenha tanta pressa em ver minha mulher.

Devagar, ela abriu os olhos.

— Não existe esperança, Joe. Mais que todo mundo, você sabe disso. Dói demais fingir o contrário.

— Eu vejo a coisa... de outro modo.

— Está dizendo que eu não deveria desistir?

— A cirurgia pode salvá-la. Mas é possível que haja efeitos colaterais complicados, Claire. Paralisia. Perda da capacidade motora. Danos cerebrais.

— Sabe no que eu estava pensando antes de você chegar?

— Não.

— Em como dizer a Ali que a mamãe vai morrer. Eu correria qualquer risco, Joe. Qualquer coisa para não ter de me despedir de Ali para sempre.

— Vou mandar suas imagens da ressonância para um amigo meu. Se ele concordar com meu diagnóstico, vai fazer a cirurgia.

— Obrigada, Joe — murmurou ela, e fechou os olhos de novo.

Ele inclinou-se e beijou-lhe a testa.

— Tchau, Claire.

Estava perto da porta quando ela chamou:

— Joe?

Ele virou-se.

— O quê?

— Ela não deveria ter pedido aquilo a você.

— Quem? — perguntou ele, embora soubesse.

— Diana. Eu nunca pediria uma coisa dessas a Bobby. Sei que isso o destruiria.

Joe não sabia o que responder. Era o mesmo que Gina sempre dizia. Ele deixou o quarto e fechou a porta. Com um suspiro, encostou-se na parede e fechou os olhos.

— Joe?

Ele reabriu os olhos e afastou-se da parede. Meghan estava a poucos metros de distância, os olhos vermelhos e úmidos.

Aproximou-se dele.

— Diga que achou uma maneira de ajudá-la.

— Falei com um colega da UCLA. Se ele concordar comigo, vai operá-la, mas...

Meghann abraçou-o.

— Obrigada!

— É muito arriscado, Meg. Ela pode não sobreviver à cirurgia.

Meghann afastou-se, segurou as lágrimas.

— As mulheres da nossa família preferem perder lutando. Obrigada, Joe. E...desculpe pelas coisas que eu disse. Às vezes eu sei ser uma bruxa.

— Agora que você me avisa?

Ela sorriu, enxugou os olhos mais uma vez.

— Você deveria ter me falado da sua mulher.

— Num dos nossos bate-papos íntimos?

— É, num deles.

— Não é conversa para se ter na cama. Como fazer amor com uma mulher, depois contar a ela que matei minha esposa?

— Você não a matou. O câncer a matou. Você pôs fim ao sofrimento dela.

— E à respiração.

Meghann encarou-o.

— Se Claire me pedisse, eu faria o mesmo. Acho que também estaria disposta a ir para a cadeia por isso.

— Peça a Deus para nunca ter de descobrir.

A voz dele falhou.

— O que fazemos agora? — perguntou ela. — Com relação a Claire.

— Esperamos a resposta de Stu. E rezamos para que ele concorde com minha avaliação.

NA MANHÃ SEGUINTE Stu Weissman telefonou para Claire. Ela estava tão grogue que precisou de algum tempo para entendê-lo.

— Espere um pouco — pediu afinal, sentando-se.
— O senhor está dizendo que vai fazer a cirurgia?

— Isso mesmo. Mas o quadro não é dos melhores. Você pode acabar sofrendo paralisia, danos cerebrais ou algo pior.

— Algo pior mais cedo, é isso que o senhor quer dizer.

Ele riu.

— É.

— Vou arriscar.

— Então também vou. Estarei aí à noite. Marquei a cirurgia para as 8 da manhã. — A voz ficou mais branda.
— Não quero ser pessimista, Claire. Mas é melhor você pôr suas coisas em ordem hoje. Se é que me entende.

— Entendo, sim. Obrigada, Dr. Weissman.

DURANTE TODO O DIA Claire despediu-se das amigas.

Com Karen, brincou sobre os cabelos brancos que Willie certamente lhe traria nos anos seguintes. Para Charlotte, disse:

— Não desista de ter filhos. Eles são a marca que deixamos neste mundo. Se não engravidar, adote.

Gina foi a mais difícil. Durante quase uma hora elas ficaram juntas, com Claire volta e meia cochilando.

— Cuide da minha família — pediu afinal.

Todas faziam de conta de que Claire ainda estaria ali na noite seguinte, rindo como sempre. Ela transmitia essa fé às amigas, e, embora quisesse tê-la ela própria, a esperança parecia um suéter emprestado que não lhe assentava bem.

A idéia das despedidas que ainda teria de enfrentar era devastadora. Bobby e Sam a abraçariam e chorariam, Meg ficaria nervosa e exaltada, e ainda havia Ali. Como ela conseguiria passar por tudo isso?

CLAIRE PROVAVELMENTE DORMIRA de novo. Quando acordou, a luz do sol lá fora havia sumido, deixando no quarto um leve tom prateado.

— Mamãe acordou!

Ela viu a filha abraçada a Meghann como uma macaquinha, os braços enlaçados no pescoço, os pés presos às costas da tia.

Claire soltou um gemido antes de recobrar o ânimo e abrir um sorriso cansado. O único jeito de atravessar aquele momento era fingir que haveria outro. Por Ali, ela precisava acreditar num milagre.

— Olá, Ali. — Claire abriu os braços. — Venha aqui.

Com cuidado, Meg deixou Ali nos braços finos de Claire. Ela abraçou a filha com força. Estava restando as lágrimas e mantendo o sorriso por um triz quando sussurrou no ouvido pequenino dela:

— Lembre-se de que amo você.

— Eu sei — respondeu Ali, aninhando-se à mãe. Ela manteve-se imóvel como se dormisse, mais parada que de costume. Foi aí que Claire se deu conta de que Alison en-

tendia. A filha aproximou-se e disse: — Falei com Deus que nunca mais vou pedir Cap'n Crunch se Ele fizer você melhorar.

Claire manteve-se agarrada a Ali o quanto pôde.

— Leve-a para casa — pediu, quando a dor ficou insuportável.

Meghann adiantou-se imediatamente, tomando Ali nos braços outra vez.

Mas Ali se desembaraçou do domínio de Meg e sentou-se na cadeira de plástico ao lado da cama. Ficou ali parada na cadeira bamba, olhando para Claire.

— Eu não quero que você morra, mamãe — disse.

Doía tanto que até chorar era difícil.

— Eu sei, princesa, e amo você mais do que há estrelas no céu. Agora volte para casa com o vovô e Bobby. Eles vão levar você para assistir a um filme.

Meghann ergueu Ali novamente. Claire notou que ela também estava à beira das lágrimas.

— Peça a Bobby que vá para casa hoje — suplicou à irmã. — Diga que Ali precisa dele esta noite.

Meg apertou a mão dela.

— *Nós* precisamos de você.

— Agora preciso dormir — foi tudo que Claire conseguiu pensar em dizer.

HORAS MAIS TARDE, Claire acordou com um sobresalto. Por um instante, não sabia onde estava. Então viu as flores e os aparelhos. Se comprimisse os olhos, divisaria o relógio de parede. O luar reluzia no vidro do mostrador. Eram 4 horas da madrugada.

Dali a poucas horas, abririam sua cabeça. Ela começou a entrar em desespero, então viu que Meg estava no canto do quarto, esparramada numa daquelas cadeiras desconfortáveis, dormindo.

— Meg — sussurrou, apertando o botão de controle da cama, que se inclinou para cima. — Meg — chamou em voz mais alta.

Meghann endireitou-se e olhou à volta.

— Está na hora?

— Não. Faltam quatro horas.

Meghann puxou a cadeira para perto da cama.

— Dormiu?

— Um pouco. — Claire olhou a lua pela janela. De repente, sentia medo, tremia. — Você se lembra do que eu fazia quando tinha pesadelo?

— Você se deitava na cama comigo.

— É. Aquele catre velho na sala do *trailer*. — Claire sorriu. — Ele tinha cheiro de uísque e cigarro, mas, quando eu me deitava com você, e você me abraçava, era como se nada pudesse me atingir.

Ela encarou Meghann e puxou a manta devagar.

Meghann hesitou, mas acabou entrando no leito de Claire, e puxou-a para si.

— Por que nos esquecemos de tudo que era importante? — perguntou Claire.

— Eu fui uma idiota.

— Nós desperdiçamos muito tempo.

— Desculpe — pediu Meg. — Eu deveria ter dito isso há anos.

Claire pegou a mão de Meg.

— Vou lhe pedir um favor, mas não posso pedir duas vezes. Dizer cada palavra é como engolir vidro que-

brado. Se o pior acontecer, quero que você participe da vida de Ali. Ela vai precisar de uma mãe.

Meg apertou a mão de Claire. Longos segundos se passaram antes de responder:

— Vou me certificar de que ela sempre se lembre de você.

Claire assentiu; não conseguia falar.

Depois disso elas ficaram deitadas na escuridão, abraçadas, até a alvorada iluminar o quarto e os médicos levarem Claire.

MEGHANN ESTAVA À JANELA, olhando o aglomerado de prédios bege do outro lado da rua. Nas três horas que se passaram desde que haviam levado Claire para a cirurgia, Meghann contara todas as janelas.

Alguém puxou a manga de sua blusa. Ela olhou para baixo. Alison a fitava.

— Estou com sede.

— Tudo bem, querida — disse Meg, colocando-a no colo e levando-a para o refeitório.

— Quero Pepsi Blue. Foi o que você me deu da última vez.

— São só 11 horas da manhã. É melhor tomar suco.

— Você está parecendo minha mãe.

Meg engoliu em seco.

— Sabia que sua mãe adorava Tab quando era pequena? Mas eu a obrigava a tomar suco de laranja.

Meghann comprou o suco e levou Alison de volta à sala de espera. Mas, quando se inclinou para deixá-la no chão, a menininha apertou-a com mais força.

— Ah, Ali — suspirou Meg, abraçando a sobrinha.

Ela queria prometer que sua mãe melhoraria, mas as palavras ficaram presas na garganta. Sentou-se, ainda abraçando Ali, e afagou seu cabelo. Em poucos minutos a criança dormia.

Do outro lado da sala Gina olhou para elas e retornou a suas palavras cruzadas. Sam, a mãe, Bobby, Karen e Charlotte jogavam cartas. Joe estava sentado num canto, lendo uma revista. Há horas não falava com ninguém.

Por volta do meio-dia a enfermeira surgiu para avisar que demoraria mais algumas horas.

— Vocês deveriam comer alguma coisa — sugeriu.
— Não vai ser de grande ajuda para Claire se caírem desmaiados aqui.

Sam assentiu e levantou-se.

— Vamos — chamou todos. — Vamos sair um pouco. O almoço é por minha conta.

— Eu vou ficar — decidiu Meghann. — Alison precisa dormir.

Quando todos se foram, Meghann recostou-se na cadeira e apoiou a cabeça na parede. Parecia que apenas um dia antes abraçara Claire assim, garantindo à irmã caçula que tudo ficaria bem.

— Já se passaram quatro horas, droga! O que estão fazendo aí dentro?

Meg abriu os olhos. A mãe estava diante dela, segurando um cigarro Virginia Slims apagado. A maquiagem havia desbotado um pouco, borrara em algumas partes, e, sem a maquiagem, a mãe também parecia desbotada.

— Achei que você tivesse ido almoçar com eles.

— Comida de refeitório! Nem pensar. Depois janto na suíte do hotel.

— Sente-se, mamãe.

A mãe desabou na cadeira de plástico ao lado.

— Este é o pior dia da minha vida. E isso não é pouco.

AS HORAS PASSARAM ARRASTADAS até finalmente, por volta das 16 horas, o Dr. Weissman surgir na sala de espera. Meghann foi a primeira a vê-lo. Firmou Ali no colo e se pôs de pé. Bobby levantou-se em seguida, então Sam, a mãe, Joe, Gina, Karen e Charlotte fizeram o mesmo. O médico conseguiu abrir um sorriso cansado.

— A cirurgia correu bem.

— Graças a Deus! — murmuraram todos juntos.

— Mas ela ainda corre perigo. O tumor era mais invasivo que imaginávamos. — Ele olhou para Joe. — As próximas horas nos dirão mais.

CAPÍTULO

ONZE

CLAIRE ACORDOU GROGUE E CONFUSA. Uma dor de cabeça latejava atrás dos olhos. Ela estava prestes a apertar o botão de chamada das enfermeiras para pedir um Advil quando lhe ocorreu que estava viva.

Testou a memória procurando lembrar-se de todas as cidades em que havia morado na infância, mas chegara apenas a Barstow quando a primeira enfermeira apareceu. Depois disso ela foi cutucada, espetada e examinada até não conseguir mais pensar.

A família revezava-se para lhe fazer companhia. Duas de suas lembranças mais vividas do período pós-operatório viriam a ser Bobby segurando um saco de gelo por horas a fio sobre sua cabeça e o pai lhe dando lascas de gelo quando ela sentia sede. Meghann levou para ela o desenho mais recente de Ali: três figuras coloridas à margem de um rio. Num garrancho vago ao fundo, lia-se: “Amo você, mamãe.”

No segundo dia posterior à cirurgia Claire ficou irritada. Sentia dor no corpo inteiro, e os machucados na testa, causados pelo halo metálico, haviam começado a inchar.

Quando chegou a hora da ressonância magnética, ela visualizou o cérebro imaculado, viu-o tão claramente que,

quando o exame terminou, as têmeoras estavam úmidas de lágrimas.

A espera do resultado foi insuportável. Meghann andava de um lado para outro do quarto do hospital. Bobby apertava a mão de Claire com tanta força que ela perdeu a sensação dos dedos. Sam surgia de poucos em poucos minutos.

Por fim a enfermeira de Claire apareceu.

— Os médicos estão esperando por você.

Pequenas coisas ajudaram Claire no trajeto realizado em cadeira de rodas: o calor da mão de Bobby em seu ombro, a maneira como Meghann se mantinha próxima.

Quando chegaram ao consultório onde os médicos aguardavam, o Dr. Weissman foi o primeiro a falar.

— Bom dia, Claire.

— Bom dia — respondeu ela.

Os homens esperaram Meghann sentar-se. Logo entenderam que ela não se sentaria.

O Dr. Weissman acendeu o negatoscópio. Claire analisou as imagens de seu cérebro, então encarou os homens.

— Não estou vendo o tumor.

O Dr. Weissman sorriu.

— Acho que tiramos tudo, Claire.

— Oh, meu Deus!

Ela havia ansiado por isso, rezado por isso.

— Os primeiros relatórios laboratoriais indicam que se tratava de um astrocitoma de baixo grau.

— Não era glioblastoma multiforme? Graças a Deus.

— Sim, uma boa notícia. E ele também era benigno.

Um dos outros médicos interveio.

— Você é uma mulher de muita sorte. O Dr. Weissman fez um trabalho excelente. Mas, como você sabe, a maioria dos tumores cerebrais se regenera. São 28%...

— Pare! — Claire só se deu conta de que havia gritado quando viu o olhar espantado dos médicos. — Não quero saber das estatísticas. Era benigno, não era?

— Era, mas “benigno” no cérebro é um termo um tanto enganoso. Todo tumor cerebral pode acabar sendo fatal, benigno ou não.

— Tudo bem, tudo bem — assentiu Claire. — Mas não é um câncer que vai se espalhar pelo meu corpo, certo?

— Correto.

— Então, agora ele se foi, e era benigno. Só quero ouvir isso. Podem falar sobre tratamentos daqui em diante, mas não sobre índices de so-brevida. — Ela sorriu para Meg. — Eu tenho um belo futuro pela frente.

Só o Dr. Weissman sorria. Atravessou o escritório e sussurrou no ouvido de Claire.

— Sorte a sua.

Ela o fitou.

— Não tenho palavras para lhe agradecer.

— Joe Wyatt é o homem a quem você deveria agradecer. Boa sorte.

Assim que retornou ao quarto, Claire desatou a chorar. Bobby abraçou-a apertado até ela finalmente olhar para ele.

— Eu amo você, Bobby. Agora vá pegar nossa filha.

Ele saiu às pressas.

— Você foi incrível lá dentro — elogiou Meg, quando estavam sozinhas.

— Meu novo lema é “Não se meta com a Carequi-nha”.

— Não vou me meter — assentiu Meg, rindo.

Claire segurou sua mão.

— Obrigada.

Meg beijou a testa de Claire e sussurrou:

— Nós somos irmãs. — Era resposta suficiente. — Vou chamar mamãe agora. Ela provavelmente vai trazer uma equipe de filmagem.

Com um sorriso, Meghann deixou o quarto.

— Eu não tenho mais tumor — ensaiou Claire em voz alta para o quarto vazio. Então riu.

MEGHANN ENCONTROU todos no refeitório. Bobby já estava ali, falando com Sam. A mãe encontrava-se na fila, distribuindo autógrafos. As Bluesers e Alison achavam-se sentadas num canto, conversando em voz baixa. Só faltava Joe.

— E lá estava eu — dizia a mãe a uma platéia extasiada —, pronta para subir ao palco num vestido que não fechava. Eu sou — frisou, rindo — uma mulher de peito, então imaginem...

— Mamãe? — chamou Meghann, tocando seu braço.

A mãe deu meia-volta. Quando viu Meghann, o sorriso desapareceu. Por um instante ela pareceu vulnerável.

— E aí? — sussurrou.

— Vá até o quarto, mamãe. A notícia é boa.

A mãe suspirou aliviada.

— *Claro* que é. Vocês são tão dramáticos. — Ela virou-se para a platéia. — Detesto sair no meio de uma his-

tória, mas parece que minha filha teve uma recuperação milagrosa. Isso me lembra de um filme que eu fiz para a televisão, no qual...

Meghann afastou-se.

— 'Tia Meg! — gritou Ali, pulando, lançando-se contra ela, que a pegou no colo e a beijou. — Minha mãe melhorou!

Com isso, as Bluesers soltaram hurras.

— Venham — disse Gina às amigas. — Vamos ver Claire.

Bobby aproximou-se de Meghann.

— Vamos, Ali — chamou, tomando a menininha nos braços. — Vamos cobrir a mamãe de beijos. — Ele começou a afastar-se, então parou e deu meia-volta. Com delicadeza, beijou o rosto de Meghann e murmurou: — Obrigado.

Meghann fechou os olhos, surpresa pela intensidade de sua emoção. Quando abriu os olhos embaçados, Sam vinha em sua direção. Ele tocou seu rosto.

— Você foi o amparo de Claire nesse pesadelo — murmurou. — Tem um coração de ouro. E sinto muito por não ter visto isso antes.

— Muitas coisas ficaram mais claras nos últimos tempos.

— É. — Um segundo depois ele acrescentava: — Espero você lá em casa no Dia de Ação de Graças. E não me venha com desculpas esfarrapadas. Nós somos uma família.

Meg lembrou-se de todos os anos em que recusara os convites de Claire. Então pensou no último Dia de Ação de Graças, quando jantara granola sozinha. Durante todo aquele tempo, havia fingido que não era solitária.

Para ela, bastava de fingimento e bastava de estar sozinha quando tinha uma família com que ficar.

— Nem tente me deixar de lado.

Meghann dirigiu-se até o elevador, desceu para o saguão e saiu do hospital. Tudo na cidade parecia mais distinto, mais nítido. Ela desceu a rua, pensando em muitas coisas: na vida, no trabalho, na família.

Talvez mudasse de profissão, atuasse em outra área do Direito. Ou talvez montasse um negócio, como uma agência de informações para pessoas com tumor cerebral. O mundo agora parecia aberto para ela, cheio de novas possibilidades.

Meghann levou menos de meia hora para chegar em casa. Estava prestes a atravessar a rua quando o viu parado na frente do prédio.

Joe afastou-se da parede onde estivera encostado e atravessou a rua.

— Gina me contou onde você morava.

— Stu falou com você sobre a ressonância magnética?

— Acabei de me despedir dele. Boa perspectiva para Claire.

Ele aproximou-se.

— Estou cansado de não me importar, Meg — desabafou, em voz baixa. — E estou cansado de fingir que morri quando Diana morreu.

Ela encarou-o. Eles estavam próximos agora, próximos o bastante para ele a beijar se quisesse.

— Que chances tem um casal como nós?

— Nós temos uma chance. É o que todo casal tem.

— Podemos acabar nos magoando.

— Já sobrevivemos a isso. — Ele tocou o rosto dela com suavidade, o que a fez querer chorar. — E talvez nos apaixonemos.

Ela mirou os olhos dele e viu uma esperança para o futuro. Viu um pouco do amor do qual ele falava e, pela primeira vez, acreditou nesse amor. Se Claire podia recuperar a saúde, tudo era possível. Ela o enlaçou e ficou na ponta dos pés. Pouco antes de beijá-lo, ousou sussurrar:

— Talvez já tenhamos nos apaixonado.

EPÍLOGO

Um ano depois

O BARULHO ERA ensurdecedor. O parque de diversões estava abarrotado: crianças gritando nos brinquedos, pais berrando pelos filhos, funcionários chamando os visitantes para participar das brincadeiras. Alison seguia na frente, arrastando Joe de brinquedo em brinquedo. Meghann e Claire caminhavam no encalço deles, conversando com tranqüilidade, carregando os animais de pelúcia baratos e as quinquilharias que Joe ganhara. A manqueira de Claire era o único vestígio físico de seu martírio, e a cada dia ficava menos evidente.

— Está na hora — anunciou Claire, fazendo sinal para Joe.

Os quatro cruzaram a praça de alimentação e dobraram à esquerda, em direção à arquibancada do parque.

— Já tem bastante gente — comentou Claire, nervosa.

— Claro que tem — respondeu Meghann.

— Depressa, mamãe, depressa!

Alison pulava no chão. À porta de acesso especial, Claire mostrou a credencial de trânsito livre pelos camarins. Eles atravessaram o palco, passando pelos músicos e cantores que se preparavam.

Bobby viu-os chegar e acenou. Alison correu em sua direção. Ele pegou-a no colo e girou-a no ar.

— Meu pai vai cantar hoje! — gritou a menina, para quem quisesse ouvir.

— Isso mesmo. — Bobby abraçou Claire e puxou-a para um beijo. — Deseje-me sorte.

— Você não precisa disso.

Eles conversaram com Bobby durante mais alguns minutos, então se retiraram para deixá-lo aprontar-se. Subiram na arquibancada e acharam seus lugares na quarta fila. Meghann ajudou Claire a sentar-se; a irmã às vezes ainda se mostrava instável.

— Kent Ames telefonou na semana passada — contou Claire. — Mamãe o esculhambou por cancelar o contrato. Parece que ele quer dar outra chance a Bobby. Disse que espera que suas *prioridades* tenham mudado.

Ela sorriu. Um homem subiu ao palco e anunciou:

— Bobby Jack Austin!

A platéia aplaudiu com educação.

Alison pulava, gritando:

— Aí, papai!

Bobby subiu ao palco com o violão. Correu os olhos pela platéia, achou Claire e mandou-lhe um beijo.

— Esta música é para minha mulher, que me ensinou sobre o amor e a coragem. Eu amo você.

Ele dedilhou o violão e começou a cantar. A bela voz envolveu a música e hipnotizou a multidão. A canção falava sobre o encontro com a mulher de seus sonhos e o amor que ele sentia por ela, sobre o apoio que lhe dera nos momentos difíceis. Na última estrofe, a voz tornou-se um sussurro enrouquecido:

*Quando a vi tropeçar
nas pedras do caminho
aprendi sobre o amor e
a dádiva do nosso ninho.*

Dessa vez o aplauso foi estrondoso. Metade das mulheres na platéia chorava.

Meghann abraçou a irmã.

— Eu *avisei* que ele seria um ótimo marido. Gostei dele de cara.

Claire riu.

— É, sei. E você e Joe? Estão praticamente morando juntos. Sinto que em breve teremos um acordo pré-nupcial.

Meghann olhou para Joe, que estava de pé, aplaudindo. Alison achava-se nos braços dele. Desde que voltara a exercer a medicina, ele dizia que tudo era possível. Os dois haviam ensinado um ao outro a acreditar no amor novamente.

— Contrato pré-nupcial? Eu? De jeito nenhum. Estamos pensando num casamento pequeno. Ao ar livre...

— Ao ar livre? Onde pode chover? Onde existem mosquitos?

— Talvez com hambúrgueres, cachorros-quentes e...

— A salada de batatas de Gina.

Ambas falaram ao mesmo tempo e riram.

— É — assentiu Meghann, encostando-se na irmã.
— Esse tipo de casamento.

* * *



Digitalização/ Revisão: ERAGOCRIS